



**CONVERGÊNCIA CONTÁBIL INTERNACIONAL: UMA ANÁLISE DA
QUALIDADE DA INFORMAÇÃO CONTÁBIL EM RAZÃO DA ADOÇÃO DOS
PADRÕES INTERNACIONAIS DE CONTABILIDADE EDITADOS PELO IASB**

JOMAR MIRANDA RODRIGUES

**BRASÍLIA – DF
2012**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB)
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (UFPB)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE (UFRN)
Programa Multiinstitucional e Inter-Regional de Pós-Graduação em
Ciências Contábeis

JOMAR MIRANDA RODRIGUES

**CONVERGÊNCIA CONTÁBIL INTERNACIONAL: UMA ANÁLISE DA
QUALIDADE DA INFORMAÇÃO CONTÁBIL EM RAZÃO DA ADOÇÃO DOS
PADRÕES INTERNACIONAIS DE CONTABILIDADE EDITADOS PELO IASB**

Tese submetida ao Programa de Multiinstitucional e Inter-Regional de Pós-Graduação em Ciências Contábeis (UnB/UFPB/UFRN), como requisito para a obtenção do título de Doutor em Ciências Contábeis.

Orientador: Prof. Dr. Jorge Katsumi Niyama

Co-orientador: Prof. Dr. Edilson Paulo

Área de Concentração: Mensuração Contábil
Linha de Pesquisa: Contabilidade e Mercado Financeiro

BRASÍLIA – DF
2012

Divisão de Serviços Técnicos
Catalogação da Publicação na Fonte. UnB / Biblioteca Central

Rodrigues, Jomar Miranda

Convergência contábil internacional: uma análise da qualidade da informação contábil em razão da adoção dos padrões internacionais de contabilidade editados pelo IASB / Jomar Miranda Rodrigues. – Brasília. DF. 2012.

183 f.

Orientador: Prof. Dr. Jorge Katsumi Niyama

Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília. Faculdade de Economia, Administração e Ciências Contábeis e Atuariais. – FACE. Programa Multi-institucional e Inter-Regional de Pós-Graduação em Ciências Contábeis (UnB/UFPB/UFRN).

1. Qualidade da Informação Contábil – Convergência. 2. Conservadorismo 3. Persistência 4. Gerenciamento de Resultados 5. *Value Relevance* I. NIYAMA, Jorge Katsumi. II. Universidade de Brasília. III. Universidade Federal da Paraíba. IV. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. V. Contabilidade Internacional.

JOMAR MIRANDA RODRIGUES

**CONVERGÊNCIA CONTÁBIL INTERNACIONAL: UMA ANÁLISE DA
QUALIDADE DA INFORMAÇÃO CONTÁBIL EM RAZÃO DA ADOÇÃO DOS
PADRÕES INTERNACIONAIS DE CONTABILIDADE EDITADOS PELO IASB**

Tese submetida à apreciação da banca examinadora do Programa de Doutorado Multiinstitucional e Inter-Regional de Pós-Graduação em Ciências Contábeis (UnB/UFPB/UFRN), como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Ciências Contábeis.

Aprovada em 09/11/2012

Prof. Dr. Jorge Katsumi Niyama
Universidade de Brasília – UnB
Orientador

Profa. Dra. Marina Mitiyo Yamamoto
Universidade de São Paulo – FEA/USP
Membro externo

Prof. Dr. Antonio Lopo Martinez
Fundação Instituto Capixaba de Pesquisas em
Contabilidade, Economia e Finanças – FUCAPE/ES
Membro externo

Prof. Otávio Ribeiro de Medeiros, PhD
Universidade de Brasília – UnB
Membro interno

Prof. Dr. César Augusto Tibúrcio Silva
Universidade de Brasília – UnB
Membro interno

BRASÍLIA – DF
2012

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB)

Reitor:

Prof. Dr. Jose Geraldo de Sousa Junior

Vice-Reitor:

Prof. Dr. João Batista de Sousa

Decano de Pesquisa e Pós-Graduação:

Prof. Dr. Isaac Roitman

Diretor da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FACE):

Prof. Dr. Tomas de Aquino Guimaraes

Chefe do Departamento de Ciências Contábeis e Atuariais (CCA):

Prof. Mestre Wagner Rodrigues dos Santos

Coordenador-Geral do Programa Multi-institucional e Inter-regional de Pós-Graduação em Ciências Contábeis UnB/UFPB/UFRN:

Prof. Dr. César Augusto Tibúrcio Silva

DEDICATÓRIA

Dedico à minha mãe, verdadeiro suporte a minha vida.

Obrigado e te amo!

AGRADECIMENTOS

À Deus por ser misericordioso conosco todos os dias em nossa vida.

À minha mãe (Maria da Conceição), um exemplo de mulher determinada a construir um mundo melhor, mesmo diante da partida do meu pai (João Pedro) tão cedo e restando apenas a criar e proteger os seus filhos tão pequenos e por ter passado por constantes desafios e provações. Mãe, a senhora é a melhor mãe e pai também!

Aos meus familiares, em especial meu irmão, Donaldo, e tio, Francisco. Amigos inseparáveis que sempre me deram apoio, com palavras e conselhos positivos e com incentivos a não desistir jamais de meus sonhos. Sonhos que não são meus somente, mas nossos sonhos!

À Mauriângela Teles, companheira e amiga. Obrigado pelo carinho, apoio e compreensão em todos os momentos de minha luta pessoal e profissional.

Aos meus familiares, Família Miranda e Rodrigues, que sempre me proporcionaram o suporte inigualável todos os dias e sempre me ensinaram que o estudo é único e que ninguém pode nos retirar.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Jorge Katsumi Niyama, pessoa com quem sempre tive a oportunidade de aprender e crescer como profissional e como pessoa. Obrigado por todo apoio durante meu processo de orientação, feito com muita paciência e presteza durante toda minha jornada acadêmica e científica. Agradeço ainda mais por manter sempre as portas abertas para os aconselhamentos e orientações profissionais e acadêmicas.

Ao meu co-orientador, prof. Dr. Edilson Paulo, por suas valiosas contribuições e sugestões, os quais foram essenciais para realização desta pesquisa. Obrigado pela oportunidade de aprendizado, pela amizade sem exigência de contrapartida e pelo saudável convívio não somente durante as aulas, mas também nos momentos de descontração .

A todos os professores do Programa Multi-institucional e Inter-Regional de Pós-Graduação em Ciências Contábeis, Dr. César Augusto Tibúrcio Silva, Dr. Gileno Fernandes Marcelino, Dr. José Dionísio Gomes da Silva, Dr. José Matias Pereira, Dr. Otávio de Medeiros e Dr. Paulo Roberto Barbosa Lustosa, Obrigado pelo incentivo e aprendizado proporcionados.

Aos colegas de turma: Bruno Vinícius Ramos Fernandes, Diogo Henrique de Silva Lima, Eduardo Tadeu Vieira, Erivan Ferreira Borges, Fernanda Fernandes Rodrigues, José Alves Dantas e José Marilson Martins Dantas, pela amizade e pelos momentos de luta e felicidades que tivemos durante o curso. Amizade longa para nós.

Ao amigo Dr. José Alves Dantas, muito obrigado pelas colaborações indispensáveis quanto ao desenvolvimento desta desde o início.

Ao amigo e prof. Dr. Rodrigo de Souza Gonçalves, pela força e troca de ideias no Enanpad de 2009. Oportunidade em que aprendi muito.

Ao amigo e prof. Me Cláudio Moreira Santana pelas ideias e discussões profissionais diárias e oportunas.

Às secretarias do Departamento de Ciências Contábeis e Atuariais, pelo apoio institucional, e do Programa do Multi-institucional e Inter-Regional de Pós-Graduação em Ciências Contábeis, pelo carinho e acolhimento com que sempre me trataram.

Ao amigo Me Pedro Henrique Duarte de Oliveira, pelo apoio quanto ao desenvolvimento da minha vida acadêmica.

À amiga, sempre paciente e conselheira, Me Corah Lucas Prado, a qual sempre colaborou nas revisões de meus trabalhos e publicações.

Aos amigos Pe José Ivan Dias, Pe Cristiano José Soares Sanches e Pe Paulo Batista Borges pelos aconselhamentos diários. Obrigado!

Obrigado a todos que sempre contribuem ao meu processo de crescimento.

“Ide por todo o mundo e proclamai o evangelho a toda criatura”

(Mc 16,15)

RESUMO

Com o desenvolvimento dos mercados globalizados, a contabilidade passa ser a linguagem de comunicação entre as diversas empresas e entre os diversos países, em uma linguagem não uniforme. Os padrões internacionais vêm a minimizar tais diferenças com a finalidade de melhorar a comparabilidade entre as empresas e para que as informações possam ser mais uteis. Assim, percebe-se a necessidade de melhorar a qualidade da informação, o que é esperado com a utilização dos padrões internacionais. Neste sentido, este trabalho analisa a qualidade decorrente da adoção dos padrões internacionais de contabilidade de maneira global, depois em dois grupos de países, envolvendo o grupo dos mais desenvolvidos e os emergentes, e por país individualizado. Para mensurar a qualidade, quatro as dimensões de qualidade foram utilizadas como *proxies*: a persistência, o conservadorismo, o gerenciamento de resultados e o *Value Relevance*. No que tange ao resultado global, apenas a hipótese de aumento do poder informativo não foi rejeitada. Mesmo resultado foi quando analisado o grupo dos mais desenvolvidos e dos emergentes. Dentre os principais resultados por países, o que foi possível mergulhar na análise, observa-se que a persistência do resultado foi identificada para todos os países para a variável lucro contábil, mas não decorrente da adoção dos padrões internacionais de contabilidade. Para a variável fluxo de caixa operacional, a persistência não foi significativa em nenhum dos casos. Isto possibilitou a rejeição de influencia da aplicação dos padrões internacionais para todos os países. Quanto ao conservadorismo, também foi identificado o conservadorismo para todos os casos, mas apenas para África do Sul e China que tiveram influencia dos padrões internacionais. Para os demais países, a hipótese de aumento de conservadorismo foi rejeitada. Quanto ao gerenciamento de resultados, observou uma direção diferente da esperada. Em todos os países a hipótese de redução do gerenciamento de resultados foi rejeitada e em todos os casos, houve sim, aumento quanto ao gerenciamento dos resultados nas empresas dos países analisados. Por ultimo, o *Value Relevance* foi estatisticamente significativo para Alemanha, França, África do Sul e China, pois o poder explicativo das variáveis contábeis foi incrementado com a utilização dos padrões internacionais de contabilidade. Com isto, os padrões internacionais de contabilidade ainda pouco contribuem no que tange a qualidade das informações contábeis quando analisados sob a ótica persistência, conservadorismo, gerenciamento de resultados e o *Value Relevance*, pois esta última demonstrou a melhoria da informação contábil decorrente da utilização de padrões internacionais de contabilidade.

Palavras-chaves: qualidade da informação contábil; padrões internacionais de contabilidade, convergência contábil.

ABSTRACT

With the development of globalized markets, accounting is to be the language of communication between different companies and countries, because the language is not uniform. International accounting standards have to minimize these differences in order to improve comparability between companies and improve this information to be more useful. They have a need to improve the quality of information, which is expected with the use of standards. Thus, this study examined the quality resulting from the adoption of international accounting standards globally, then two groups of countries, involving the group of the most developed and emerging countries and individualized by country. To measure quality, four dimensions of quality were used as proxies: persistence, conservatism, earnings management and Value Relevance. Regarding the overall result, only the hypothesis of increased value relevance was not rejected. Even when results were analyzed the developed and emerging countries. Among the main results by country, which could plunge the analysis, it is observed that the persistence of the result was identified for all countries to variable accounting profit, but not due to the adoption of international accounting standards. For variable operating cash flow, persistence was not significant in either case. This allowed the rejection of the application influences of international standards for all countries. The main results are analyzed and it is observed that the persistence of the result was identified for all countries to variable accounting profit, but not due to the adoption of international accounting standards. For operating cash flow variable, persistence was not significant. This allowed the rejection of the influences of international standards for countries. Conservatism was also identified in all cases, but only for South Africa and China which had influenced by the international accounting standards. To other countries, the hypothesis of increased conservatism was rejected. For earnings management, it was observed different direction than expected. For all countries, it was hypothesized reduction in earnings management and was rejected in all cases, there was rather to increase as results management companies in the countries analyzed. Finally, the Value Relevance was statistically significant for Germany, France, South Africa and China, as the explanatory power of accounting variables was increased with the use of international accounting standards. With this, the international accounting standards still aggregate a little bit, regarding the quality of accounting information, when analyzed from the viewpoint persistence, conservatism, earnings management and the Value Relevance, but just the last one attest to the improvement accounting information arising from the use of international accounting standards.

Keywords: earnings quality; international accounting standards, accounting convergence.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Estado da arte atual da processo de convergência de alguns países aos padrões internacionais de contabilidade	34
Quadro 2 – Estudos sobre a persistência dos resultados contábeis	41
Quadro 3 – Estudos brasileiros sobre o Conservadorismo Condicional	45
Quadro 4 – Comparação dos problemas de especificação dos modelos de estimação dos <i>accruals</i> discricionários.....	49
Quadro 5 – Estudos sobre relevância das variáveis contábeis (Lucro e Patrimônio).....	53
Quadro 6 – Status da convergência aos padrões contábeis do IASB, pelos países do G-7 e do BRICS.....	58
Quadro 7 – Descrição da amostra por Blocos, Países e períodos utilizados nas análises	58
Quadro 8 – Resultado Consolidado quanto as dimensões de qualidade depois dos IFRS	107

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Projeções do PIB dos 8 países do G-7 (em trilhões de USD).....	56
Tabela 2 – Projeções do PIB dos 8 países do G-7 com BRICS (em trilhões de USD)	57
Tabela 3 – Amostra de Empresas por Países	77
Tabela 4 – Global: Persistência dos resultados (Lucro)	78
Tabela 5 – Global: Persistência do Fluxo de Caixa.....	79
Tabela 6 – Global: Conservadorismo	80
Tabela 7 – Global: Gerenciamento de resultados	81
Tabela 8 – Global: Análise dos Resíduos	82
Tabela 9 – Global: <i>Value Relevance</i>	83
Tabela 10 – G7 e BRICS: Persistência dos resultados (Lucro).....	84
Tabela 11 – G7 e BRICS: Persistência do Fluxo de Caixa	85
Tabela 12 – G7 e BRICS: Conservadorismo Condicional	86
Tabela 13 – G7 e BRICS: Gerenciamento de Resultados (Modelo Pae - 2005).....	87
Tabela 14 – G7 e BRICS: Gerenciamento de Resultados (Modelo Paulo - 2007).....	88
Tabela 15 – G7 e BRICS: Análise dos Resíduos.....	89
Tabela 16 – G7 e BRICS: <i>Value Relevance</i>	90
Tabela 17 – Países: Persistência dos resultados (Lucro)	91
Tabela 18 – Países: Persistência dos resultados (Lucro) (sem outliers).....	92
Tabela 19 – Países: Persistência do Fluxo de Caixa.....	93
Tabela 20 – Países: Persistência do Fluxo de Caixa (sem outliers).....	94
Tabela 21 – Países: Conservadorismo com Efeitos Fixos	95
Tabela 23 – Países: Gerenciamento de Resultados (Modelo Pae - 2005) com Efeitos Fixos ..	98
Tabela 24 – Países: Análise dos Resíduos (Modelo Pae - 2005)	99
Tabela 25 – Países: Gerenciamento de Resultados (Modelo Paulo - 2007).....	101
Tabela 26 – Países: Análise dos Resíduos (Modelo Paulo - 2007)	102
Tabela 27 – Países: Teste de Vuong para Decisão de Modelos	102
Tabela 28 – Países: <i>Value Relevance</i> – Antes da Adoção.....	103
Tabela 29 – Países: <i>Value Relevance</i> – Depois da Adoção.....	104
Tabela 30 – Países: <i>Value Relevance</i> – Antes da Adoção (sem outliers).....	105
Tabela 31 – Países: <i>Value Relevance</i> – Depois da Adoção (sem outliers).....	106

SUMÁRIO

LISTA DE QUADROS	12
LISTA DE TABELAS	13
LISTA DE APÊNDICES	16
1. INTRODUÇÃO	18
1.1. Contextualização	18
1.2. Problema de Pesquisa	20
1.3. Objetivos.....	22
1.4. Formulação das Hipóteses de Pesquisa	23
1.5. Justificativa.....	26
1.6. Tese.....	29
1.7. Organização do trabalho.....	31
2. REVISÃO DA LITERATURA.....	32
2.1. Convergência Internacional da Contabilidade.....	32
2.1.1. Movimento de convergência global.....	33
2.1.2. Pesquisas sobre a Convergência Internacional da Contabilidade	35
2.2. Qualidade da Informação Contábil.....	36
2.2.1. Persistência dos Resultados Contábeis	39
2.2.2. Conservadorismo Condicional.....	42
2.2.3. Gerenciamento de Resultados Contábeis.....	46
2.2.4. Relevância dos Resultados Contábeis (<i>value relevance</i>).....	51
2.2.5. Pesquisas sobre a Qualidade da Informação Contábil e IFRS	54
3. METODOLOGIA DA PESQUISA	56
3.1. Seleção da amostra	56
3.2. Especificação dos Modelos Operacionais e Significância das Variáveis.....	59
3.2.1. Persistência dos Resultados Contábeis	60
3.2.2. Conservadorismo Condicional.....	61
3.2.3. Gerenciamento de Resultados.....	63
3.2.4. Relevância dos Resultados Contábeis.....	67

3.2.5.	Variáveis de Controle e <i>Dummies</i>	70
3.2.6.	Consolidação e Síntese dos Modelos Econométricos.....	71
3.3.	Estratégias e técnicas utilizadas para análise dos dados.....	73
4.	APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	76
4.1.	Análise Global.....	77
4.1.1.	Persistência dos resultados.....	78
4.1.2.	Conservadorismo condicional.....	79
4.1.3.	Gerenciamento de resultados.....	81
4.1.4.	<i>Value Relevance</i>	82
4.2.	Análise G7 e BRICS.....	83
4.2.1.	Persistência dos Resultados Contábeis.....	84
4.2.2.	Conservadorismo Condicional.....	85
4.2.3.	Gerenciamento de resultados.....	86
4.2.4.	<i>Value Relevance</i>	89
4.3.	Análise por países.....	90
4.3.1.	Persistência dos Resultados Contábeis.....	91
4.3.2.	Conservadorismo Condicional.....	95
4.3.3.	Gerenciamento de resultados: modelo Pae.....	97
4.3.4.	Gerenciamento de resultados: modelo Paulo (2007).....	99
4.3.5.	<i>Value Relevance</i>	103
4.4.	Resumo das análises: Global, G-7, BRICS e por países.....	107
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	109
5.1.	Conclusões.....	109
5.2.	Limitações do Trabalho.....	112
	REFERÊNCIAS.....	113

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice A – Classificação dos Setores na Base de Dados DataStream.....	123
Apêndice B – Descrição das Variáveis na Base DataStream	125
Apêndice C – Estatísticas descritivas: Global	126
Apêndice D – Teste de raiz unitária: Global	128
Apêndice E – Teste de multicolinearidade (FIV ¹): Global.....	130
Apêndice F – Resultados com <i>Outliers</i> : Global, G7 e BRICS	132
Apêndice G –Estatística descritiva: persistência do lucro líquido	135
Apêndice H –Teste de raiz unitária (estacionariedade): persistência do Lucro Líquido.....	137
Apêndice I – Teste de multicolinearidade (FIV): persistência do Lucro Líquido.....	139
Apêndice J – Estatística descritiva: persistência do fluxo de caixa.....	141
Apêndice K – Teste de raiz unitária (estacionariedade): persistência do fluxo de caixa	143
Apêndice L – Teste de multicolinearidade (FIV): persistência do fluxo de caixa	144
Apêndice M – Estatística descritiva: conservadorismo contábil	146
Apêndice N – Teste de raiz unitária (estacionariedade): conservadorismo contábil.....	148
Apêndice O – Teste de multicolinearidade (FIV): conservadorismo contábil	150
Apêndice P – Estatística descritiva: Gerenciamento de Resultados - Modelo Pae (2005)	152
Apêndice Q – Teste de raiz unitária (estacionariedade): Gerenciamento de Resultados - Modelo Pae (2005)	155
Apêndice R – Teste de multicolinearidade (FIV): Gerenciamento de Resultados - Modelo Pae (2005)	158
Apêndice S – Estatística descritiva: Gerenciamento de Resultados (Modelo Paulo - 2007) .	160
Apêndice T –Teste de raiz unitária (estacionariedade): Gerenciamento de Resultados (Modelo Paulo - 2007)	164
Apêndice U – Teste de multicolinearidade (FIV): Gerenciamento de Resultados (Modelo Paulo - 2007)	168
Apêndice V – Estatística descritiva (antes da adoção dos IFRS): <i>Value Relevance</i>	172
Apêndice X – Estatística descritiva (depois da adoção dos IFRS): <i>Value Relevance</i>	174
Apêndice W – Teste de raiz unitária (estacionariedade) antes da adoção dos IFRS: <i>Value Relevance</i>	176
Apêndice Y – Teste de raiz unitária (estacionariedade) depois da adoção dos IFRS: <i>Value Relevance</i>	178

Apêndice Z – Teste de multicolinearidade (FIV) antes da adoção dos IFRS: <i>Value Relevance</i>	180
Apêndice AA – Teste de multicolinearidade (FIV) depois da adoção dos IFRS: <i>Value Relevance</i>	182

1. INTRODUÇÃO

1.1. Contextualização

A contabilidade é reconhecida pela maioria de seus usuários como uma importante ferramenta ao funcionamento do mercado de capitais (MEEK; THOMAS, 2004). Não diferente deste objetivo, Choi e Meek (2005) acrescentam que o foco envolve as companhias multinacionais e que a contabilidade tem um papel vital na sociedade porque é responsável por fornecer informações sobre as empresas e suas transações, para facilitar as decisões sobre alocação de recursos pelos usuários.

Nesse sentido, a contabilidade tem sido utilizada para reduzir a assimetria de informação entre o principal (usuário da informação) e o agente (fornecedor da informação) em diversos ambientes, quer sejam empresariais ou não.

Dado esse papel a ser desempenhado pela contabilidade, a elaboração de informações contábeis mais completas e fidedignas tem sido uma preocupação de diversas entidades. A partir de “choques” e/ou turbulências na economia causadas por grandes corporações empresariais e instituições financeiras acontecidas no passado, como a quebra da Bolsa de Nova York, em 1929, e as manipulações e fraudes contábeis, como o da Enron, em 2001, e o da exposição do sistema de hipotecas e créditos imobiliários de risco (*subprime*), em 2008, as informações contábeis passaram a ter mais importância.

Além disto, com o crescimento global da economia intensificado na segunda metade do século XX, as empresas passaram a operar em ambientes internacionais e se encontravam diante da necessidade de alocação mais eficiente de seus recursos em diferentes ambientes.

Com isto, as empresas passaram a ter necessidade de reconciliar diferentes informações contábeis de países estrangeiros com padrões contábeis exigidos pela sede da empresa controladora (SCHROEDER; CLARK; CATHEY, 2005).

Para facilitar este processo, foi criado o *International Accounting Standard Committee* (IASC), em 1973 (atual *International Accounting Standard Board* – IASB), com a finalidade de buscar padrões contábeis de alta qualidade e que possam servir de referência

para a elaboração de padrões locais, inicialmente como *IAS – International Accounting Standards* – e atualmente conhecidos como *International Financial Reporting Standard* (IFRS).

O IASB preocupou-se em criar padrões contábeis para possibilitar a comparabilidade entre as demonstrações contábeis entre empresas nos mais diversos países. Neste contexto, alguns países permitem ou exigem a utilização dos IFRS/IAS em suas demonstrações contábeis, com finalidade de promover a melhoria da qualidade das informações (BARTH; LANDSMAN; LANG, 2008), e reduzir as diferenças do *financial reporting*¹.

Por outro lado, o processo de harmonização das normas internacionais de contabilidade passa a ser uma necessidade global. Porém, Bradshaw e Mille (2008, p. 233) atentam que “[...] existem poucas evidências se a harmonização das normas de contabilidade irá resultar em uma harmonização efetiva das práticas [...]”. Os autores pesquisaram empresas não estadunidenses e encontraram evidências de que o processo melhora a comparabilidade de métodos e resultados, mas destacam a necessidade de um controle normativo para alcançar este resultado.

Assim, com a finalidade de melhorar a informação contábil a seus usuários, é fundamental que essas tenham qualidade relevante para a tomada de decisão. Conforme o resumo do IASB sobre “Estrutura Conceitual para Demonstrações Financeiras – 2011” a informação contábil é relevante quando tem “valor preditivo e valor confirmatório, baseado na natureza ou magnitude, ou ambos, do item a que a informação se refere no contexto das demonstrações contábeis de uma entidade em particular”² (IFRS, 2011).

Para promover a melhoria da qualidade das informações contábeis, Sunder (2009) afirma que para a emissão de padrões contábeis internacionais é necessário um consenso e que resulte na elaboração de padrões contábeis de alta qualidade, com base em princípios, em detrimento da elaboração baseada em regras.

O termo qualidade das informações contábeis tem sido utilizado de diversas formas. Para Schroeder, Clark e Cathey (2005) os usuários das informações contábeis podem utilizar várias técnicas para avaliar a qualidade das informações contábeis. Para os autores, a

¹ Termo aqui utilizado como a maneira utilizada pelas empresas para elaborar e apresentar suas demonstrações contábeis, conforme destacado por Niyama (2010).

² Documento em português, disponível em <http://www.ifrs.org/IFRSs/Documents/Estrutura%20Conceitual.pdf>

qualidade do lucro (qualidade dos resultados ou, simplesmente, qualidade, daqui por diante) é definida por uma relação entre o lucro da empresa e o lucro econômico, por meio de diversas técnicas, o que envolve as escolhas contábeis que possam alterar os resultados e estimativas contábeis. Tais técnicas buscam verificar se as demonstrações contábeis, geradas pelos sistemas contábeis (critérios de reconhecimento, mensuração e evidenciação), são capazes de capturar a substância econômica das operações da companhia.

Já para Dechow, Ge e Schrand (2010, p. 344), existem “três características sobre [...] definição da qualidade dos lucros”. Em primeiro lugar, a qualidade é condição relevante para tomada de decisão e é definido no contexto específico da tomada de decisão. Segundo, o resultado divulgado tem a capacidade informativa do desempenho da empresa. Por fim, a qualidade dos resultados é subjacente ao desempenho da empresa em conjunto com a capacidade do sistema de informações contábeis em capturar este desempenho.

1.2. Problema de Pesquisa

A convergência internacional dos padrões contábeis tem sido o objeto de pesquisa por parte de muitos profissionais e acadêmicos ao longo dos anos, mas o progresso e os resultados sobre a convergência têm sido morosos em conseguir a aderência de normas locais com as internacionais (BAKER; BARBU, 2007).

Para isto, a convergência pode ser entendido como a coordenação, a sintonia de dois ou mais objetos. No caso da contabilidade, a sintonia das normas locais com as internacionais. Os usuários, que utilizam diversas informações contábeis, necessitam entender esta sintonia. Assim, os *financial reporting* devem ser alvo de harmonização contábil (VAN DER TAS, 1988).

A questão da qualidade das informações contábeis associada à convergência contábil tem sido também investigada por diversos autores. Dentre eles, Barth, Landsman e Lang (2008) destacam que a qualidade da informação pode ser incrementada se os padrões contábeis reduzem as possibilidades do gerenciamento de resultados contábeis. Ainda destacam o reconhecimento pontual de perdas e a relação entre o valor contábil da firma e o valor de mercado como dimensões de qualidade da informação contábil. Por fim, verificaram

que a utilização voluntária dos padrões internacionais de contabilidade para elaborar as demonstrações contábeis apresenta maior qualidade quando comparado com padrões locais.

No Brasil existe uma lacuna para estudos comparativos decorrente da convergência. Recentemente, Lima (2010) analisou os efeitos da convergência parcial no país, ao utilizar as dimensões de *value relevance*, por meio do modelo de retorno. Esta pesquisa mostrou que o retorno da ação tem reação significativa dos investidores no mercado de capitais quando da adoção parcial de padrões internacionais de contabilidade, ou seja, os investidores utilizam as informações contábeis divulgadas pelas empresas para precificar as ações.

Anteriormente, Paulo e Martins (2007) efetuaram pesquisa comparativa sobre a qualidade das informações contábeis entre países latino-americanos e os EUA, constatando que os resultados contábeis reportados pelas empresas brasileiras não diferem das empresas listadas nos demais países. Identificaram, também, que as empresas brasileiras de capital aberto são mais conservadoras e gerenciam mais as informações contábeis do que as empresas norte-americanas.

Com isto, observa-se poucos estudos analisam questões pertinentes à comparação das demonstrações contábeis elaboradas após a convergência nacional de um país aos padrões internacionais editados pelo IASB, no que se refere à melhoria da qualidade da informação contábil, como é o caso Barth, Landsman e Lang (2008), quando da adoção voluntária apenas.

Assim, para verificar a adoção obrigatória de padrões internacionais, descreve-se a seguinte questão problema: ***qual o efeito na qualidade da informação contábil quando um país promove a convergência contábil aos padrões internacionais de contabilidade editados pelo IASB?***

Diante da questão problema proposta, destaca-se que os termos “convergência” e “adoção” das normas internacionais editadas pelo IASB são bem próximos. Para efeito desta tese, adota-se o termo “convergência” para o movimento de adoção parcial das IFRS, enquanto a “adoção” é interpretada como a convergência total, ou simplesmente adoção de todos os IFRS

1.3. Objetivos

Considerando o problema especificado, este trabalho tem por objetivo analisar o processo de convergência das normas contábeis locais rumo aos padrões internacionais editados pelo IASB, com a finalidade de **verificar se existe melhoria na qualidade das informações contábeis elaboradas e divulgadas pelas empresas nos países em processo de convergência a esses padrões.**

Com a finalidade de identificar a qualidade da informação, é necessária a definição de proxies ou métricas (dimensões) que capturem tal qualidade.

Neste sentido, diversos estudos sobre a qualidade da informação contábil, os pesquisadores têm utilizados como *proxies* para verificar a qualidade da informação contábil, dentre outras, o conservadorismo condicional, a persistência dos resultados contábeis, o gerenciamento de resultados e o *value-relevance* – reação dos investidores quando a divulgação das informações contábeis (PAULO; MARTINS, 2007; BARTH; LANDSMAN, LANG, 2008; LOPES, 2009; DECHOW; GE; SCHRAND, 2010).

Com base nas dimensões utilizadas pelos autores citados, e para que esse objetivo seja alcançado, são delineados os seguintes objetivos específicos, a serem analisados globalmente, por grupo (países desenvolvidos e emergentes) e por país individualmente, a saber:

- a) Analisar os efeitos da convergência contábil aos padrões do IASB sobre a persistência dos resultados contábeis;
- b) Verificar os efeitos da convergência contábil aos padrões do IASB sobre o conservadorismo condicional;
- c) Identificar os efeitos da convergência contábil aos padrões do IASB em relação ao gerenciamento dos resultados contábeis; e
- d) Avaliar os efeitos da convergência contábil aos padrões do IASB sobre a relevância das variáveis contábeis na estimação dos preços dos ativos.

Outros estudos sobre a qualidade da informação contábil abordam a transparência, a qualidade de auditoria, o refazimento das demonstrações contábeis, conforme exposto por Dechow, Ge, Schrand (2010), aspectos que não são objeto de avaliação nesta pesquisa.

1.4. Formulação das Hipóteses de Pesquisa

De acordo com Matias-Pereira (2007, p.63-64), as hipóteses são suposições propostas como respostas plausíveis (e provisórias) para o problema de pesquisa, podendo ser confirmadas ou refutadas com o desenvolvimento da pesquisa. Adicionalmente, ainda existem várias conceituações sobre hipótese de pesquisa (MARTINS; THEÓPHILO, 2007), que envolvem: uma proposição afirmativa; conjectura (ou suposição); proposição que pode ser colocada a prova (sujeita a testes e validades); e proposição que possa ter o fenômeno explicado.

O presente estudo, tomando como base o problema de pesquisa e os objetivos estabelecidos e apoiados no respectivo referencial teórico acerca da qualidade das informações contábeis, destacados no capítulo 2, tem a seguinte hipótese de pesquisa:

H₁: A qualidade das informações contábeis melhora após a convergência das normas locais às normas internacionais editadas pelo IASB.

A qualidade das informações contábeis é contextual, pois dependem do modelo de decisão e se os modelos contábeis escolhidos capturam o desempenho econômico da empresa (DECHOW, GE, SCHRAND, 2010).

Assim, para testar a hipótese de pesquisa são formuladas hipóteses auxiliares, com a finalidade de atestar a validade dos indicadores (dimensões) de qualidade propostos pela literatura contábil.

Para verificar o poder informativo das variáveis contábeis (*informativeness*³), aqui tratadas como hipóteses operacionais, os pressupostos de qualidade da informação contábil são testados, o que abrange a persistência dos resultados, reconhecimento pontual de perdas (não diferimento), a relevância das informações contábeis (*value relevance*) e a manipulação dos resultados contábeis (qualidade quando não há manipulação) (BARTH, LANDSMAN, LANG, 2008; LOPES, 2009; DECHOW, GE, SCHRAND, 2010).

Assim, quatro hipóteses auxiliares (operacionais) são delineadas. É desejável que as hipóteses delineadas corroborem com a hipótese que a aplicação dos padrões internacionais de contabilidade proporciona a melhoria na qualidade das informações contábeis por meio da utilização de quatro abordagens: a maior persistência dos resultados; mais conservadorismo; ausência do gerenciamento de resultados e maior relevância das informações divulgadas.

Para isto, a primeira abordagem para a qualidade das informações contábeis é a persistência dos resultados contábeis, pois estes representam *proxies* para avaliação de empresas, sendo que após a adoção de padrões internacionais de contabilidade espera-se maior persistência dos mesmos (DECHOW; GE; SCHRAND, 2010). Os autores ainda afirmam que a alta persistência nos resultados é considerada como qualidade quando os lucros também representam valores relevantes para estimar e avaliar a empresa em períodos futuros. Para isto tem-se a seguinte hipótese operacional:

H_{1A}: Os resultados contábeis são mais persistentes (persistence) após a convergência das normas locais às normas internacionais editadas pelo IASB.

A segunda abordagem para qualidade das informações contábeis considera o reconhecimento pontual de perdas, que atende uma das premissas básicas dentro da estrutura conceitual da contabilidade editada pelo IASB. Por este preceito, as perdas devem ser prontamente reconhecidas no resultado, assim que estimadas e conhecidas (BASU, 1997). Assim, pressupondo que a estrutura conceitual do IASB bem como os padrões internacionais de contabilidade tem características conservadoras, apresenta-se a hipótese a seguir que:

³ Lopes (2009) aborda *informativeness* (**informatividade**) como capacidade informacional ou dos números contábeis terem maiores poderes informativos ao refletir a realidade econômica de uma empresa.

H_{1B}: Há maior reconhecimento pontual de perdas (conservadorismo condicional) após a convergência das normas locais às normas internacionais editadas pelo IASB.

A terceira abordagem conduzida para atingir o objetivo desta pesquisa é a verificação do gerenciamento de resultados quanto a adoção dos padrões internacionais de contabilidade. A premissa é que o gerenciamento das informações contábeis pode alterar a percepção e/ou reação dos investidores, bem como a persistência dos resultados e a alteração na percepção quando a ocorrência de perdas. As abordagens subjacentes ao gerenciamento de resultados tem sido um desafio para os mais diversos pesquisadores. Dechow, Ge e Schrand (2010) destacam que diversos autores se preocuparam em estudar os *accruals*, separando-os em discricionários e não discricionários, para então analisar se os gestores gerenciam ou não as informações contábeis. Por outro lado, a estrutura conceitual da contabilidade do IASB pressupõe que as informações contábeis devem ser neutras. Assim, a hipótese para gerenciamento de resultado com a utilização dos padrões internacionais de contabilidade é descrita como:

H_{1C}: Há redução na prática de gerenciamento dos resultados contábeis após a convergência das normas locais às normas internacionais editadas pelo IASB.

A última hipótese operacional parte do pressuposto que o mercado de capitais é capaz de reagir aos resultados divulgados pela empresa. Para isso, a relevância das informações contábeis deve refletir melhor o valor de mercado das empresas após a utilização dos padrões internacionais de contabilidade editados pelo IASB. Para Holthausen e Watts (2001) a abordagem empírica que relaciona o mercado de capitais e uma informação contábil, com finalidade de verificar a sua adequação ou não e ajustar uma norma contábil é conhecida como *value relevance*. Assim, tem-se a hipótese de trabalho em que:

H_{1D}: Os resultados contábeis são mais relevantes (value relevance) após a convergência das normas locais às normas internacionais editadas pelo IASB.

Observa-se que as hipóteses operacionais nem sempre caminham na mesma direção. Entretanto, Dechow, Ge e Schrand (2010) afirmam que a informatividade e qualidade

das demonstrações contábeis – nas mais diversas pesquisas ao longo dos anos –deveriam apresentar características de persistência, que os investidores reagissem a divulgação das informações contábeis há percepção do conservadorismo pelos investidores, bem como a existência de neutralidade quanto ao gerenciamento de resultados contábeis.

1.5. Justificativa

A informação contábil tem sido utilizada para estudar os seus efeitos no mercado de capitais, a partir de estudos como os de Beaver (1968), Ball e Brown (1968), Watts e Zimmerman (1979), Beaver (1982) e, no âmbito internacional, e Lopes (2002) em estudos no âmbito nacional. Os referidos autores tiveram a preocupação em relacionar as variáveis contábeis com as variáveis divulgadas pelas empresas e capturadas pelo mercado de capitais.

Diante disto, a função da contabilidade tem sido, dia após dia, com a disponibilização de informação com qualidade aos usuários, dentre eles: administradores, investidores, governo, auditores, bem como a sociedade em geral e demais *stakeholders*. Assim, para estes usuários, a informação com qualidade é aquela que tem o poder de alterar a decisão de alocação dos recursos que pretendem investir (IFRS, 2011).

Por outro lado, a informação contábil é fortemente influenciada pelo ambiente que atua, ou seja, depende estrutura jurídica e legal de um país, do proviemento de recursos financeiros (mercado de capitais ou bancos), do nível de amadurecimento e status da profissão contábil, da vinculação da escrituração à legislação tributária, bem como desenvolvimento da teoria da contabilidade (CHOI; MEEK, 2005, NIYAMA, 2010).

Assim, os diferentes ambientes proporcionam padrões e critérios diferentes de reconhecimento, mensuração e evidenciação podem alterar o processo decisório dos usuários mediante a informação contábil. Com tais divergências, os países têm optado pela utilização dos padrões internacionais de contabilidade de forma parcial ou total, que contribuem para melhorar a comparabilidade dessas informações.

Neste contexto, definir a qualidade das informações em si tem sido objeto de grande dificuldade. Para Oletto (2006), o ponto inicial tem sido afirmar o que é qualidade das informações, pois a problemática é “de selecionar no imenso estoque de informações

atualmente existente, aquelas que têm qualidade” (OLETO, 2006, p. 58). O autor destaca que a definição de qualidade é bastante abstrata e relativa.

Para Finger (1994), os resultados são contextuais e dependem do método operacional e da definição das variáveis nas análises. Já Dechow, Ge e Schrand (2010), corroboram a idéia de complexidade de análise ao concluírem que a qualidade da informação é definida no contexto específico da tomada de decisão.

Alguns estudos têm sido conduzidos com a finalidade de investigar a melhoria ou não da qualidade após a convergência. Paananen (2008) analisou os atributos de conservadorismo, *value relevance* e gerenciamento de resultados com adoção dos IFRS na Suécia, e verificou que os resultados são parcialmente inconclusivos, pois alguns impactos foram percebidos de forma negativa pelos usuários que se diziam qualificados em utilizar as informações para a tomada de decisão.

Bagaeva (2008) verificou, por meio da transparência e gerenciamento de resultados, que houve impactos positivos quando da utilização de padrões internacionais no mercado russo.

Para Barth, Ladsman e Lang (2008) houve redução no gerenciamento de resultados, aumento do *value relevance* e maior reconhecimento pontual de perdas em 21 países não estadunidenses quando da adoção dos padrões internacionais de contabilidade.

Além disso, um estudo realizado por Coelho, Niyama e Rodrigues (2011, p 18) sobre dezesseis estudos publicados em periódicos internacionais no período de 1999 a 2010, sobre a aplicação dos padrões internacionais de contabilidade, envolvendo qualidade das informações contábeis, verificou-se que “sete dos artigos concluíram um impacto inconclusivo, seis com impacto positivo e três com impacto negativo”. Os autores ainda concluíram que os estudos que resultaram em impacto positivo com não apresentaram, nos resultados de suas pesquisas, diferenças significativas na qualidade da informação contábil antes e depois da utilização dos padrões internacionais de contabilidade.

Diante isto, observa-se que a qualidade da informação pode ser contextual, conforme afirmam Paulo (2007) e Dechow, Ge e Schrand (2010), pois cada modelo de decisão depende do cenário que a contabilidade está inserida, e pode melhorar ou piorar com a implementação de padrões internacionais de contabilidade.

Assim, com a observância do o esforço do IASB em produzir padrões de alta qualidade e conforme exposto sobre utilidade da contabilidade como fornecedora de informação com qualidade, a presente pesquisa se justifica por percorrer as dimensões que mensuram a qualidade da informação contábil para investigar se a qualidade das informações contábeis melhora após a convergência das normas locais às normas internacionais editadas pelo IASB.

Baker e Barbu (2007) destacam que, em um ambiente de ampla convergência contábil internacional, embora a convergência das normas contábeis não esteja concluída, existe atualmente um maior nível de aderência aos padrões internacionais entre os países industrializados, pois esses países em sua maioria seguem os IFRS. Os referidos autores ainda destacam que o futuro da investigação sobre harmonização da contabilidade internacional terá um enfoque mais voltado para questões que podem ser respondidas através da utilização de métodos empíricos, que possam mensurar tanto a convergência como a sua qualidade.

Dechow, Ge e Schrand (2010) ao se aprofundarem na investigação das consequências e determinantes da qualidade da informação contábil, concluem que é possível conhecer melhor as características que influenciam a escolha dos seus usuários quando da alocação de seus recursos, bem como construir padrões contábeis mais adequados ao processo decisórios dos usuários.

Apresentada tal motivação, percebe-se a necessidade de explorar mais as dimensões de qualidade da informação contábil quando da utilização de padrões internacionais de contabilidade em âmbito nos mais distintos mercados, sejam desenvolvidos ou em desenvolvimento. Com isto, a presente pesquisa visa contribuir, na investigação e conhecimento da qualidade da informação contábil, ao efetuar uma análise a partir dos países membros do G-7 e BRICS que já aderiram aos padrões internacionais do IASB, de forma global (todos os países juntos) comparativa entre os países que compõem o G-7, assim como em mercados emergentes, como é o caso do BRICS⁴, que é objeto da presente pesquisa e detalhado mais adiante.

⁴ BRIC é um acrônimo utilizado para identificar Brasil, Rússia, Índia e China, é composto por quatro nações que terão expressiva participação na economia mundial (potências econômicas) nos próximos 50 anos (WILSON; PURUSHOTHAMAN, 2003). A partir de 2011, a sigla passou a ser BRICS, com a incorporação da África do Sul.

Assim, ao estudar o comparativo entre os países desses dois grupos, será possível conhecer melhor os efeitos quando da utilização dos padrões internacionais de contabilidade quando adotada pelos mesmos.

Destaca-se a relevância dos grupos desses países, para selecionar a amostra, por serem os países mais economicamente desenvolvidos (G-7) e os que estão em rápido crescimento econômico (BRICS). Além disso, um estudo desta magnitude visa contribuir para a aferição da aplicação dos padrões internacionais de contabilidade e o impacto sua efetiva aplicação qualitativa nas informações contábeis.

1.6. Tese

Uma das principais funções da contabilidade é fornecer informação útil e de qualidade com a finalidade de reduzir a assimetria de informação entre o principal (usuário das informações) e o agente (quem divulga as informações).

Com isso, a informação contábil de qualidade tem sido a preocupação contínua e tem recebido atenção do IASB, principalmente porque tem a missão de desenvolver padrões contábeis que sirvam de referência para utilização e promoção da convergência nos mais diversos ambientes.

A qualidade da informação contábil (especificamente) está relacionada com sua relevância para o usuário, sendo este fato confrontado com a objetividade. Para Lopes e Martins (2007) existe um dilema entre a relevância e a objetividade, pois em várias situações a informação contábil gerada pela mensuração pode aumentar a primeira característica e reduzir a segunda, ou vice-versa. Por exemplo, ao se adotar o custo como base de valor aumenta a objetividade, mas pode reduzir a qualidade da informação. Por outro lado, ao se adotar o valor justo como base para mensuração, pressupõe-se qualidade superior ao custo, entretanto, reduz-se a objetividade.

Neste contexto e baseado nas concepções (missão) do IASB de produzir padrões de alta qualidade e que sirvam de referência para que os países possam utilizar como base para a elaboração dos padrões locais, instigando assim a convergência, a tese aqui proposta é de avaliar os impactos na qualidade da informação contábil decorrente da adoção dos padrões

internacionais de contabilidade (IFRS) ao efetuar a comparação com período anterior à convergência parcial ou total nos países que serão analisados.

Vale ressaltar que o estudo de Barth, Landsman e Lang (2008) encontram evidências gerais quanto a qualidade ao analisar o período de pré adoção e pós adoção dos padrões internacionais em países que efetuaram a adoção voluntárias dos IFRS e em um curto período de tempo.

A primeira contribuição desta pesquisa decorre da compulsoriedade da adoção dos padrões do IASB, além de analisar períodos mais longos, como é o caso de países que adotaram os IFRS em 2005, a análise se inicia desde de 1998. Em segundo lugar, a utilização de quatro dimensões de qualidade – persistência, conservadorismo condicional, gerenciamento de resultados (dois modelos) e *value relevance* – enquanto que os trabalhos anteriores, Barth, Landsman e Lang (2008), utilizaram três dimensões – conservadorismo condicional, gerenciamento de resultados (dois modelos) e *value relevance*.

Por último, esta pesquisa busca contribuir para a literatura, uma vez que faz um estudo global, envolvendo os países que compõe o G-7 e BRICS, que já utilizam os padrões internacionais em suas demonstrações contábeis, bem como um estudo comparativo entre os dois grupos (o primeiro proveniente dos países do G-7 que adotaram os IFRS e o segundo com países do BRICS), e por fim com os países individualmente, no que tange a qualidade da utilização desses padrões.

É oportuno destacar que na pesquisa desenvolvida por Dechow, Ge e Schrand (2010) foi conduzida uma análise sobre as determinantes e consequências dos atributos (dimensões) da qualidade das informações contábeis. Assim, para reforçar a contribuição proposta acima, neste trabalho, a preocupação está voltada para analisar o resultado da utilização dos padrões internacionais (resultado da aplicação), uma vez que verifica a utilização dos padrões internacionais de contabilidade pelas empresas listadas nas principais bolsas de valores dos países analisados.

Neste sentido, esta tese busca contribuir para o conhecimento sobre a adoção compulsória de padrões internacionais de contabilidade, ao utilizar dimensões e/ou métricas como *proxies* para avaliar a qualidade da informação contábil. Os estudos anteriores apenas avaliaram adoção voluntária.

1.7. Organização do trabalho

Esta pesquisa está organizada em cinco capítulos, além desta introdução, que aborda os aspectos inerentes à contextualização, ao problema de pesquisa, à formulação das hipóteses de pesquisa, aos objetivos, à justificativa, bem como à tese proposta.

Na segunda parte, é apresentada a revisão da literatura pertinente à convergência contábil e à qualidade da informação contábil, bem como a identificação das métricas (e respectivos modelos operacionais) utilizadas no presente estudo para analisar e avaliar a qualidade da informação contábil. No que tange à convergência, são apresentadas pesquisas sobre a convergência internacional da contabilidade e as oportunidades que ainda pairam por investigadas sobre o tema. Já no que refere à qualidade, são discutidas as *proxies* para avaliar a qualidade da informação contábil, (o conservadorismo condicional, a persistência dos resultados contábeis, o gerenciamento de resultados e *value-relevance*), bem como os modelos que são utilizados em cada atributo e/ou *proxy* (dimensão) para avaliar e analisar a qualidade da informação contábil.

A metodologia de pesquisa e a amostra são apresentadas na terceira parte, onde são delineados os países que serão analisados e os modelos operacionais, bem como a abordagem econométrica a ser dado em cada um deles e o tratamento dados às variáveis investigadas e as de controle em cada modelo

A apresentação dos resultados será escopo da quarta parte, onde os países serão descritos de forma comparativa, global, os dois grupos e cada país individualmente. Na seção final será apresentada a conclusão da pesquisa, bem como oportunidades para que futuras pesquisas sejam efetuadas a fim de dar continuidade à investigação dos efeitos da convergência na qualidade das informações contábeis.

2. REVISÃO DA LITERATURA

Esta seção visa apresentar os principais conceitos, estudos e pesquisas subjacentes ao tema pesquisado, envolvendo a convergência internacional da contabilidade e a qualidade da informação contábil.

Para isto, a revisão da literatura faz-se necessária e é parte integrante desta pesquisa.

2.1. Convergência Internacional da Contabilidade

Alguns autores utilizaram informações e normas contábeis para efetuar estudos sobre convergência contábil, dentre eles Baker e Barbu (2007) e Barth, Landsman e Lang (2008). Parker (1983, *apud* NOBES; PARKER, 2004, p. 4) destaca o estudo da contabilidade internacional comparativa, ao afirmarem que “existem quatro razões quanto ao estudo [desta], quais sejam: razões históricas, razões multinacionais, razões comparativas e razão harmonização” (tradução livre).

Razões históricas podem ser identificadas pelo processo de colonização que cada país sofreu, o que pode ocasionar heranças de características contábeis do seu colonizador, com adaptações à sua realidade econômica. Dentre outros fatores históricos destacam-se o desenvolvimento da teoria contábil, da profissão contábil, do mercado de capitais, bem como da educação contábil. Niyama e Silva (2008) destacam que quanto mais amadurecidos forem estes quatro últimos fatores, melhores podem ser as informações contábeis.

Os estudos comparativos efetuam avaliações sobre a convergência, buscando conhecer as normas locais e compará-las com as internacionais. Verificado isto, a convergência poderá ser conduzida com maior confiabilidade e qualidade. Ainda neste contexto, vale destacar que a convergência tem sido utilizada com o intuito de “identificar os esforços de um conjunto de esforços dos países na direção de um conjunto de padrões contábeis globais” (WEFFORT, 2005, p. 15).

Entretanto, McLeay, Neal e Tollington (1999) distinguem a convergência e a padronização da contabilidade internacional. A padronização pode ser entendida como um

movimento global para uniformização, enquanto a convergência é entendida como movimento de similaridade entre as escolhas de alternativas de tratamento contábil.

Com a finalidade de avaliar a convergência contábil, diversos autores efetuaram estudos empíricos, conforme as conclusões de Baker e Barbu (2007), em que mensuraram a amplitude da pesquisa em contabilidade internacional, bem como a aplicação de diversos testes de consistência de dados e a utilização de indicadores.

2.1.1. Movimento de convergência global

O esforço para a convergência contábil tem sido um desafio de diversas economias para produzir informações contábeis comparáveis e com alta qualidade, como é o caso do esforço da União Europeia em utilizar os IFRS (*International Financial Reporting Standard – Padrões Internacionais de Relatórios Financeiros*) desde 2005.

Sabe-se que a Fundação IFRS (esta substituiu a Fundação IASC) e o IASB (atual comitê executor) têm por objetivo desenvolver padrões de alta qualidade, que sejam compreensíveis e possam ser implementados pelas empresas e globalmente aceitos pelas mais diversas economias mundiais.

Para conseguir executar este objetivo, o IASB trabalha em estreita cooperação com as partes interessadas em todo o mundo, incluindo investidores, normatizadores, reguladores, auditores, acadêmicos e outras pessoas que tenham interesse no desenvolvimento de padrões globais de alta qualidade (IFRS, 2011), bem como com o apoio do Grupo 20 (G-20), denominação dada ao grupo das 20 maiores economias mundiais. Os líderes deste grupo solicitaram aos organismos internacionais de contabilidade que redobrassem os seus esforços para atingir o objetivo de elaboração de normas, com padrões de referência para utilização e como parâmetro para elaboração de padrões locais de contabilidade. Em particular, eles pediram ao IASB e ao FASB – *Financial Accounting Standard Board* – (EUA) para completar o projeto de convergência elaborado em Junho de 2011 (IFRS, 2011). No Quadro 1, logo a seguir, é apresentado um detalhamento, contendo o estágio e cenário da convergência de alguns países (quando da realização desta pesquisa); ou seja, em que ano foi

ou será exigida a utilização dos padrões internacionais de contabilidade por determinado país, bem como o alcance para aplicação pelas empresas.

Quadro 1 – Estado da arte atual da processo de convergência de alguns países aos padrões internacionais de contabilidade

País	Status do IFRS
Argentina	Exigido a partir de 1º de Janeiro de 2012
Austrália	Exigido desde 2005
Brasil	Exigido o consolidado em 2010 e o individual progressivamente a partir de 2008
Canadá	Exigido a partir de 1º de Janeiro de 2011
China	Substancialmente convergente com as IFRS desde 2007
União Europeia (UE)	Em todos os membros da União Europeia são exigidos as IFRS desde 2005
França	Exigida a Adoção e Implementação via UE desde 2005
Alemanha	Exigida a Adoção e Implementação via UE desde 2005
Índia	Dada ainda a ser confirmada.
Indonésia	Convergência em andamento com expectativa de implementação em 2012
Itália	Exigida a Adoção e Implementação via UE desde 2005
Japão	Permitido para um grupo de companhias internacionais, com expectativa de adoção em 2012. Exigido em 2016.
México	Exigido em 2012
República da Coreia	Exigido em 2011
Rússia	Exigido em 2012
África do Sul	Exigido desde 2005
Turquia	Exigido desde 2008
Reino Unido	Exigida a Adoção e Implementação via UE desde 2005
Estados Unidos	Permitido para empresas estrangeiras desde 2007. As empresas locais ainda aguardam decisão sobre a exibibilidade dos IFRS.

Fonte: Adaptado a partir do IASB (2012).

Observa-se que nem todos os países estão utilizando os padrões internacionais de relatórios financeiros (IFRS) em sua totalidade. Alguns exigem a utilização dos IFRS, como é o caso do México, a partir de 2012, a República da Coreia, em 2011, e também, principalmente, os que compõem a União Europeia; e outros permitem tal utilização, como é o caso dos EUA e Japão.

Além disto, observa-se que a China e o Brasil estão trabalhando para convergência substancial, sendo que o primeiro já efetuou um grande avanço com as reformas efetuadas em seus padrões contábeis básicos e específicos, em 2006, e o segundo, com diversos esforços desde 2007, quando da aprovação da revisão e atualização da Lei nº 11.638/07.

2.1.2. Pesquisas sobre a Convergência Internacional da Contabilidade

As primeiras pesquisas em contabilidade internacional concentravam-se em classificar os sistemas contábeis em diversos países. Niyama (2010) cita os esforços de Nobes (1993), Radebaugh e Gray (1993), Douppnik e Salter (1993), Belkaoui (2000), Elliot e Elliot (2002) e Saudagaran (2004), em classificar as diferenças dos *financial reporting*. No caso brasileiro, Niyama (2010) procurou classificar o país em um dos sistemas e verificou que ainda não tem características claras.

Com finalidade de avaliar a harmonização contábil, diversos autores efetuaram estudos empíricos Baker e Barbu (2007), em que foi mensurada a amplitude da pesquisa em contabilidade internacional, bem como a aplicação de diversos testes de consistência de dados, incluindo a utilização de indicadores. Os referidos autores separam as pesquisas sobre harmonização da contabilidade internacional em três períodos: 1965 a 1973, contendo 21 artigos (sendo 14 % com metodologia empírica e quantitativa); 1974 a 1989, com 46 artigos (sendo 30% com metodologia empírica e quantitativa) e 1990 a 2004, com 135 artigos (sendo 50% com metodologia empírica e quantitativa). Percebe-se um incremento gradativo no número de pesquisas empíricas e quantitativas em contabilidade internacional, o que demonstra uma preocupação de verificar a aplicação de padrões contábeis e seus reflexos.

Ainda o estudo de Baker e Barbu (2007) demonstrou o crescimento da utilização de métodos empíricos para analisar a convergência internacional da contabilidade em diversos países. Os autores separaram ainda os estudos em diversas características de pesquisas, a saber: comparativos; reflexos da implementação da harmonização; e mensuração da harmonização e efeitos nas variáveis contábeis.

Dentre os temas mais pesquisados por Baker e Barbu (2007) destacam-se os efeitos da harmonização contábil, os quais buscam relacioná-los com as variáveis contábeis, tendo como estudos mais destacados: Tay e Parker (1992), Van der Tas (1992a, 1992b), Archer, Delvaile e McLeay (1995), Lainez, Callao e Jarne (1996), Krisement (1997), Mcleay, Neal e Tollington (1999), Morris e Parker (1999).

Outra trabalho que corrobora as conclusões de Baker e Barbu (2007), realizado por pesquisadores brasileiros, é o de Ikuno *et al* (2010), cujo o período analisado, 2000 a 2009, envolveu 23 periódicos internacionais em contabilidade. Os autores verificaram a persistência do tema de mensuração da convergência em 31 dos 75 artigos analisados, que se enquadra

em: mensuração da convergência; impacto da adoção dos IFRS/IAS; e as diferenças internacionais e implicações no *financial reporting*.

Por outro lado, Lima (2010) verificou que os resultados contábeis são mais relevantes ao utilizarem os padrões internacionais de contabilidade em empresas brasileiras e tem aumentado a relação entre o preço da ação e o valor das variáveis contábeis das empresas.

2.2. Qualidade da Informação Contábil

Trabalhos seminais – como a monografia de Paton e Littleton, em 1940 (SCHIMIDT; SANTOS, 2008), até a aprovação da Estrutura Conceitual para Elaboração e Apresentação das Demonstrações Contábeis do IASB – serviram como base para elaboração de padrões contábeis nos mais diversos países com a finalidade de prover informações úteis e relevantes para os mais diversos usuários.

Most (1982) destaca que a informação contábil tem qualidade quando são úteis para seus usuários, quer sejam mais experientes ou novatos. Para isto, a informação contábil deve se apresentar com neutralidade, constância representacional (relação entre a medida e o fenômeno estudado) e ser verificável (qualidade referente à dimensão de constância). Assim, é necessário que haja neutralidade quanto à formulação ou à implementação de padrões, com preocupação quanto à relevância e à confiabilidade da informação contábil, pois caso haja ausência de alguma destas características, a informação gerada não tem utilidade.

Neste contexto, para Schroeder, Clark e Cathey (2005) uma característica qualitativa deve necessariamente ter:

- a) **Compreensibilidade:** ser compreensível o suficiente para que indivíduos com razoável conhecimento em atividades econômicas, contábeis e empresariais, possam ser capazes de utilizá-la;
- b) **Relevância:** ser relevante ao influenciar a decisão econômica do usuário, contribuindo com avaliações de eventos passados, atuais ou futuros, pela confirmação ou correção de avaliações passadas. A relevância é afetada pela materialidade;

- c) Confiabilidade: ser confiável, ou seja, livre de qualquer erro (verificabilidade) ou vies (neutralidade) e que tenha fidelidade de representação⁵ das informações; e
- d) Comparabilidade: ser comparável, podendo ser utilizada para comparar a desempenho ao longo do tempo e de uma empresa com outra.

Tais características foram prontamente abordadas como qualitativas pela Estrutura Conceitual do IASB, refletidas no Brasil no Pronunciamento Técnico sobre a Elaboração e Apresentação das Demonstrações Contábeis do CPC (Comitê de Pronunciamentos Contábeis, 2012) e determinam a utilidade das informações das demonstrações contábeis.

Diversos estudos buscam identificar *proxies* que sirvam para mensurar a qualidade das informações contábeis (DECHOW; GE; SCHRAND, 2010). Dentre as principais abordagens, os referidos autores destacam algumas abordagens para identificar informações contábeis de qualidade e dividiram a temática em três blocos:

- a) Quanto à propriedade dos resultados: persistência dos resultados, processo de modelagem dos *accruals* normais e anormais, suavização dos resultados, reconhecimento pontual de perdas e cumprimento das metas;
- b) Quanto à reação aos resultados pelo investidor: uso de modelos com significância do retorno/lucro como *proxy* de qualidade dos resultados, e também para a qualidade do auditor;
- c) Quanto a indicadores externos de erros nos resultados: controles internos fracos, regulação e republicações.

Assim, com finalidade de verificar, mensurar e capturar tais características na prática pelas empresas, Dechow, Ge e Schrand (2010) observam que as pesquisas empíricas têm se preocupado não em mensurar a qualidade, mas sim em estabelecer e testar critérios e/ou métricas válidas, para assim ser possível a mensuração da qualidade das informações contábeis.

Além disto, mais uma vertente considerada na presente pesquisa é a questão das métricas/dimensões e/ou formas de mensurar a qualidade da informação contábil, pois, conforme Paulo e Martins (2007, p. 3) afirmam: “quando se discute a qualidade das

⁵ Para que alguém confie nas informações, é essencial que elas demonstrem fielmente os fenômenos que pretende representar (SCHROEDER; CLARK; CATHEY, 2005, p. 50).

informações são apresentados diversos conceitos sobre a mesma”. Os autores destacam que a manipulação de resultados e o reconhecimento pontual de perdas tornam o conceito de qualidade complexo e dependente dos objetivos dos usuários, além de depender do contexto em que a informação contábil está inserida.

Destarte, enquanto Paulo e Martins (2007) utilizaram as dimensões de persistência nos resultados, conservadorismo e gerenciamento de resultados no mercado de capitais brasileiro, Barth, Landsman e Lang (2008) utilizaram o gerenciamento de resultados, reconhecimento pontual da perda e valor relevante da empresa em um estudo comparativo entre diversos países (excluído EUA) quando da utilização voluntária dos IFRS.

Dentre as dimensões utilizadas nos mais diversos estudos, percebe-se uma preocupação em mensurar o valor da empresa, sendo que algumas abordagens bastante utilizadas têm sido o resultado e os fluxos de caixa da empresa. Para isto, Dechow, Ge e Schrand (2010) destacam que tais variáveis contábeis (resultado e fluxo de caixa) deveriam ser persistentes, conservadoras, relevantes e livres de vieses (sem gerenciamento de resultados).

A persistência dos resultados é uma característica significativa de qualidade dos resultados apenas se estes resultados refletirem verdadeiramente o desempenho durante o período e se o desempenho corrente se repetir em períodos futuros. Entretanto, a persistência não é um indicador isolado de qualidade dos resultados, pois depende se tal persistência reflete o valor intrínseco da empresa. (DECHOW; SCHRAND, 2004)

Enfim, observa-se que o objetivo das informações contábeis é subsidiar a análise financeira de uma empresa, pois mensurar o desempenho atual é um indicador para o futuro financeiro da empresa, e com base nestas análises, pode-se determinar se os preços das ações refletem o valor intrínseco da empresa. Nessa perspectiva, a alta qualidade do resultado é uma *proxy* que reflete o desempenho operacional da empresa e serve como indicador de desempenho futuro da mesma, além de ser útil para mensurar o valor da empresa (DECHOW; SCHRAND, 2004).

Este trabalho aborda a propriedade dos resultados, descrita por Dechow, Ge e Schrand (2010), com a utilização de proxies para avaliar persistência dos resultados, o conservadorismo e o gerenciamento de resultados. Os referidos autores destacam que a qualidade dos resultados pode variar de empresa para empresa, tendo como função a análise dos *accruals* normais e na ausência de manipulação intencional dos resultados. Destacam

ainda que o reconhecimento pontual de perdas pode influenciar a persistência dos resultados e que na adoção das normas internacionais o valor da empresa deveria tornar-se mais relevante, fazendo-se necessário utilizar modelos de *value relevance* (relevância das variáveis contábeis), o que foi incorporado para análise.

No Brasil, Lopes (2009), a partir da abordagem descrita em Barth *et al* (1997) considerou que a informatividade das variáveis contábeis podem ser observadas em quatro medidas: relevância da informação contábil; tempestividade nos números contábeis; conservadorismo condicional; e gerenciamento de resultados. Sua pesquisa enfatizou a qualidade das empresas listadas na Bovespa e em Nova Iorque (*cross-listing*) e encontrou significância para todas as variáveis analisadas e controladas pela existência ou não da Governança Corporativa.

Em suma, Dechow, Ge e Schrand (2010) destacam que a qualidade da informação contábil segue o caminho da persistência dos resultados, sendo tal persistência influenciada pelo conservadorismo condicional. Ainda destaca-se que o gerenciamento e/ou manipulação das informações interferem nesta persistência; bem com a necessidade de verificar a resposta do mercado de capitais quando da divulgação de resultados.

Assim, as próximas seções tratam das dimensões (*proxies*) da qualidade da informação contábil: a persistência, o conservadorismo condicional, o gerenciamento de resultados e a relevância da informação contábil – *value relevance*.

2.2.1. Persistência dos Resultados Contábeis

Estudos sobre a persistência dos resultados contábeis indicam que quanto maiores forem as persistências dos resultados melhores serão como *proxies* para qualidade quando comparado com menores persistências de resultados. Além disto, estudos sobre esta abordagem buscam identificar as características financeiras associadas com a persistência dos lucros. Para Dechow, Ge e Schrand (2010) a persistência é utilizada como benchmark para avaliação patrimonial. Os analistas financeiros tem dado maior ênfase na qualidade da informação contábil e procuram avaliar o desempenho da companhia, partindo do pressuposto que o desempenho atual é um indicativo para o desempenho futuro. Esta atenção dada pelos

analistas tem fundamental importância aos potenciais investidores, os quais confiam àqueles a função de “*advisor*” para efetuar os seus investimentos.

No sentido de pesquisar a persistência dos resultados contábeis, Beaver (1998) e Ohlson e Zhang (1998) abordaram quais os efeitos da persistência sobre os resultados contábeis referindo-se a “resultados permanentes”.

Dechow e Schrand (2004) demonstram que a persistência dos resultados contábeis é uma *proxy* para a qualidade da informação contábil. Afirmam ainda que o retorno sobre o patrimônio é uma boa medida para avaliar se os lucros atualizam o valor intrínseco da empresa, o que determina a qualidade da informação. Os autores destacam que “maior persistência do resultado é uma definição de qualidade apenas se verdadeiramente refletir o desempenho durante o período e se o período atual continuar no futuro” (DECHOW; SCHRAND, 2004, p. 6). Os autores chegaram a esta conclusão depois de analisar os dados da Enron Corporation entre janeiro de 1998 a setembro de 2001.

Dechow (1994) analisou o lucro (resultado) e o fluxo de caixa líquido para medir o desempenho das companhias no período de 1964 a 1989 e constatou que os resultados das empresas são menos voláteis e mais persistentes do que o fluxo de caixa. Além disto, diagnosticou que os lucros têm maior associação com o retorno contemporâneo do que o fluxo de caixa. Já Dechow, Kothari e Watts (1998) verificaram que o lucro têm maior poder informativo (persistência) para o desempenho da empresa no longo prazo.

Diversos estudos procuraram ratificar os achados de Dechow (1994), como é o caso de Finger (1994) o qual verificou que apesar do fluxo de caixa operacional apresentar menor poder informativo (persistência) no longo prazo, para prazos menores apresentou erros de previsões menores do que os lucros.

Dechow, Ge, Schrand (2010) verificaram que as empresas que tem fluxos de caixas mais persistentes são mais úteis para a avaliação patrimonial, baseado no modelo do fluxo de caixa descontado. Ainda afirmam que a persistência com base no lucro é mais dependente do desempenho da empresa, com base nas políticas contábeis e no sistema de mensuração. Além disto, a persistência no curto prazo pode se ocasionado pela manipulação das informações contábeis. Os autores ainda destacam que a persistência ainda pode estar relacionada a alterações em outras variáveis, os *accruals*. Sloan (1996), Jones (1991) e Healy (1995) verificaram a relação da menor persistência com problemas de mensuração dos *accruals*.

O quadro 2 a seguir demonstra alguns estudos e respectivos resultados sobre a persistência.

Quadro 2 – Estudos sobre a persistência dos resultados contábeis

Autor(res) (ano)	Descrição do trabalho
Kormendi e Lipe (1987), Collins e Kothari (1989) e Eatons e Zmijewski (1989)	A persistência dos resultados influencia o mercado de capitais com a premissa de que maiores persistências provocam maiores retornos no preço da ação e vice versa.
Sloan (1996)	Os investidores percebem a persistência nos resultados e caixa, mas não diferenciam as persistências quanto a acumulações ou quanto ao caixa.
Nissim e Penman (2001)	Decompuseram o retorno sobre os ativos em uma parte financeira e outra operacional. A parte operacional reduz os lucros correntes, mas no futuro aumenta. A parte financeira tende a reduzir os lucros futuros.
Richardson <i>et al</i> (2005)	Decompuseram os lucros entre <i>accruals</i> e fluxo de caixa, a direção natural das pesquisas para examinar os tipos específicos de <i>accruals</i> . Os autores separaram os <i>accruals</i> em longo prazo e curto prazo, sendo os de curto prazo menos persistentes que os de longo prazo, bem como os <i>accruals</i> financeiros menos persistentes que os operacionais.
Zhang (2007)	Investigou a relação de variáveis externas ao sistema contábil (ex.: crescimento do número de funcionários). Tal crescimento não explica a persistência.
Allen, Larson, Sloan (2010)	Verificaram que <i>accruals</i> no inventário provocam menores persistências dos lucros, devido ao erro de mensuração de perdas reconhecidas nos inventários.

Fonte: elaborado a partir de Dechow, Ge e Schrand (2010)

Com isto, baseado em Dechow, Ge e Schrand (2010), observa-se que vários estudos focaram na decomposição dos componentes acumulados do capital de giro (inventário e recebíveis) e de fluxo de caixa para verificar os efeitos (determinantes) na persistência dos resultados contábeis. Além disto, ajustes por perdas no inventário e outros ajustes transitórios reduzem a persistência dos resultados e explicam a baixa persistência do componente acumulado (FAIRFIELD; SWEENEY; YOHN, 1996, NISSIM, PENMAN, 2001; DECHOW, GE, 2006; ALLEN, LARSON, SLOAN, 2010).

2.2.2. Conservadorismo Condicional

O conservadorismo implica uma tendência de subavaliar de forma deliberada, mas consistente, o patrimônio líquido e os lucros de uma entidade. Observa-se a prudência (ênfase menos otimista) na escolha entre duas alternativas com a mesma probabilidade de valores a serem pagos ou recebidos no futuro (MOST, 1982).

Sob o ponto de vista econômico, a prudência pode ser relacionada com a oportunidade, que por sua vez é definida como a incorporação enviesada (o reconhecimento) pela contabilidade da realidade econômica (LOPES, 2002).

Para Bliss (1924, *apud* BASU, 1997) os contadores expressaram conservadorismo utilizando a regra de não antecipar lucros e antecipar todas as perdas. Ainda destaca que o reconhecimento de um resultado econômico pode ser enviesado mais pelas más notícias do que pelas boas notícias. Assim, este fato pode levar a “diferenças sistemáticas entre os períodos das más notícias e das boas notícias no *timeless* e persistência dos resultados” (PAULO, 2007, p.40-41).

Já Beaver e Ryan (2005, p. 269) definem o conservadorismo como a “subestimação do valor contábil dos ativos líquidos em relação ao valor de mercado” e destacam que a literatura contábil tem abordado o conservadorismo de duas formas: incondicional e condicional.

“o conservadorismo incondicional (*ex-ante* ou independente das notícias) [...] inclui contabilização imediata dos custos da maioria dos intangíveis desenvolvidos internamente, a depreciação de bens, instalações e equipamento que é mais acelerado do que a depreciação econômica (a seguir depreciação acelerada) e contabilidade do custo histórico para projetos”.

“o conservadorismo pode ser condicional (*ex-post* ou dependente de notícias) [...] inclui a contabilidade do inventário a custo de aquisição ou mercado e contabilidade por imparidade dos ativos de longa duração tangíveis e intangíveis”. (BEAVER; RYAN, 2005, p. 269).

Observa-se na conceituação dos autores que o conservadorismo incondicional já está incorporado nas operações normais da empresa, enquanto que o conservadorismo condicional é a resposta dos administradores a notícias, ou seja, dependem de alguma notícia anormal as operações da empresa.

Com isto, os estudos sobre conservadorismo verificam os aspectos condicionais e a reação das variáveis contábeis as notícias que influenciam o reconhecimento conservador no patrimônio da entidade. Com base nesse conceito, uma característica de alta qualidade dos resultados é a proporção de perdas reconhecidas no resultado quando elas ocorrem, em contraponto ao diferimento para períodos futuros.

Neste contexto, diversas pesquisas de âmbito internacional e no Brasil tratam o assunto. O estudo bastante utilizado na literatura internacional, e nacional, sobre o conservadorismo condicional tem sido o de Basu (1997), que investigou o reconhecimento assimétrico de boas e más notícias, encontrando evidências de que os retornos refletem mais rapidamente as más notícias que as boas.

Para se verificar o conservadorismo e outras variáveis, outros autores utilizaram o modelo de Basu (1997). Com o propósito de avaliar as diferenças no *timeliness* (momento do reconhecimento) e no conservadorismo entre empresas norte-americanas e do Reino Unido, Pope e Walker (1999) encontraram evidências de que a contabilidade nos Estados Unidos é mais conservadora quando comparados os resultados antes de itens extraordinários, e o oposto quando utilizado resultados depois de itens extraordinários.

Para verificar os efeitos do conservadorismo condicional ao longo do tempo, outros estudos foram efetuados, com é o caso de Givoly e Hayn (2000), que encontraram evidências do aumento do conservadorismo, e Beaver e Ryan (2005), que verificaram maior persistência no valor contábil do que o valor de mercado, proveniente do resultado atribuído aos efeitos do conservadorismo contábil e do ambiente econômico.

Como mensuração de controle do conservadorismo, Pae, Thornton e Walker (2005) sugerem que as pesquisas deveriam considerar a utilização do índice *price-to-book*, pois encontraram evidências de que o conservadorismo incondicional, avaliado pelo índice *Market-to-book*, é negativamente relacionado com o conservadorismo condicional, quando medido pela metodologia de Basu (1997).

Lima, Fonseca e Brito (2009) utilizaram os modelos de Basu (1997) e de Ball e Shivakumar (2005) para analisar o conservadorismo nos bancos portugueses, com regulação

rigorosa quanto a critérios conservadores, não encontrando evidências de conservadorismo condicional nos resultados, além de não haver reconhecimento oportuno de perdas nas instituições fechadas, comparando-se com as abertas.

Em suma, o conservadorismo condicional foi amplamente pesquisado por diversos autores, dentre os quais destacam-se:

- a) Ball, Kothari e Robin (2000) destacam que a tempestividade é definida como a medida que a empresa incorpora uma perda ao seu resultado;
- b) Lang, Raedy, e Yetman (2003) verificaram que empresas que fazem o reconhecimento pontual de perdas tem maior qualidade das informações contábeis do que empresas que diferem perdas;
- c) Ball e Shivakumar (2005, 2006, 2010) afirmam que o reconhecimento pontual aumenta a utilidade das demonstrações contábeis, particularmente na governança corporativa e em contratos de dívidas;
- d) Lang, Raedy e Wilson (2006) demonstraram que o reconhecimento pontual de perdas está relacionado com o retorno das ações. Utilizaram a interação entre más notícias (BASU, 1997) e retornos para identificar o reconhecimento pontual de perdas no resultado (quanto maior, mais reconhecimento de perdas).

No âmbito das empresas brasileiras, alguns estudos podem ser elencados, conforme descritos no quadro 3, a seguir.

Quadro 3 – Estudos brasileiros sobre o Conservadorismo Condicional

Autor(res) (ano)	Descrição do trabalho
Costa, et al. (2006)	Avaliou o nível de conservadorismo e oportunidade da informação contábil nas demonstrações de empresas brasileiras com ADRs. Constatado que, entre outras conclusões, não ser possível afirmar que as demonstrações contábeis em US-GAAP são mais conservadoras que as elaboradas em BR-GAAP.
Paulo, Antunes e Formigone (2006)	A partir do modelo proposto por Ball e Shivakumar (2005) foi verificado se existem diferenças significativas nos níveis de conservadorismo de empresas abertas e fechadas brasileiras, constatando que as empresas fechadas apresentam menor probabilidade de reconhecimento oportuno de perdas, ou seja, possuem menor nível de conservadorismo comparadas às companhias abertas.
Santos (2006)	Avaliou o nível de utilização do conservadorismo nas demonstrações em BR GAAP e US GAAP, utilizando a mensuração de Basu (1997), encontrando evidências de que o uso do conservadorismo não é maior nas demonstrações em US GAAP.
Antunes (2007)	Verificou as diferenças da qualidade das informações contábeis entre as empresas brasileiras com níveis diferenciados de governança, utilizando como <i>proxy</i> o conservadorismo, a oportunidade e a relevância. Os resultados encontrados indicam que a adesão aos níveis diferenciados de governança corporativa não aumentou o uso do conservadorismo pelas empresas;
Coelho (2007)	Investigou se os resultados contábeis de empresas brasileiras apresentam conservadorismo condicional, encontrando evidências de que há uma ausência de conservadorismo condicional.
Paulo e Martins (2007)	Analizou um grupo de países latino americanos e EUA e verificou que os resultados reportados por empresas brasileiras não apresentam diferenças estatísticas em relação aos demais países e que empresas brasileiras apresentam resultados menos conservadores e mais gerenciados que empresas norte americanas.
Mendonça (2008)	Analizou o impacto da SOX no conservadorismo das demonstrações das empresas brasileiras que emitiram ADRs antes de 2002. Constatou evidências de aumento do conservadorismo para todas as empresas, por outros motivos econômicos que não ocasionado pelo efeito SOX.
Almeida (2010)	Verificou a relação entre o grau de competição e a qualidade das informações contábeis das empresas brasileiras, utilizando como proxies de qualidade a relevância, a tempestividade, o conservadorismo e o gerenciamento de resultados. O autor encontrou que o conservadorismo e a tempestividade aumentam, enquanto que as demais não foram influenciadas pelo indicador de competição.

Fonte: elaboração própria, a partir dos artigos utilizados nesta pesquisa.

A estrutura conceitual do IASB dispõe que o reconhecimento pontual de perdas no resultado é uma forma de conservadorismo e prudência – é possível que esteseja uma abordagem válida que irá melhorar a qualidade da informação contábil (IASB, 2012). Entretanto, isto pode ser inválido devido a possíveis erros de estimativas contábeis (BARTH, LANDSMAN; LANG, 2008), pois a alta qualidade contábil pode resultar em baixa frequência de perdas no resultado ou seja, maior diferimento de despesas com finalidade de manipular as informações ao invés de reconhecê-las diretamente no resultado quando incorrida.

2.2.3. Gerenciamento de Resultados Contábeis

O gerenciamento de resultados é um julgamento arbitrário que os gerentes fazem sobre as demonstrações contábeis e nas estruturas das transações para alterar as informações e alterar a percepção dos usuários sobre o desempenho econômico da companhia (HEALY; WAHLEN, 1999). Os autores afirmam que a definição gerenciamento de resultados é relevante para organismos que emitem padrões contábeis. Assim, tratam que o

Gerenciamento de resultados ocorre quando os gestores usam julgamento sobre relatórios financeiros e na estruturação de operações para alterar os relatórios financeiros, para enganar alguns dos *stakeholders* sobre o desempenho econômico da empresa ou para influenciar os resultados contratuais que dependem dos números contábeis reportados (HEALY; WAHLEN, 1999, p. 368).

Na literatura sobre gerenciamento de resultados, diversos são os termos utilizados e/ou relacionados e procuram explicar o mesmo significado, dentre eles: gerenciamento de lucros (DECHOW *et al.*, 1995), suavização do lucro, contabilidade criativa, entre outros (CARDOSO, 2005, PAULO, 2007). Todas as nomenclaturas são provenientes do termo *earnings management* e tem sua equivalência ao termo gerenciamento de resultados contábeis (MATSUMOTO; PARREIRA, 2007).

Martinez (2001) destaca algumas questões sobre o gerenciamento de resultados que envolvem “quem está fazendo o gerenciamento?”, “porque está fazendo?”, “como a administração manipula?” e “quais são os efeitos e consequências?”. Ainda destacou que as duas primeiras perguntas foram amplamente discutidas e ainda pairam dúvidas sobre as demais.

Dechow, Ge e Schrand (2010) confirmam a afirmação de Martinez quando analisam as determinantes e consequências do gerenciamento de resultados, e ainda destacam a ausência de um modelo robusto para estimar os *accruals* e para detecção do gerenciamento de resultados, uma vez que tal gerenciamento pode ser devido a fatores internos, como reconhecimento e mensuração de determinados ativos ou passivos, ou externos, para atender a expectativas dos usuários das informações contábeis.

O gerenciamento de resultados pode ser classificado em várias modalidades, dentre as quais estão o *target earning* (aumentar ou diminuir os resultados), o *income smoothing* (reduzir a variabilidade dos resultados) e o *big bath accounting* (redução do lucro corrente para aumentar o lucro futuro) (MARTINEZ, 2001; DECHOW; GE; SCHRAND, 2010). Segundo considerações dos dois trabalhos citados, os autores enfatizam que existem três motivações para o gerenciamento de resultados:

- Incentivos contratuais (compensação): a informação contábil é utilizada para monitorar e regular os contratos entre agente (empresa) e o principal (diversos *stakeholders*) (HEALY; WAHLEN, 1999), e o gerenciamento pode seguir uma perspectiva *ex ante* (obtenção de menor variância no lucro para obter menor taxa de financiamento) ou *ex post* (praticado para evitar violação de cláusulas contratuais) (SCHIPPER, 1989).
- Mercado de capitais (expectativas do mercado): o gerenciamento de resultados é utilizado como finalidade de influenciar o desempenho no curto prazo, tais como a expectativa do mercado, preço das ações em períodos de oferta pública ou recompra de ações (HEALY; WAHLEN, 1999). Enfim, não desapontar o mercado em suas expectativas; e
- Regulação (processos políticos): o ambiente regulatório oferece um potencial significativo para o gerenciamento de resultados (HEALY; WAHLEN, 1999). Além disto, empresas vulneráveis a consequências políticas diversas apresentam incentivo para gerenciar seus lucros para parecerem menos lucrativas (WATTS, ZIMMERMAN, 1990). Além disso, se um conjunto de normas leva ao gerenciamento de resultados, mudanças na regulação podem conduzir as empresas a praticá-lo mais.

Diversos estudos têm se preocupado com o gerenciamento dos resultados contábeis. Rodrigues (2008) destaca que os trabalhos seminais e relevantes, considerados clássicos, são os de Healy (1985), McNichols e Wilson (1988), Jones (1991) e o de Burgstabler e Dichev (1997). De forma geral, estes trabalhos contribuíram com metodologias sobre manipulação das informações contábeis na forma de acumulações discricionárias.

O estudo de Healy (1985) introduziu o primeiro modelo para avaliação de gerenciamento de resultados, no qual o autor demonstrou que os gerentes manipulavam

resultados para aumentar a remuneração na forma de bônus, por meio da associação entre acumulações e incentivos dos gestores.

Já McNichols e Wilson (1988), testaram a manipulação contábil em provisão para devedores duvidosa sua utilização com a finalidade de gerenciar o lucro divulgado. Para Jones (1991) a manipulação acontece por meio da proteção tributária da empresa, em que os gerentes modificam os critérios de reconhecimento de receita e despesa para economizar impostos.

Na mesma linha de pesquisa e seguindo as pesquisas citadas anteriormente, diversos outros estudos focaram o gerenciamento de resultados. Burgstahler e Dichev (1997) verificaram que o gerenciamento de resultados é utilizado para diferir perdas e, com isto, reduzir o impacto delas no resultado; verificaram ainda alterações no fluxo de caixa operacional e alterações no capital de giro das empresas analisadas. Enfim, as empresas gerenciam seus resultados para evitar perdas e sustentar os resultados obtidos.

Após listar diversos estudos sobre a manipulação das informações contábeis, Paulo (2007) testou os mais diversos modelos de estimação de *accruals* para analisar o gerenciamento de resultados, envolvendo modelos⁶, e ainda propôs um modelo de estimação de *accruals* para detecção de gerenciamento de resultados. Ainda destacou que os modelos não apresentam fundamentação teórica adequada e que alguns dos modelos não têm poder preditivo sobre gerenciamento de resultados e apresentam problemas de especificação das variáveis utilizadas e/ou omitidas para estimação dos *accruals*.

Ainda Richardson *et al* (2005) decomuseram os lucros entre *accruals* e fluxo de caixa, a direção natural das pesquisas para examinar os tipos específicos de *accruals*. Os autores separaram os *accruals* em longo prazo e curto prazo, sendo os de curto prazo menos persistentes que os de longo prazo, bem como os *accruals* financeiros menos persistentes que os operacionais.

De outra forma, Defond e Park (2001) segregaram os *accruals* discricionários dos não discricionários e verificaram que os investidores os distinguem, mas não incorporam completamente isto no preço.

⁶Healy (1985), DeAngelo (1986), Setorial (DECHOW; SLOAN, 1991), Jones (1991), Jones Modificado (DECHOW; SLOAN; SWEENEY, 1995), KS (1995), Marginal (PEASNELL *et al*, 2000), Jones *Forward Looking* (DECHOW; RICHARDSON; TUNA 2003), Pae (2005).

Dentre os grandes problemas enfrentados pela especificação dos modelos de gerenciamento de resultados está a especificação dos modelos de estimação dos *accruals* discricionários, uma vez que o total dos *accruals* é dado por:

$$TA = AND + AD \quad (2)$$

em que:

TA é o total dos *accruals*;

AND são os *accruals* não-discricionários (não gerenciados); e

AD são os *accruals* discricionários (gerenciados).

Para verificar o gerenciamento de resultados – por meio da estimação os *accruals* discricionários – os modelos dispostos no quadro 4 procuram utilizar-se de regressão linear dos parâmetros analisados, ora calculando o gerenciamento, por meio de uma equação, ora utilizando o erro da regressão para dizer se houve ou não *accruals* discricionários.

Paulo (2008, p. 102) destaca três passos para estimar os *accruals* discricionários:

1) Estimar os parâmetros da regressão dos *accruals* totais (TA)⁷:

$$TA_t = \alpha + \sum_{k=1}^K \beta_{kt} \delta_t + \varepsilon_t \quad (3)$$

em que:

TA_t é o total dos *accruals* da empresa no tempo “t”; e

δ_t representa as variáveis que afetam o comportamento dos *accruals* totais na empresa no período “t”.

2) Calcular os *accruals* não-discricionários com base nos coeficientes encontrados no primeiro passo, juntamente com as variáveis explicativas de cada observação:

$$NDA_t = \alpha + \sum_{k=1}^K \beta_{kt} \delta_t \quad (4)$$

⁷ Este é um modelo básico onde todos os demais partem dele para estimação dos *accruals*.

em que:

NDA_t é o total dos *accruals* não-discrecionários da empresa no tempo “t”; e

δ_t representa as variáveis que afetam o comportamento dos *accruals* totais na empresa no período “t”.

- 3) Estimar os *accruals* discrecionários com base na equação básica dos *accruals* totais menos os *accruals* não-discrecionários ($AD_t = TA_t - AND_t$).

Observa-se que os *accruals* discrecionários obtidos no passo 3 (três) podem ser obtidos a partir do erro da regressão efetuada no passo 1 (um).

Além disto, Dechow e Dichev (2002) verificaram que o desvio padrão dos resíduos do modelo é a *proxy* para qualidade do lucro. Empresas com amplo desvio padrão têm menor persistência dos resultados, longos ciclos operacionais, amplos *accruals* e maior volatilidade do fluxo de caixa.

2.2.4. Relevância dos Resultados Contábeis (*value relevance*)

Segundo Kothari (2001) a busca de informações tem sido uma das maiores preocupações dos acionistas, investidores e credores, os quais tem utilizado as variáveis contábeis na avaliação de empresas.

Para Holthausen e Watts (2001) a essência dos estudos sobre *value relevance* está na função informativa que a contabilidade tem em fornecer valores estimados sobre o mercado acionário ou possibilitar a estimação dos mesmos.

Dentre os principais estudos sobre as variáveis contábeis e o preço de mercado, destacam-se o de Garman e Ohlson (1980), Ohlson (1995; 1999) e Feltham e Ohlson (1995; 1999). Na essência, esses estudos utilizaram as informações contábeis na avaliação de empresas, sendo que estes dois últimos estudos têm recebido amplo destaque na literatura internacional, pois os autores descrevem e analisam a relação entre o lucro anormal, valor contábil do patrimônio líquido e o valor da empresa.

Os estudos mais recentes partem e/ou derivam, em sua maioria, dos modelos de Ohlson (1995) e Feltham e Ohlson (1995). Entretanto, conforme Lopes (2002), o modelo mais robusto que tem sido utilizado é o MFO (Modelo de Feltham-Ohlson), que tem sido muitas vezes denominado como o Modelo de Olshon. O MFO parte de três premissas básicas: a) o modelo de desconto de dividendos (MDD)⁸ determina o valor de mercado, considerando a neutralidade ao risco; b) a contabilidade tem que satisfazer a CSR (*Clean Surplus Relation*)⁹; c) o comportamento estocástico de x_t^a (retorno anormal).

Estudos que abordam o *value relevance* têm sido objeto de pesquisas no meio acadêmico, nos quais as variáveis contábeis de lucro e patrimônio líquido são utilizadas como *proxies* para mensurar os preços e retorno das ações (ALENCAR; DALMACIO, 2006).

No Brasil, Lopes (2002) investigou o relacionamento entre o lucro e o preço da ação, e constatou que os lucros e dividendos são significativos quando comparados com os fluxos de caixa. Tais resultados são consistentes com o estudo realizado por Ball, Kothari e Robin (2000). Assim, Lopes (2002, p.44) afirma que o valor de mercado da empresa pode ser considerado uma função linear. Para Lopes (2002, p. 65), “a relevância dos números contábeis é investigada [...] pelo impacto da contabilidade nos preços das ações negociadas em mercado de capitais”. O referido autor ainda destaca que evidências preliminares indicam que a relevância não pode ser analisada de uma única forma. Para isto, podem ser enumerados diversos estudos que foram realizados para relacionar a relevância do lucro e valores do balanço (LOPES, 2002), conforme descrito no quadro 5 a seguir.

⁸MDD é um modelo para precificar a empresa, proposto por Penman e Sougiannis (1998)

⁹ CSR é uma condição imposta para que todas as variações patrimoniais transitem pelo resultado (Myers, 1999).

Quadro 5 – Estudos sobre relevância das variáveis contábeis (Lucro e Patrimônio)

Características	Conclusões gerais	Autores
Evidência empírica de inflação	Demonstrações ajustadas pela inflação não fornecem informações adicionais aos investidores. Logo, é irrelevante o ajustamento por inflação.	Dyckman (1975); Davidson e Weill (1975); Watts e Zimmerman (1979); Beaver e Landsman (1983); Beaver et al (1982).
Intangíveis	Em empresas com grandes quantidades de ativos intangíveis, o lucro e o patrimônio líquido não são relevantes, com destaque para empresas industriais de celulares.	Lev (1997); Amir e Lev (1996).
Itens Especiais	O mercado dá menos valor a itens especiais em comparação com o resultado antes dos itens especiais, o que corrobora a ideia de que os itens especiais não afetam a capacidade de geração de fluxos de caixa futuro para a empresa.	Elliot e Hanna (1996); Maydew (1997); Basu (1997).
Prejuízos	Resultados negativos (prejuízos) impactam mais os preços do que resultados positivos.	Hayn (1995); Basu (1997); Barth et al (1997); Burgstahler e Dichev (1997).
Tamanho da empresa	O valor do patrimônio tem maior importância do que o resultado em pequenas empresas para as quais a saúde financeira é menor e é observada menor persistência dos resultados	Hayn (1995)

Fonte: Adaptado de Lopes (2002, p. 45-46)

Para Watts e Holthausen (2001) em estudos que efetuam associação de valor de mercado com variáveis contábeis (PL e Lucro), os resultados dos estimadores (variáveis contábeis estimadas) tornam-se mais relevantes quanto maior for o coeficiente de determinação (R^2) do modelo analisado.

Lang, Raedy e Wilson (2006) também utilizaram a associação de dados contábeis com o preço da ação e verificaram que os dados contábeis são mais informativos se associados com o preço e retorno das ações. Utilizaram, para isto, uma amostra envolvendo empresas norte-americanas e não norte-americanas, sendo que as primeiras foram mais significativas.

Assim, o valor relevante é identificado com maior qualidade se tiver alta associação entre os preços das ações, retornos e patrimônio líquido, porque a alta qualidade reflete o valor econômico da firma (BARTH, LANDSMAN; LANG, 2008). Com isso, os autores citados verificaram que o valor relevante é significativo quando esta associação é maior entre empresas que utilizam normas internacionais quando comparada com normas locais.

2.2.5. Pesquisas sobre a Qualidade da Informação Contábil e IFRS

Em contabilidade internacional, a qualidade da informação contábil tem sido utilizada como o poder da informação gerada a partir dos relatórios contábeis e que possam influenciar a decisão dos seus usuários. Depois da criação do IASB, as informações passaram a receber mais atenção no que tange a qualidade das mesmas. Com isto, as empresas podem mostrar com maior precisão a real situação financeira e econômica de seu patrimônio (BAGAEVA, 2008).

Neste contexto, no âmbito internacional a questão da qualidade da informação contábil tem recebido atenção e estudos comparativos entre diversos países têm sido realizados, utilizando-se das dimensões de qualidade das informações contábeis descritas anteriormente. Barth, Landsman e Lang (2008) compararam os resultados das empresas que utilizavam padrões locais com resultados obtidos com a utilização dos padrões internacionais de contabilidade. Os autores utilizaram quatro métricas para o gerenciamento de resultados, sendo três para alisamento de resultados (lucro, fluxo de caixa operacional e a correlação entre os dois) e uma para gerenciar as metas de resultados previstas pelos analistas ou determinadas pela alta administração. Os autores destacam que alterações nas taxas das métricas selecionadas são indícios de gerenciamento de resultados, o que interfere na qualidade das informações contábeis.

Adicionalmente, Burgstahler, Hail e Leuz (2006) verificaram que existe maior incidência de gerenciamento de resultados em empresas privadas do que em empresas mistas em países com fraca imposição legal.

Com a utilização das dimensões que verificam a qualidade da informação contábil, os pesquisadores têm investigado o efeito – impacto da adoção – dessas sobre as empresas quanto da implementação das normas internacionais de contabilidade. Jeanjean e Stolowy (2008) verificaram o efeito no gerenciamento de resultados da adoção obrigatória na Austrália, França e Reino Unido, tendo verificado que, na França, não há redução no gerenciamento e sim um incremento.

Paananen (2008) examinou empresas suecas quanto à adoção das normas internacionais com a utilização do conservadorismo condicional, *value relevance* e gerenciamento de resultados. Os resultados da pesquisa sugerem que não houve incremento da qualidade da informação contábil nos dois primeiros anos, mas sim uma redução.

Por outro lado, Barth, Landsman e Lang (2008), em um estudo que envolveu as empresas não-estadunidenses, destacam que o processo de convergência melhora a comparabilidade, mas não a ponto de concluir que este processo alcançará um nível ímpar de convergência; ou seja, ainda restará algum tempo para que a harmonização material (das práticas contábeis) seja finalizada, se é que será finalizada em algum momento. Ainda neste estudo, verificou-se que as empresas que apresentam suas informações financeiras elaboradas a partir das normas internacionais apresentam melhor qualidade das informações contábeis¹⁰ do que quando elaboradas a partir de normas locais.

A questão da qualidade da informação contábil também tem sido bem discutida no Brasil. Lima (2010), que associou as variáveis contábeis e de mercado quando da implementação parcial dos IFRS no Brasil, no período de 1995 a 2009, verificou que os números contábeis são relevantes para os usuários das informações contábeis e alteram suas expectativas quando tratados sob diferentes normas.

Com base nos estudos expostos, percebe-se que estes, em sua maioria, abordam mais a questão do gerenciamento dos resultados contábeis, o que demonstra uma característica do gerenciamento, pois reduz a qualidade da informação contábil gerada pelas empresas. Além disto, a relevância da informação para o mercado de capitais é alterada em decorrência da utilização de diferentes normas contábeis.

¹⁰ Por muitas vezes a literatura aborda qualidade da informação contábil como qualidade dos resultados.

3. METODOLOGIA DA PESQUISA

Nesta seção serão apresentadas duas partes, (a) a seleção da amostra e (b) as estratégias de pesquisa e técnicas utilizadas para análise dos dados.

3.1. Seleção da amostra

A amostra selecionada aqui tem por objetivo estudar o conjunto de países que implementaram, de forma parcial ou total, as normas internacionais editadas pelo IASB.

Com isto, pretende-se utilizar uma amostra envolvendo empresas de capital aberto e listadas nas bolsas de valores dos países que compõem o Grupo dos 7 (G-7), que é um conjunto de sete países mais industrializados e desenvolvidos economicamente do mundo, além de incluir a Rússia. A projeção do PIB destes países, em conjunto, representa cerca de 80% do PIB mundial (WILSON; STUPNYTSKA, 2007). A tabela 1, logo a seguir, demonstra a distribuição e projeção do PIB dos países do G-7, até 2050.

Tabela 1 – Projeções do PIB dos 8 países do G-7 (em trilhões de USD)

País / Ano	2015	2020	2025	2030	2035	2040	2045	2050
EUA	16,19	17,98	20,09	22,82	26,1	29,82	33,9	38,51
Japão	4,86	5,22	5,57	5,81	5,89	6,04	6,3	6,68
Alemanha	3,33	3,52	3,63	3,76	4,05	4,39	4,71	5,02
Reino Unido	2,84	3,1	3,33	3,6	3,94	4,34	4,74	5,13
França	2,58	2,82	3,06	3,31	3,57	3,89	4,23	4,59
Itália	2,07	2,22	2,33	2,39	2,44	2,56	2,74	2,95
Canadá	1,55	1,7	1,86	2,06	2,3	2,57	2,85	3,15
Rússia	1,9	2,55	3,34	4,27	5,27	6,32	7,42	8,58
Total	35,31	39,12	43,2	48,01	53,55	59,94	66,9	74,62

Fonte: Adaptado de Wilson e Stupnytska (2007)

Além disso, ainda compõem a amostra os países que integram o BRICS, incluídos devido à ampla ascensão econômica do Brasil, Rússia, Índia, China e da África do Sul, ao

longo dos últimos anos, na economia mundial, sendo que, segundo Wilson e Purushothaman (2003)¹¹ serão forças importantes do novo quadro global em um futuro não muito distante.

A evolução é tão expressiva que ao se comparar os países do BRICS com os países de economia desenvolvida, observa-se o crescimento do PIB bem mais significativo, havendo a expectativa de que serão líderes representativos para a economia mundial a partir 2020, conforme projeções da tabela 3.2 a seguir.

Tabela 2 – Projeções do PIB dos 8 países do G-7 com BRICS (em trilhões de USD)

Posição	País	2015	2020	2025	2030	2035	2040	2045	2050
1	BRIC ¹²	13,65	20,23	28,925	40,28	55,09	74,483	98,748	128,32
2	EUA	16,19	17,98	20,087	22,82	26,097	29,823	33,904	38,514
3	Japão	4,861	5,224	5,57	5,814	5,886	6,042	6,3	6,677
4	Alemanha	3,326	3,519	3,631	3,761	4,048	4,388	4,714	5,024
5	Reino Unido	2,835	3,101	3,333	3,595	3,937	4,344	4,744	5,133
6	França	2,577	2,815	3,055	3,306	3,567	3,892	4,227	4,592
7	Itália	2,072	2,224	2,326	2,391	2,444	2,559	2,737	2,95
8	Canadá	1,549	1,7	1,856	2,061	2,302	2,569	2,849	3,149

Fonte: Adaptado de Wilson e Stupnytska (2007)

O'Neil e Stupnytska (2009) afirmam que os países que compõem o BRIC resistiram melhor e se recuperaram rapidamente da crise financeira, ocorrida entre 2007 e 2009. Para os autores, esses países superaram as expectativas de crescimento estimadas há seis anos

Assim, a amostra bruta (alguns países serão excluídos devido a não convergência ainda aos padrões contábeis do IASB) será composta pelos países membros do G-7 e do BRICS, conforme dispostos no quadro 6, a seguir.

¹¹ Este estudo não apresenta dados sobre a África do Sul, pois foi incorporada ao BRICS em 2011.

¹² O estudo de Wilson e Stupnytska (2007) não incluiu a África do Sul.

Quadro 6 – Status da convergência aos padrões contábeis do IASB, pelos países do G-7 e do BRICS

País	Status da convergência	Incluído
EUA	Permitido para empresas estrangeiras desde 2007. As empresas locais ainda aguardam decisão sobre a exibibilidade dos IFRS.	Não
Japão	Permitido para um grupo de companhias internacionais, com expectativa de adoção em 2012. Exigido em 2016.	Não
Alemanha	Exigida a Adoção e Implementação via UE desde 2005	Sim
Reino Unido	Exigida a Adoção e Implementação via UE desde 2005	Sim
França	Exigida a Adoção e Implementação via UE desde 2005	Sim
Itália	Exigida a Adoção e Implementação via UE desde 2005	Sim
Canadá	Exigido a partir de 1º de Janeiro de 2011	Não
Brasil	Exigido o consolidado em 2010 e o individual progressivamente a partir de 2008	Sim
Rússia	Exigido em 2012	Não
China	Substancialmente convergente com as IFRS desde 2007	Sim
África do Sul	Exigido para empresas listadas desde 2005	Sim
Índia	Dada ainda a ser confirmada.	Não

Fonte: Adaptado a partir de IASB¹³ (2012).

Observa-se que foram excluídos EUA, Japão, Índia e Rússia pela não exigibilidade de aplicação dos IFRS nas demonstrações das empresas. No caso do Canadá, o período de tempo analisado seria de apenas 1 ano.

Cada modelo será composto de uma variável *dummy* para período pós convergência e a interação desta com outras variáveis para identificar possível significância. Caso o modelo tenha particularidade na significância, como o de *value relevance*, em que é necessário analisar o poder explicativo antes e depois da implementação das normas internacionais, a análise será efetuada em dois períodos: antes e depois da utilização dos padrões internacionais. O quadro 7 detalha o período analisado de cada país.

Quadro 7 – Descrição da amostra por Blocos, Países e períodos utilizados nas análises

Bloco	País	Bolsa	Ano da Convergência	Período Pré-Convergência	Período Pós-Convergência
G-7	Alemanha	Frankfurt	2005	1998 a 2004	2005 a 2011
	França	Euronext Paris	2005	1998 a 2004	2005 a 2011
	Itália	Milão	2005	1998 a 2004	2005 a 2011
	Reino Unido	Londres	2005	1998 a 2004	2005 a 2011
BRICS	África do Sul	Johanesburgo	2005	1998 a 2004	2005 a 2011
	Brasil	Bovespa	2008	2004 a 2007	2008 a 2011
	China	Shangai	2007	2002 a 2006	2007 a 2011

¹³ Disponível em <<http://www.ifrs.org/Use+around+the+world/Use+around+the+world.htm>> Acesso 10 abr 2012

Fonte: elaborado a partir de IASB (2012)

No que se refere à fonte de dados para análise (base de dados), foi utilizada a DataStream® Advanced, que é uma base proveniente da Thomsom Reuters, que contém informações abrangentes para séries temporais, com conteúdo histórico e financeiro de 175 países em 60 mercados globais. Tal cobertura é importante ao efetuar estudos comparativos entre países, principalmente no que tange a estudos sobre a convergência dos padrões contábeis internacionais. Alguns estudos têm se utilizado desta base para efetuar análises quanto às informações contábeis para o mercado de capitais, como é o caso de Barth, Landsman e Lang (2008).

Foram utilizadas as principais bolsas de valores de cada país para selecionar as empresas listadas, excluídas as empresas de setores regulados, como o financeiro e de seguros, bem como empresas públicas, devido a características específicas destes setores.

3.2. Especificação dos Modelos Operacionais e Significância das Variáveis

O delineamento (ou estratégia) da pesquisa é um fator importante para definir quais caminhos, estratégias e modelos operacionais podem e/ou devem ser utilizados para testabilidade das hipóteses descritas.

A análise de todos os modelos foi efetuada com dados em painéis, com modelos ajustados com efeitos fixos e efeitos aleatórios. Para decidir qual o melhor modelo, o teste de *Hausman* foi efetuado para todos os modelos.

Na sequência, os dados utilizados são anuais e foram coletados em moeda original e se fez necessário fazer o escalonamento de algumas variáveis, com finalidade de padronizar a amostra, uma vez que serão analisadas empresas de tamanhos diferentes e características diferentes. Além disto, o escalonamento contribui para reduzir os riscos de heterocedasticidade.

Entretanto, os modelos poderiam apresentar limitações quanto às variáveis explicativas, foi necessário utilizar variáveis de controle, com finalidade de isolar os efeitos que possivelmente poderiam afetar as variáveis independentes de interesse, as quais foram apresentadas após os modelos de cada dimensão de qualidade.

3.2.1. Persistência dos Resultados Contábeis

Os estudos mais significativos sobre a persistência dos resultados contábeis foram de Black (1980), Beaver (1998) e Ohlson e Zhang (1998), os quais verificaram a permanência dos resultados, bem como Dechow e Schrand (2004) que verificaram a persistência dos resultados contábeis (Lucro Líquido ou Fluxo de Caixa Operacional).

Assim, com a finalidade de explicar o comportamento do desempenho futuro, Dechow e Schrand (2004) descreveram o modelo seguinte:

$$X_{t+1} = \alpha_1 + \alpha_2 X_t + \varepsilon_t \quad (7)$$

em que:

X_{t+1} representa o Lucro Líquido futuro, para persistência do lucro, ou Fluxo de Caixa Operacional, para persistência do fluxo de caixa;

X_t é o Lucro Líquido (Fluxo de Caixa Operacional) corrente;

α_i são os parâmetros a serem estimados; e

ε_t é o distúrbio do modelo.

No modelo descrito, quanto maior e mais próximo de um for o coeficiente α_2 , mais persistentes serão os resultados contábeis no futuro Dechow e Schrand (2004). Os autores ainda acreditam que os fluxos de caixa são excessivamente voláteis e não refletem o desempenho atual e futuro tão bem quanto o lucro. Para confirmar isso, alguns estudos destacam que os resultados contábeis são mais persistentes do que os fluxos de caixa, como é o caso de Dechow (1994).

Quando analisada a persistência do fluxo de caixa, não é utilizado o fluxo de caixa total, e sim o Fluxo de Caixa Operacional.

Assim, o modelo econométrico deste trabalho é dado por:

$$X_{i,t} = \beta_0 + \beta_1 X_{i,t-1} + \beta_2 IFRS + \beta_3 X_{i,t-1} * IFRS + \varepsilon_{1it} \quad (8)$$

em que:

$X_{i,t}$ = Lucro Contábil (ou Fluxo de Caixa Operacional) da empresa i no tempo t , escalonado pelo ativo total da empresa no período $t-1$;

$X_{i,t-1}$ = Lucro Contábil (ou Fluxo de Caixa Operacional) da empresa i no tempo $t-1$, escalonado pelo ativo total da empresa no período $t-2$;

$IFRS$ = variável *dummy* que assume 1 para período pós convergência e 0 (zero) para os demais casos;

β_n = parâmetros da regressão a serem estimados;

ε_{it} = erro da regressão ($\sim N(0, \sigma^2)$)¹⁴ da empresa i no tempo t .

O coeficiente da variável de interesse no caso da persistência dos resultados contábeis seria β_1 . Entretanto, como se pretende verificar a hipótese de influencia da convergência contábil aos padrões contábeis editados pelo IASB, o coeficiente β_3 demonstra a interação da variável $IFRS$ com a variável persistência X , ou seja, o efeito da convergência na persistência. Assim, espera-se que β_3 seja positivo e significativo para o modelo analisado.

3.2.2. Conservadorismo Condicional

O conservadorismo condicional tem sido observado a partir do modelo de Basu (1997), o qual estabeleceu a relação entre os resultados contábeis negativos e o reconhecimento de perdas conservadoras para proteger os resultados contábeis futuros.

O modelo de Basu (1997) é descrito como:

¹⁴ Assume-se que os erros seguem uma distribuição normal. Entretanto, eventuais violações dessa premissa não causariam problemas, pois conforme Brooks (2008, p. 183), a violação da normalidade, para grandes amostras, é virtualmente inconsequente e, pela teoria do limite central, a estatística seguirá assintoticamente uma distribuição apropriada mesmo na ausência de normalidade dos erros aleatórios.

$$\frac{X_{it}}{P_{i,t-1}} = \alpha_0 + \alpha_1 DR_{it} + \alpha_2 R_{it} + \alpha_3 R_{it} * DR_{it} + \varepsilon_{2it} \quad (9)$$

em que:

X_{it} = Lucro,

$P_{i,t-1}$ = preço da ação no encerramento do período anterior,

DR_{it} = assume 1 para valores de R_{it} negativos e zero para os demais casos.

R_{it} = retorno da ação da empresa¹⁵ i no tempo t .

α_j = parâmetros da regressão a serem estimados, e

ε_{2it} = erro da regressão ($\sim N(0, \sigma^2)$) da empresa i no tempo t .

Com este modelo, Basu (1997) procurou verificar o nível de significância do estimador α_1 e α_3 , sendo este segundo resultante da interação do retorno da empresa com a variável *dummy* (D_{it}). Esta interação procura identificar se os retornos negativos são estatisticamente significantes, ou seja, se existe reconhecimento pontual do conservadorismo condicional.

Assim, com base no modelo de Basu, descrito anteriormente, o modelo operacional nesta pesquisa será:

$$\frac{LL_{i,t}}{VM_{i,t-1}} = \beta_0 + \beta_1 DR_{it} + \beta_2 R_{it} + \beta_3 IFRS + \beta_4 DR_{it} * R_{it} + \beta_5 DR_{it} * R_{it} * IFRS + \varepsilon_{3it} \quad (10)$$

em que:

LL_{it} = Lucro líquido da empresa i no tempo t ;

$VM_{i,t-1}$ = valor de mercado da empresa i no tempo $t-1$;

DR_{it} = é uma variável *dummy* que assume valor 1 (um) para retornos negativos e 0 (zero) para os demais casos;

¹⁵ O retorno é dado pela variação relativa do preço da ação anterior para o atual, ou seja, $P_{i,t} = \frac{P_{i,t} - P_{i,t-1}}{P_{i,t-1}}$.

R_{it} = é o retorno da ação da empresa i no tempo t ;

$IFRS$ = variável *dummy* que assume 1 para período pós convergência e 0 (zero) para os demais casos;

β_j = parâmetros da regressão a serem estimados;

ε_{3it} = erro da regressão ($\sim N(0, \sigma^2)$) da empresa i no tempo t .

O nível de conservadorismo é dado pelo coeficiente β_4 . Entretanto, como o objetivo desta pesquisa é verificar o efeito da convergência no conservadorismo, é necessário que a variável que gera o coeficiente β_5 , resultante da interação da variável conservadorismo com a *dummy IFRS*, seja negativo (resultados negativos) e estatisticamente significativa.

Por se tratar de variáveis relativas, não será necessário escalonar nenhuma das outras variáveis para evitar a heteroscedasticidade das variáveis analisadas.

3.2.3. Gerenciamento de Resultados

Os modelos de gerenciamento de resultados contábeis têm sido utilizados para estimar os *accruals* discricionários e, neste estudo, serão estimados por meio do modelo Pae (2005) e do modelo Paulo (2007).

É importante destacar que o primeiro é proveniente do modelo de Jones (1991), com algumas correções quanto aos problemas de estimação dos *accruals*, tais como as diferenças de estratégias, a estrutura das operações entre as empresas, controla a reversão dos *accruals* dos períodos anteriores. Além disto, o modelo PAE (2005) aqui utilizado passa a ter intercepto – apenas o modelo Paulo (2007) tem intercepto, pois controla problemas econométricos, uma vez que evita que o erro da regressão tenha média diferente de zero e não assume que todas as variações nas vendas a prazo são práticas de gerenciamento de resultados – o modelo Jones não se aplica a este caso.

O segundo modelo (PAE, 2005), leva em consideração o comportamento anormal dos custos de produção, das despesas operacionais e do fluxo de caixa como variáveis que explicam o gerenciamento dos resultados contábeis.

Assim, tais modelos se justificam devido aos controles dos problemas de especificação e demonstrados no quadro 4 (da seção 2.2.3), sendo que estes dois modelos controlam grande parte das limitações quanto à estimação dos *accruals* discricionários para gerenciamento de resultados.

Antes de testar os modelos é necessário calcular os *accruals* totais para todas as empresas e períodos da amostra, o que será obtido pela equação a seguir, amplamente utilizada na literatura (HEALY, 1995; JONES, 1991; PAE, 1995; MARTINEZ, 2001; PAULO, 2007):

$$TA_{it} = (\Delta AC_{it} - \Delta Disp_{it}) - (\Delta PC_{it} - \Delta Div_{it}) - Depr_{it} \quad (11)$$

em que:

TA_{it} = *accruals* totais da empresa *i* no final do período *t*;

ΔAC_{it} = variação do ativo circulante (corrente) da empresa *i* no final do período *t-1* para o período *t*;

$\Delta Disp_{it}$ = variação das disponibilidades da empresa *i* no final do período *t-1* para o período *t*;

ΔPC_{it} = variação do passivo circulante (corrente) da empresa *i* no final do período *t-1* para o período *t*;

ΔDiv_{it} = variação das dívidas de curto prazo (empréstimos/financiamentos e debêntures) da empresa *i* no final do período *t-1* para o período *t*;

$Depr_{it}$ = total das despesas com depreciação, amortização e exaustão da empresa *i* no final do período *t*;

Todas as variáveis são escalonadas pelos ativos totais no início do período (*t-1*)

Com isso, o primeiro modelo para estimação dos *accruals* não-discricionários é descrito pelo modelo 12, proposto a partir de Pae (2005), em que:

$$TA_{it} = \beta_0 + \beta_1 \frac{1}{A_{i,t-1}} + \beta_2 \Delta RL_{it} + \beta_3 AI_{it} + \beta_4 INT_{it} + \beta_5 FCO_{it} + \beta_6 FCO_{i,t-1} + \beta_7 TA_{i,t-1} + \varepsilon_{4it} \quad (12)$$

em que:

TA_{it} = *accruals* totais da empresa i no final do período t , escalonados pelos ativos totais no início do período ($t-1$), obtido na equação 11;

$A_{i,t-1}$ = ativos totais da empresa no final do período $t-1$;

ΔRL_{it} = variação receitas líquidas da empresa i do período $t-1$ para o período t , ponderada pelos ativos totais no final do período $t-1$;

AI_{it} = montante do ativo imobilizado (bruto) da empresa i no final do período t , escalonados pelos ativos totais no início do período ($t-1$);

INT_{it} = montante das contas do ativo intangível (bruto) da empresa i no final do período t , escalonados pelos ativos totais no início do período ($t-1$);

FCO_{it} = Fluxo de Caixa Líquido das Operações da empresa i no período t , escalonados pelos ativos totais no início do período ($t-1$);

$FCO_{i,t-1}$ = Fluxo de Caixa Líquido das Operações da empresa i no período $t-1$, escalonados pelos ativos totais no início do período ($t-2$);

$TA_{i,t-1}$ = *accruals* totais da empresa i no final do período $t-1$, escalonados pelos ativos totais no início do período ($t-2$);

β_j = parâmetros da regressão a serem estimados;

ε_{4it} = erro da regressão ($\sim N(0, \sigma^2)$) da empresa i no tempo t .

Para corrigir problemas que o modelo original de PAE (2005), o modelo descrito na equação 12 passa a ter intercepto, pois conforme disposto em Paulo (2007), um dos problemas do modelo Pae (2005) é a ausência do intercepto. Com isto, evita-se que os estimadores sejam enviesados, bem como é adequado cálculo do coeficiente de determinação, R^2 .

O segundo modelo para estimação dos *accruals* discricionários segue as características do modelo proposto por Paulo (2007), especificado da seguinte forma:

$$\begin{aligned}
 TA_{it} = & \beta_1 + \beta_2 RL_{it} + \beta_3 AI_{it} + \beta_4 FCO_{it} + \beta_5 LL_{it} + \beta_6 LL_{it}^2 + \beta_7 \Delta LL_{i,t-1} + \\
 & \beta_8 D\Delta LL_{i,t-1} + \beta_9 \Delta LL_{i,t-1} * D\Delta LL_{i,t-1} + \beta_{10} TA_{i,t-1} + \\
 & \beta_{11} ab_Prod_{it} + \beta_{12} ab_DO_{it} + \beta_{13} ab_FCO_{it} + \varepsilon_{5it}
 \end{aligned} \tag{13}$$

em que:

LL_{it} = lucro líquido contábil da empresa i no período t , escalonado pelos ativos totais no final do período $t-1$;

ΔLL_{it-1} = variação no lucro líquido contábil da empresa i do ano $t-2$ para o ano $t-1$ escalonada pelo valor do ativo total no início do ano $t-2$;

$D\Delta LL_{it-1}$ = variável *dummy* para indicar se existe variação negativa no lucro líquido contábil da empresa i do ano $t-2$ para o ano $t-1$, assumindo valor 1 se $\Delta NI_{it} < 0$, e 0 nos demais casos;

TA_{t-1} = *accruals* totais da empresa i no período $t-1$, escalonados pelos ativos totais no final do período $t-2$;

Ab_Prod_{it} = comportamento anormal dos custos de produção da empresa i no período t , obtido a partir da variação relativa dos custos de produção¹⁶;

Ab_DO_{it} = comportamento anormal das despesas operacionais da empresa i no período t , obtido a partir da variação relativa das despesas operacionais¹⁷;

Ab_FCO_{it} = comportamento anormal do fluxo de caixa operacional da empresa i no período t , obtido a partir da variação relativa do fluxo de caixa operacional¹⁸;

β_j = coeficientes da regressão a serem estimados.

ε_{5it} = erro da regressão ($\sim N(0, \sigma^2)$) da empresa i no tempo t .

Para verificar o efeito proposto pela hipótese de pesquisa de gerenciamento de resultados, as equações 12 e 13 seriam estimadas com a finalidade de apurar os *accruals* totais da empresa. Os coeficientes, ou seja, β_j deveriam ser utilizados para estimar os *accruals* não-

¹⁶ Total da produção em t subtraído do total da produção em $t-1$. Este resultado é dividido pelo total da produção em $t-1$.

¹⁷ Total das despesas operacionais em t subtraído do total das despesas operacionais em $t-1$. Este resultado é dividido pelo total das despesas operacionais em $t-1$.

¹⁸ Total do fluxo de caixa operacional em t subtraído do total do fluxo de caixa operacional em $t-1$. Este resultado é dividido pelo total do fluxo de caixa operacional em $t-1$.

discricionários (AND) de cada empresa, substituindo-se os coeficientes nas equações 12 e 13, o que possibilita calcular os ANDs.

Entretanto, seguindo o disposto em Dechow e Dichev (2002), o desvio padrão dos resíduos do modelo é uma *proxy* para o gerenciamento de resultados, em que a magnitude do desvios indicam gerenciamento dos resultados, pois maior desvio-padrão indica maiores *accruals*, bem como maior volatilidade no fluxo de caixa e no lucro.

Assim, com a finalidade de testar a hipótese de pesquisa, espera-se que os parâmetros estimados sejam significativos e que o desvio padrão dos resíduos diminua após a adoção dos IFRS pelas empresas dos países analisados, o que irá demonstrar que a qualidade das informações contábeis melhorou; ou seja, o gerenciamento de resultados foi reduzido com a utilização dos padrões internacionais de contabilidade.

3.2.4. Relevância dos Resultados Contábeis

A métrica referente ao *value relevance* é baseado no poder explanatório da regressão preço da ação sobre o lucro líquido e o patrimônio. Alencar e Dalmácio (2006) encontraram que estas variáveis têm valores significativos ao se analisar o *value relevance* de outras variáveis contábeis; ou seja, verificar o valor do coeficiente de determinação (R^2) da regressão dada na equação (17).

Um dos primeiros modelos utilizados para analisar as variáveis contábeis e o mercado de capitais, foi o de Feltham e Ohlson (1995) em que:

$$\tilde{x}_{t+1}^a = \omega x_t^a + v_t + \tilde{\varepsilon}_{1,t+1} \quad (14)$$

$$\tilde{v}_{t+1} = \gamma_t + \tilde{\varepsilon}_{2,t+1} \quad (15)$$

em que:

\tilde{x}_{t+1}^a é o lucro estocástico anormal ou lucro residual para o período t+1;

x_t^a é o lucro anormal ou lucro residual para o período t;

\tilde{v}_{t+1} significa “outras informações” estocásticas sobre lucros residuais futuros esperados que são observadas no final do período “t+1”, mas ainda não foram reconhecidas pela contabilidade;

v_t significa “outras informações” sobre lucros residuais futuros esperados que são observadas no final do período “t”, mas ainda não foram reconhecidas pela contabilidade;

ω e γ são parâmetros de persistência;

$\tilde{\varepsilon}_1$ e $\tilde{\varepsilon}_2$ representam os termos de erros estocásticos, assumidos para terem média zero e distribuição normal.

Lopes (2002) afirma que o modelo a seguir tem sido bastante utilizado na literatura contábil e descreve o modelo básico da seguinte forma:

$$VM_e = \alpha_0 + \alpha_1 VCA - \alpha_2 VCP + \varepsilon \quad (16)$$

em que:

VM_e é o valor de mercado da empresa;

VCA é o valor contábil dos ativos; e

VCP é valor contábil dos passivos.

Além disto, Lopes (2002) destaca que quanto menores forem as limitações da contabilidade em mensurar o valor de seus itens patrimoniais, menor será o erro (ε) do modelo, o que pode tornar as variáveis analisadas (VCA e VCP) mais relevantes.

Com isto, o modelo da relevância é explicado com base nas informações passadas da empresa, com base no modelo de Ohlson (1995), com finalidade de verificar a significância das variáveis analisadas por meio de uma modelagem linear, tendo como:

$$VM_e = \alpha_0 + \alpha_1 VC + \alpha_2 LL + \varepsilon \quad (17)$$

em que:

VM é o valor de mercado da empresa;

VC é o valor contábil do Patrimônio Líquido; e

LL é o lucro líquido da empresa.

Assim, conforme já pesquisado por Lang, Raedy e Yetman (2003), Lang, Raedy e Wilson (2006), Paik (2009), o modelo operacional especificado para mensurar o *value relevance* é dada pela equação a seguir.

$$VM_{it} = \beta_0 + \beta_1 PL_{it} + \beta_2 LL_{it} + \varepsilon_{6it} \quad (18)$$

em que:

VM_{it} = valor de mercado da empresa i no tempo t , escalonado pelo ativo total em t ;

PL_{it} = valor do patrimônio líquido da entidade da empresa i no tempo t , excluído o lucro líquido, escalonado pelo ativo total em t ;

LL_{it} = Lucro líquido da empresa i no tempo t escalonado pelo ativo total em t ;

β_j = parâmetros a serem estimados pela regressão.

ε_{6it} = erro da regressão ($\sim N(0, \sigma^2)$) da empresa i no tempo t .

É importante destacar que o *value relevance* é analisado pelo poder explicativo do R^2 . Assim, para verificar tal poder explicativo, se as variáveis analisadas são relevantes, espera-se que os coeficientes β_1 e β_2 sejam estatisticamente significativos, independente do sinal. Para verificar se a convergência influenciou a relevância, espera-se que as variáveis β_1 e β_2 sejam estatisticamente significativas, bem como maior poder explicativo do R^2 após o período de convergência.

Com isto, será necessário estimar os coeficientes para os períodos anterior e posterior à convergência contábil da amostra de empresas do país analisado. As variáveis de controle interagem com as variáveis pesquisadas de lucro e patrimônio líquido ajustado com finalidade de verificar a influencia sobre a informatividade das variáveis pesquisadas (LL e PL).

3.2.5. Variáveis de Controle e *Dummies*

Para aprimoramento dos resultados empíricos, será necessário controlar aspectos pertinentes às empresas, com finalidade de controlar algumas peculiaridades interessantes a cada uma delas. Para isso foram utilizadas variáveis de controle para auxiliar a verificação se o tamanho da empresa, crescimento, endividamento, giro e fluxo de caixa, influenciam nas análises e podem possibilitar a explicação sobre as consequências da convergência mais significativamente do que as variáveis utilizadas em cada modelo.

Nesse sentido, as variáveis de controle serão utilizadas em todos os modelos analisados devido à ampla utilização e discussão na literatura (BARTH, LANDSMAN, LANG, 2008; LOPES, 2009; SARLO NETO, 2009; ALMEIDA, 2010; DECHOW, GE, SCHRAND, 2010). As variáveis de controle são necessárias para controlar os aspectos referentes ao:

- a) Tamanho: é o logaritmo natural do ativo total da empresa, dado por:

$$T_{it} = \ln(\text{Ativo Total}_{it})$$

em que:

T_{it} é o tamanho da empresa “i” no período “t”; e

Ativo Total_{it} é o ativo total da empresa “i” no final do período “t”.

- b) Endividamento: esta variável tem a responsabilidade de verificar a influencia do endividamento da empresa na qualidade das informações analisadas, envolvendo as dívidas de curto e longo prazo (as contas de empréstimos, financiamentos e debêntures), dada por:

$$\text{Div}_{it} = \left(\frac{\text{DCP}_{it} + \text{DLP}_{it}}{\text{Ativo Total}_{it}} \right)$$

em que:

Div_{it} é o endividamento da empresa i no período t ;

DCP_{it} são as dívidas de curto prazo da empresa i no período t ;

DLP_{it} são as dívidas longo prazo da empresa i no período t ; e

Ativo Total_{it} é o ativo total da empresa i no período t .

- c) Giro: esta variável procura controlar o volume de vendas na qualidade da informação, dado por:

$$G_{it} = \left(\frac{RVL_{it}}{Ativo\ Total_{it}} \right)$$

em que:

G_{it} é o Giro da empresa i no período t ;

RVL_{it} são as receitas vendas líquidas da empresa i no período t ; e

$Ativo\ Total_{it}$ é o ativo total da empresa i no período t .

- d) Fluxo de Caixa: esta variável procura controlar os possíveis efeitos do fluxo de caixa operacional qualidade da informação, obtida diretamente do banco de dados Datastream Reuters.

Além das variáveis de controle, é necessário identificar em que ponto está a convergência das normas nacionais aos padrões internacionais, utilizando-se de variáveis *dummies* para identificar a utilização/convergência da normatização contábil preconizada do IASB.

3.2.6. Consolidação e Síntese dos Modelos Econométricos

Após a utilização das variáveis de controle de tamanho (T), endividamento (Div), giro (G) e Fluxo de Caixa Operacional (FCO), bem como as variáveis *dummies* (que assumem 1 quando há utilização dos IFRS e 0 nos demais casos), cada modelo operacional estará sob a forma final apresentada a seguir. Destaca-se que algumas variáveis de controle não podem ser aplicadas em alguns modelos específicos, como é o caso do Fluxo de Caixa operacional para persistência do fluxo de caixa e gerenciamento de resultados, pois ocasionariam problemas de multicolinearidade.

a) A persistência do Lucro Líquido é dada por

$$LL_{i,t} = \beta_0 + \beta_1 LL_{i,t-1} + \beta_2 IFRS + \beta_3 LL_{i,t-1} * IFRS + \beta_4 T_{i,t} + \beta_5 Div_{i,t} + \beta_6 G_{i,t} + \beta_7 FCO_{i,t} + \varepsilon_{1it} \quad (19)$$

b) A persistência do Fluxo de Caixa Operacional é dada por:

$$FCO_{i,t} = \beta_0 + \beta_1 FCO_{i,t-1} + \beta_2 IFRS + \beta_3 FCO_{i,t-1} * IFRS + \beta_4 T_{i,t} + \beta_5 Div_{i,t} + \beta_6 G_{i,t} + \varepsilon_{2it} \quad (20)$$

c) O Conservadorismo é dado por:

$$\frac{LL_{i,t}}{VM_{i,t-1}} = \beta_0 + \beta_1 DR_{i,t} + \beta_2 R_{i,t} + \beta_3 IFRS + \beta_4 DR_{i,t} * R_{i,t} + \beta_5 DR_{i,t} * R_{i,t} * IFRS + \beta_6 T_{i,t} + \beta_7 Div_{i,t} + \beta_8 G_{i,t} + \beta_9 FCO_{i,t} + \varepsilon_{3it} \quad (21)$$

d) O Gerenciamento de Resultados com Modelo Pae (2005) é dado por:

$$TA_{it} = \beta_0 + \beta_1 \frac{1}{A_{i,t-1}} + \beta_2 \Delta RL_{it} + \beta_3 AI_{it} + \beta_4 INT_{it} + \beta_5 FCO_{it} + \beta_6 FCO_{i,t-1} + \beta_7 TA_{i,t-1} + \beta_8 T_{it} + \beta_9 Div_{it} + \beta_{10} G_{it} + \varepsilon_{4it} \quad (22)$$

e) O Gerenciamento de Resultados com Modelo Paulo (2007) é dado por:

$$TA_{it} = \beta_0 + \beta_1 RL_{it} + \beta_2 AI_{it} + \beta_3 INT_{it} + \beta_4 FCO_{it} + \beta_5 LL_{it} + \beta_6 LL_{it}^2 + \beta_7 \Delta LL_{i,t-1} + \beta_8 D\Delta LL_{i,t-1} + \beta_9 \Delta LL_{i,t-1} * D\Delta LL_{i,t-1} + \beta_{10} TA_{i,t-1} + \beta_{11} ab_Prod_{i,t} + \beta_{12} ab_DO_{i,t} + \beta_{13} ab_FCO_{i,t} + \beta_{14} T_{it} + \beta_{15} Div_{it} + \beta_{16} G_{it} + \varepsilon_{5it} \quad (23)$$

f) O *Value Relevance* é dado por:

$$VM_{it} = \beta_0 + \beta_1 PL_{it} + \beta_2 LL_{it} + \beta_3 T_{it} + \beta_4 Div_{it} + \beta_5 G_{i,t} + \beta_6 FCO_{i,t} + \varepsilon_{6it} \quad (24)$$

Com base nestes modelos, os resultados são estimados e dispostos no capítulo 4.

3.3. Estratégias e técnicas utilizadas para análise dos dados

Para analisar empiricamente os dados das empresas de cada país, serão efetuadas estimações de regressões com dados em painel (*panel data*) em cada modelo selecionado, para avaliar a qualidade da informação contábil. A estimação com dados em painel utiliza as observações de séries temporais e *cross section* (seção cruzada), que, segundo Greene (2003, p. 283) é comumente empregada em economia para análise de dados de um conjunto de informações das empresas ao longo do tempo.

Para Baltagi (2005, p.4-6) destacam-se entre as vantagens da utilização de dados em painel, o controle da heterogeneidade individual, a maior capacidade para estudar a dinâmica dos ajustamentos e a possibilidade de modelar e analisar modelos comportamentais mais complexos.

A análise dos dados será efetuada a partir da regressão com efeitos fixos e com efeitos aleatórios. Nos modelos de dados com efeitos fixos, a estimação é feita assumindo que a heterogeneidade dos indivíduos se capta na parte constante, que é diferente de indivíduo para indivíduo. Nos efeitos aleatórios, a estimação é feita introduzindo a heterogeneidade dos indivíduos no termo de erro (WOOLDRIDGE, 2002; BALTAGI, 2005; GUJARATI, 2006).

Para se verificar qual o melhor ajuste, se dados com modelos de efeitos fixos ou efeitos aleatórios, será conduzido o teste de Hausman para identificar o melhor modelo, em que a hipótese nula é que o modelo de efeitos aleatórios pode ser utilizado, caso esta hipótese não seja rejeitada.

Com o objetivo de melhorar as estimações dos parâmetros e, conseqüentemente, extrair inferências mais adequadas sobre os modelos analisados, será utilizado o estimador de SUR (*seemingly unrelated regression*), também conhecida como a regressão multivariada ou método de Zellner, (ZELLNER, 1962), em que os parâmetros são robustos mesmo na presença de heteroscedasticidade e autocorrelação (ZELLNER; HUANG, 1962).

Um problema inerente à especificação dos modelos pode ser a presença de relação entre as variáveis explicativas, ou seja, multicolinearidade. Gujarati (2006, p. 289) destaca que “multicolinearidade é uma questão de grau, e não de tipo”. O autor destaca que a utilização de dados em painéis pode ser uma medida corretiva para isto. Além do mais, caso exista a presença de correlação nas variáveis explicativas, a transformação das variáveis pode

corrigir o problema. O autor ainda destaca que muitos autores têm utilizado o fator de inflação da variância (FIV) para verificar a problemática colinear. Assim, para FIV maior que 10, diz-se que o modelo apresenta alto risco de multicolinearidade (BALTAGI, 2005; GUJARATI, 2006).

A obtenção do FIV é feita por meio de regressões auxiliares, envolvendo as variáveis explicativas, sendo isolada uma das variáveis como dependente e as demais independentes. Depois disto, calcula-se o FIV por meio da equação $FIV_i = 1/(1 - R_i^2)$, em que resultados maiores que 10 indicam alta colinearidade (KENNEDY, 1998; BALTAGI, 2003; GUJARATI, 2006; KLEINBAUM; KUPPER; MULLER, 2010).

Ainda Brooks (2002) destaca que se a correlação entre as variáveis for alta, o R^2 da regressão poderá ser alto e os estimadores não poderão ser os “melhores estimadores não viesados”. Caso isto aconteça, o modelo que apresentar tal variável neste contexto deverá ser passível da exclusão da mesma.

Um problema que tem sido investigado pelos mais diversos pesquisadores diz respeito ao efeito sobre o viés de sobrevivência (viés ligado a perda de indivíduos previamente escolhidos ou já participantes de um estudo). Grinblatt e Titman (1989) verificaram que o viés de sobrevivência é menor que 0,5% ao ano. Também, Andaku e Pinto (2003) diagnosticaram que a presença deste viés no resultado final é bem pequena, na ordem de 0,2% a 0,8% ao ano. Tais preocupações podem ser minimizadas, ou imperceptíveis, ao se utilizar dados em painéis desbalanceados, como é o caso da aplicação desta pesquisa.

Para verificar a robustez e a consistência das análises, foram excluídos os valores extremos (*outliers*) com dados numéricos superiores a 3 vezes acima ou abaixo da média, com exceção do gerenciamento de resultados, em que os resultados extremos são utilizados para verificar a manipulação dos resultados.

Para a análise do gerenciamento de resultados será conduzido o teste de média emparelhada, a fim de verificar se o desvio-padrão dos resíduos antes dos IFRS é diferente do desvio-padrão depois dos IFRS e assim poder identificar se há ou não alteração no nível de gerenciamento de resultados.

Com a utilização de dois modelos para gerenciamento de resultados pode acontecer que um modelo (PAE, 2005) possa obter resultado diferente de outro (PAULO, 2007). Para isso, o teste de Vuong será utilizado para verificar qual dos modelos produz maior poder explicativo (VUONG, 1989; DECHOW, 1994, PAULO, 2007, DANTAS, 2012).

Por fim, para se evitar a perda de dados referentes a algum período ao longo da amostra, os dados foram coletados a partir de dois anos anteriores ao período analisado, tendo em vista a existência de variáveis com dois períodos de defasagem, isto é, referentes ao período $t-2$.

4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A discussão e apresentação dos resultados serão realizadas, inicialmente, com dados consolidados de todos os países (global); depois em dois blocos envolvendo os países do G7 que já adotaram os IFRS e, BRICS, que adotaram os IFRS, e depois apresentadas país a país. Assim, cada dimensão da qualidade das informações contábeis é comparada com a utilização de modelos ajustados por efeitos fixos e por efeitos aleatórios, quando aplicável, bem como o referido teste de *Hausman* que tem a finalidade de rejeitar ou não a utilização do segundo ajuste.

Os apêndices A e B apresentam, respectivamente, a descrição dos setores e as variáveis que foram utilizadas no estudo e coletadas na base de dados DataStream® Thomsom-Reuters.

Antes de se analisar cada característica de qualidade da informação contábil, foram apuradas as estatísticas descritivas, testes de raiz unitária¹⁹ (com finalidade de verificar a estacionariedade das séries) e teste de multicolinearidade (FIV – fator de inflação da variância) que estão nos Apêndices de “C” a “AA”.

Conforme disposto nos apêndices, os dados se apresentaram sem problemas de estacionariedade e multicolinearidade, o que possibilita maior confiabilidade quando conduzido os testes empíricos, bem como não foi observada nenhuma multicolineariedade entre as variáveis.

Por fim, a tabela 3 apresenta a quantidade de empresas selecionadas para o estudo, listadas por país e bolsa de valores.

¹⁹ Neste caso foi conduzido o teste Im, Pesaran e Shin (I.P.S.)

Tabela 3 – Amostra de Empresas por Países

País	Bolsa	Empresas listadas (L)	Excluídas (E)	Amostra (A = L - E)
Alemanha	Frankfurt	1.106	174	932
França	Euronext Paris	1.195	464	731
Itália	Milão	389	153	236
Reino Unido	Londres	2.781	1.460	1.321
África do Sul	Johanesburgo	483	168	315
Brasil	Bovespa	661	351	310
China	Shangai	1.141	250	891
Total		7.756	3.020	4.736

Fonte: DataStream - Thomsom-Reuters (2012)

Na tabela 3, a coluna “L” apresenta o total de empresas listadas em cada bolsa de valores; a coluna “E” mostra o número de empresas que foram excluídas, por serem de setores regulados, como financeiro e seguro; e, a coluna “A”, apresenta a quantidade líquida de empresas utilizadas na amostra. Para mais detalhes, o Apêndice S apresenta a lista dos setores que foram utilizados e os que foram excluídos, conforme a base de dados do DataStream®, da Thomsom-Reuters.

4.1. Análise Global

Preliminarmente, destaca-se que os modelos foram testados com efeitos fixos e efeitos aleatórios, com *outliers* e sem *outliers*. Como os resultados sem *outliers* foram mais consistentes com os achados da literatura, estes serão apresentados na seção seguinte. Os resultados com *outliers* estão no apêndice F.

As estatísticas descritivas, testes de estacionariedade e multicolinearidade foram realizados e permitiram que as análises fossem conduzidas com maior robustez. Tais estatísticas e testes estão apresentados no apêndice C (Estatísticas descritivas: Global), D (Teste de raiz unitária – Global) e E (Teste de multicolinearidade – FIV – Global).

4.1.1. Persistência dos resultados

Como anteriormente abordado, a persistência dos resultados é uma *proxy* de qualidade no que tange aos lucros contábeis das empresas, bem como a persistência dos fluxos de caixa antes e depois da implementação IFRS nos países membros do G-7 e do BRICS, que já adotaram os IFRS.

Para atestar a hipótese investigada de persistência, o modelo operacional aplicado é o descrito nas equações 19 e 20, já descritas na seção 3.2.6, em que o lucro contábil (fluxo de caixa operacional) da empresa i no tempo t é explicado pelo lucro contábil (fluxo de caixa operacional) defasado, pela implementação dos padrões internacionais (variável *dummy* IFRS) e pela interação do lucro (fluxo de caixa) defasado com o IFRS, com finalidade de verificar o efeito da implementação.

As variáveis de interesse são o Lucro Líquido (LL_{it}) e o Fluxo de Caixa Operacional (FCO_{it}) e se espera que estes sejam positivos e significativos para o modelo analisado.

Os modelos utilizados para análise foram ajustados com efeitos fixos e com efeitos aleatórios. Assim, o teste de *Hausman* rejeita a hipótese de utilização do segundo ajuste.

Na tabela 4 a seguir são apresentados os resultados globais para persistência dos resultados, no que tange ao lucro contábil.

Tabela 4 – Global: Persistência dos resultados (Lucro)

Variável	C	$LL_{i,t-1}$	$IFRS$	$LL_{i,t-1} * IFRS$	$T_{i,t}$	$Div_{i,t}$	$G_{i,t}$	$FCO_{i,t}$
<i>coef</i>	-0,102	0,192	0,014	-0,081	0,009	-0,156	0,018	0,355
<i>p-value</i>	0,1386	0,0108	0,0168	0,3775	0,1294	0,0000	0,0001	0,0000
R^2	0,580		N	32295		DW	1,911	
Teste de <i>Hausman</i> para Efeitos Aleatórios em <i>cross-section</i>			$Chi-Sq,$	4687,91				
			$Prob,$	0,0000				

Observa-se que os resultados são persistentes, pois a variável de interesse para se verificar a persistência do lucro (LL_{it}) apresenta-se com coeficiente positivo (0,192) e com *p-value* significativo (0,0108).

Entretanto, a variável de interesse de persistência não se apresenta significativa quando interagida com a variável de IFRS, sendo esta variável ($LL_{i,t-1} * IFRS$) a que possibilita

rejeitar a hipótese de pesquisa que os resultados contábeis são persistentes com a adoção dos padrões internacionais de contabilidade.

Ao analisar os fluxos de caixa como *proxy* de persistência dos resultados, as conclusões não são diferentes, como mostrado na tabela 5.

Tabela 5 – Global: Persistência do Fluxo de Caixa

Variável	<i>c</i>	$FCO_{i,t-1}$	<i>IFRS</i>	$FCO_{i,t-1} * IFRS$	$T_{i,t}$	$Div_{i,t}$	$G_{i,t}$
<i>coef</i>	-0,140	0,177	0,007	-0,139	0,013	-0.107	0.058
<i>p-value</i>	0,0027	0,0240	0,2459	0,1242	0,0008	0.0000	0.0000
R^2	0,4864		<i>n</i>	30971		<i>DW</i>	1.4740
Teste de <i>Hausman</i> para Efeitos Aleatórios em <i>cross-section</i>			<i>Chi-Sq,</i>	5108,592			
			<i>Prob,</i>	0,000			

Aqui também foi utilizado o modelo ajustado com efeitos fixos, devido à rejeição dos modelos aleatórios pelo teste de *Hausman*.

Os resultados se apresentam persistentes quanto ao fluxo de caixa, pois a variável de interesse ($FCO_{i,t-1}$) teve seu valor positivo (0,177) e com *p-value* significativo (0,0240).

No caso da persistência do fluxo de caixa quando da adoção dos padrões internacionais de contabilidade, a variável de interesse é a de interação do fluxo de caixa com os IFRS ($FCO_{i,t-1} * IFRS$) que não resultou em *p-value* significativo (0,2459).

Com isto, a persistência dos fluxos de caixa também é rejeitada quando da adoção dos IFRS para a amostra analisada, assim como o lucro contábil (hipótese H_{1A} rejeitada).

4.1.2. Conservadorismo condicional

Para testar a hipótese de presença do conservadorismo condicional (hipótese H_{1B}) nos países componentes do G7 e do BRICS, foi utilizado o modelo 21 (seção 3.2.6).

A variável que é testada para verificar o conservadorismo condicional é a que relaciona os retornos negativos ($DR_{i,t} * R_{i,t}$). Como se pretende verificar os efeitos da adoção dos padrões internacionais, a variável de interesse neste caso é o coeficiente interagido – $DR_{i,t} * R_{i,t} * IFRS$ – resultante da interação da variável conservadorismo com a *dummy IFRS*.

Este coeficiente precisa ser negativo (resultados negativos) e estatisticamente significativo para que a hipótese de pesquisa não seja rejeitada.

Ressalte-se que o nível de conservadorismo é dado pelo coeficiente de interação entre a variável *dummy*, para retornos negativos, com o retorno ($DR_{i,t} * R_{i,t}$); entretanto, como o objeto desta pesquisa é verificar o efeito da convergência no conservadorismo, a variável de interesse se torna a primeira, adicionado os efeitos do IFRS ($DR_{i,t} * R_{i,t} * IFRS$).

Na tabela 6 são apresentados os resultados do conservadorismo contábil com a utilização dos modelos com efeitos fixos, uma vez que a hipótese de utilização dos efeitos aleatórios foi rejeitada pelo teste de *Hausman*.

Tabela 6 – Global: Conservadorismo

Variável	<i>c</i>	$DR_{i,t}$	$R_{i,t}$	<i>IFRS</i>	$DR_{i,t} * R_{i,t}$	$DR_{i,t} * R_{i,t} * IFRS$	$T_{i,t}$	$Div_{i,t}$	$G_{i,t}$	$FCO_{i,t}$
<i>coef</i>	-0,178	-0,005	0,059	-0,013	0,043	-0,026	0,020	-0,246	0,002	0,320
<i>p-value</i>	0,0365	0,2993	0,0000	0,1503	0,1823	0,4433	0,0064	0,0000	0,7819	0,0000
R^2	0,421		<i>n</i>	28529		<i>DW</i>	1,668			
Teste de <i>Hausman</i> para Efeitos Aleatórios em <i>cross-section</i>				<i>Chi-Sq.</i>	389,890					
				<i>Prob.</i>	0,000					

Os resultados negativos provenientes da variável de interesse que indica o conservadorismo ($DR_{i,t} * R_{i,t}$) não foi estatisticamente significativo (*p-value* 0,1823). Além disto, quando da interação com os padrões internacionais de contabilidade, indicado pela variável $DR_{i,t} * R_{i,t} * IFRS$, os resultados também não foram significativos (*p-value* 0,4433).

Com isto, a hipótese de pesquisa (H_{1B}) para a amostra analisada é rejeitada, uma vez que o conservadorismo não é influenciado pela adoção dos padrões internacionais de contabilidade.

4.1.3. Gerenciamento de resultados

O primeiro modelo a ser utilizado na análise quanto ao gerenciamento dos resultados contábeis decorrente da implementação dos IFRS será o modelo proposto por Pae (2005), sendo este ajustado com a inclusão do intercepto, pois, conforme Paulo (2007), a não inclusão do intercepto ocasiona problemas de especificação. Assim, o modelo testado será o de Pae (2005), conforme exposto na seção 3.2.6, modelo 22.

É necessário destacar que o gerenciamento de resultados é identificado pelos resíduos, para o qual é conduzido o teste de médias independentes, envolvendo o período antes e depois da adoção dos padrões internacionais de contabilidade.

Na tabela 7 são apresentados os resultados para os modelos Pae (2005) e Paulo (2007), os quais apresentam resultados significativos com a utilização dos modelos com efeitos fixos, uma vez que ambos tiveram a hipótese de utilizar os efeitos aleatórios pelo teste de *Hausman* rejeitada.

Tabela 7 – Global: Gerenciamento de resultados

Modelo Pae - 2005			Modelo Paulo - 2007		
Variável	Coef.	p-value	Variável	coef.	p-value
<i>c</i>	-0,328	0,0002	<i>c</i>	-0,317	0,0000
$1/A_{it}$	14,237	0,6430	RL_{it}	0,131	0,0000
ΔRL_{it}	0,061	0,0000	AI_{it}	0,142	0,0000
AI_{it}	0,176	0,0000	INT_{it}	0,078	0,0000
INT_{it}	0,111	0,0000	FCO_{it}	-0,758	0,0000
FCO_{it}	-0,386	0,0000	LL_{it}	0,524	0,0000
$FCO_{i,t-1}$	-0,635	0,0000	LL^2_{it}	0,013	0,8539
$TA_{i,t-1}$	-0,099	0,0633	$\Delta LL_{i,t-1}$	-0,004	0,0075
T_{it}	0,022	0,0021	$D\Delta LL_{i,t-1}$	-0,001	0,8321
Div_{it}	0,511	0,0000	$\Delta LL_{i,t-1} * D\Delta LL_{i,t-1}$	0,006	0,0078
G_{it}	-0,001	0,9061	$TA_{i,t-1}$	-0,138	0,0028
			Ab_Prod_{it}	-0,001	0,8119
			Ab_DO_{it}	0,025	0,0000
			Ab_FCO_{it}	0,000	0,6715
			T_{it}	0,015	0,0044
			Div_{it}	0,280	0,0000
			G_{it}	-0,123	0,0000
R^2	0,418		R^2	0,4797	
<i>n</i>	28653		<i>n</i>	16502	
<i>DW</i>	1,954		<i>DW</i>	2,1213	
Teste de <i>Hausman</i> para Efeitos Aleatórios em <i>cross-section</i>	<i>Chi-Sq.</i>	3514,743	Teste de <i>Hausman</i> para Efeitos Aleatórios em <i>cross-section</i>		1375,697
	<i>Prob.</i>	0,000			0,000

O gerenciamento de resultados é identificado na tabela 8 a seguir, uma vez que houve alterações significativas após a adoção dos padrões internacionais do IASB.

Espera-se que o desvio-padrão médio dos resíduos seja reduzido com a adoção dos padrões internacionais de contabilidade, conforme hipótese H_{1C} , citada anteriormente.

Tabela 8 – Global: Análise dos Resíduos

	Variável	Média do desvio-padrão dos resíduos	n	Desvio-Padrão	t-statistic	df	Sig. (95%)
GLOBAL (PAE)	<i>Antes</i>	0,0720	2715	0,0785	-10,7136	2714	0,0000
	<i>Depois</i>	0,0923	2715	0,0737			
GLOBAL (BR)	<i>Antes</i>	0,0575	1537	0,0627	-10,9251	1536	0,0000
	<i>Depois</i>	0,0819	1537	0,0711			

A qualidade da informação contábil é incrementada quando o gerenciamento dos resultados contábeis é reduzido com aplicação de determinada norma ou padrão. Assim, a hipótese de pesquisa de que houve redução do gerenciamento dos resultados contábeis com a adoção dos padrões internacionais de contabilidade é rejeitada nos dois modelos.

Para o modelo Pae (2005), a média dos desvios dos resíduos passa de 0,0720 para 0,0923, o que pressupõe aumento no gerenciamento dos resultados com a aplicação dos padrões internacionais. Da mesma forma, no modelo Paulo (2007) a média passa de 0,0575 para 0,0819. Com isto, a hipótese H_{1C} é rejeitada para a presente amostra.

4.1.4. Value Relevance

Seguindo a modelagem utilizada pela literatura, tais como em Lang, Raedy e Yetman (2003), Lang, Raedy e Wilson (2006), Paik (2009), o modelo operacional utilizado para testar o *Value Relevance* é o disposto na equação 24, demonstrado na seção 3.2.6.

O *value relevance* é analisado pelo poder explicativo mensurado pelo R^2 , sendo necessário que as variáveis lucro líquido e patrimônio líquido sejam significativas após a utilização do IFRS. Caso as variáveis sejam significativas antes e depois, é necessário que o R^2 seja superior após a adoção.

A tabela 9 demonstra os resultados provenientes do *Value Relevance*, antes e depois da adoção dos padrões internacionais do IASB, sendo que o teste de *Hausman* rejeitou a hipótese de utilização dos efeitos aleatórios.

Tabela 9 – Global: *Value Relevance*

Antes da Adoção							
Variável	<i>c</i>	<i>PL_{it}</i>	<i>LL_{it}</i>	<i>T_{it}</i>	<i>E_{it}</i>	<i>G_{it}</i>	<i>FCO_{it}</i>
<i>Coef,</i>	8,0351	1,1411	0,4865	-0,5102	-1,0633	-0,4546	-0,5421
<i>p-value</i>	0,0000	0,0000	0,0391	0,0000	0,0000	0,0000	0,0064
R²	0,6365		n	11485		DW	1,1508
Teste de Hausman para Efeitos Aleatórios em <i>cross-section</i>		<i>Chi-Sq,</i>	561,32				
		<i>Prob,</i>	0,0000				
Depois da Adoção							
Variável	<i>c</i>	<i>PL_{it}</i>	<i>LL_{it}</i>	<i>T_{it}</i>	<i>E_{it}</i>	<i>G_{it}</i>	<i>FCO_{it}</i>
<i>Coef,</i>	6,7447	0,2344	0,4944	-0,4410	-0,6167	0,2090	-0,1707
<i>p-value</i>	0,0000	0,0063	0,0030	0,0000	0,0000	0,0000	0,1614
R²	0,7807		n	17600		DW	1,6018
Teste de <i>Hausman</i> para Efeitos Aleatórios em <i>cross-section</i>		<i>Chi-Sq,</i>	1458,85				
		<i>Prob,</i>	0,0000				

As variáveis de interesse, patrimônio líquido e lucro líquido, as quais são estatisticamente significativas, representam a percepção do mercado em relação as mesmas. Com isto, cabe analisar o poder explicativo do R².

O R² é incrementado com a adoção dos padrões internacionais, cujos valores passam de 0,6365 para 0,7807. Destaca-se que a literatura analisa a melhoria da qualidade apenas com a utilização do R².

Com isto, a hipótese de pesquisa (H_{1D}) que os resultados contábeis são mais relevantes (*value relevance*) após a adoção dos padrões internacionais não é rejeitada.

4.2. Análise G7 e BRICS

Com a finalidade de conduzir a uma investigação mais detalhada da qualidade acerca da adoção dos padrões internacionais, os dois grupos de países foram estudados separadamente.

4.2.1. Persistência dos Resultados Contábeis

Assim, quanto a dimensão da persistência dos resultados contábeis decorrente da análise do lucro líquido, a tabela 10 foi construída, com modelos em efeitos fixos.

Tabela 10 – G7 e BRICS: Persistência dos resultados (Lucro)

Variável		G-7	BRICS
<i>c</i>	<i>coef</i>	-0,0554	-0,1848
	<i>p-value</i>	0,4240	0,0412
<i>LL_{i,t-1}</i>	<i>coef</i>	0,1973	0,1392
	<i>p-value</i>	0,0053	0,1623
<i>IFRS</i>	<i>coef</i>	0,0154	0,0064
	<i>p-value</i>	0,0506	0,3101
<i>LL_{i,t-1}*IFRS</i>	<i>coef</i>	-0,0728	-0,0887
	<i>p-value</i>	0,4231	0,4229
<i>T_{i,t}</i>	<i>coef</i>	0,0039	0,0172
	<i>p-value</i>	0,5178	0,0096
<i>Div_{i,t}</i>	<i>coef</i>	-0,1439	-0,1963
	<i>p-value</i>	0,0000	0,0000
<i>G_{i,t}</i>	<i>coef</i>	0,0167	0,0191
	<i>p-value</i>	0,0010	0,0052
<i>FCO_{i,t}</i>	<i>coef</i>	0,4119	0,2021
	<i>p-value</i>	0,0000	0,0000
<i>R²</i>		0,5959	0,5117
<i>n</i>		21998	10297
<i>DW</i>		1,9280	1,8621
Teste de <i>Hausman</i> para Efeitos Aleatórios em <i>cross-section</i>	<i>Chi-Sq.</i>	2789,13	1925,24
	<i>Prob.</i>	0,0000	0,0000

Quanto a persistência do lucro líquido, a hipótese de pesquisa é rejeitada, pois apesar dos lucros (*LL_{i,t-1}*) serem persistentes para o G-7, com *p-value* 0,0053, quando interagido com a variável IFRS (*LL_{i,t-1}*IFRS*) demonstrou que esta não influencia a persistência do lucro.

Já para a persistência do fluxo de caixa operacional, a tabela 11 demonstra que os resultados também continuam a não ser influenciados pelo IFRS.

Tabela 11 – G7 e BRICS: Persistência do Fluxo de Caixa

Variável		G-7	BRICS
<i>c</i>	<i>coef</i>	-0,1899	-0,0747
	<i>p-value</i>	0,0008	0,2398
<i>FCO_{i,t-1}</i>	<i>coef</i>	0,2035	0,1033
	<i>p-value</i>	0,0054	0,3512
<i>IFRS</i>	<i>coef</i>	0,0108	-0,0020
	<i>p-value</i>	0,0782	0,8527
<i>FCO_{i,t-1}*IFRS</i>	<i>coef</i>	-0,1412	-0,1169
	<i>p-value</i>	0,1092	0,3143
<i>T_{i,t}</i>	<i>coef</i>	0,0157	0,0103
	<i>p-value</i>	0,0011	0,0269
<i>Div_{i,t}</i>	<i>coef</i>	-0,0842	-0,1547
	<i>p-value</i>	0,0000	0,0000
<i>G_{i,t}</i>	<i>coef</i>	0,0621	0,0487
	<i>p-value</i>	0,0000	0,0000
<i>R²</i>		0,5112	0,4243
<i>n</i>		21033	9938
<i>DW</i>		1,4194	1,5893
Teste de <i>Hausman</i> para Efeitos Aleatórios em <i>cross-section</i>	<i>Statistic</i>	3229,80	2025,90
	<i>Prob.</i>	0,0000	0,0000

Conforme descrito na tabela 11, pode-se observar resultado similar ao lucro líquido para o G-7. O fluxo de caixa é persistente (*p-value* 0,0054), mas quando interagido com a variável IFRS, deixa de ser significativo (*p-value* 0,1092), o que demonstra que os padrões internacionais não influenciam a persistência dos resultados.

Em resumo, os resultados são persistentes para o G-7 e não para o BRICS antes dos padrões internacionais; porém, estes padrões não são capazes de influenciar a persistência dos resultados quando adotados por estes dois grupos de países, o que rejeita a hipótese de persistência.

4.2.2. Conservadorismo Condicional

A variável de interesse para identificar o conservadorismo condicional é a que interage com os resultados negativos. A tabela 12 demonstra os resultados para o G-7 e BRICS, com efeitos fixos suportados pelo teste de *Hausman*.

Tabela 12 – G7 e BRICS: Conservadorismo Condicional

Variável		G-7	BRICS
C	<i>coef</i>	-0,1978	-0,1855
	<i>p-value</i>	0,0242	0,1232
DR_{it}	<i>coef</i>	-0,0043	-0,0055
	<i>p-value</i>	0,4548	0,4756
R_{it}	<i>coef</i>	0,0621	0,0577
	<i>p-value</i>	0,0000	0,0000
$IFRS$	<i>coef</i>	-0,0002	-0,0396
	<i>p-value</i>	0,9838	0,0064
$DR_{it} * R_{it}$	<i>coef</i>	0,0374	0,0390
	<i>p-value</i>	0,2983	0,3560
$DR_{it} * R_{it} * IFRS$	<i>coef</i>	-0,0132	-0,0558
	<i>p-value</i>	0,7164	0,2727
$T_{i,t}$	<i>coef</i>	0,0214	0,0204
	<i>p-value</i>	0,0071	0,0211
$Div_{i,t}$	<i>coef</i>	-0,2657	-0,2220
	<i>p-value</i>	0,0000	0,0000
$G_{i,t}$	<i>coef</i>	-0,0026	0,0201
	<i>p-value</i>	0,7478	0,0453
$FCO_{i,t}$	<i>coef</i>	0,3701	0,1631
	<i>p-value</i>	0,0000	0,0000
R^2		0,4128	0,4374
n		19541	8988
DW		1,6103	1,8305
Teste de <i>Hausman</i> para Efeitos Aleatórios em <i>cross-section</i>	<i>Statistic</i>	287,46	109,63
	<i>Prob.</i>	0,0000	0,0000

Seguindo a mesma direção dos resultados globais, quando os países são analisados separadamente, nos grupos G-7 e BRICS, os resultados não são conservadores e nem sofrem influência da adoção de padrões internacionais sobre tal conservadorismo.

Assim, a hipótese de conservadorismo é rejeitada para os dois grupos de países.

4.2.3. Gerenciamento de resultados

Quanto ao gerenciamento de resultados, os dois modelos foram novamente utilizados e permitem visualizar o comparativo dos dois países. Na tabela 13, é utilizado o modelo Pae.

Tabela 13 – G7 e BRICS: Gerenciamento de Resultados (Modelo Pae - 2005)

		G-7	BRICS
c	<i>Coef.</i>	-0,2988	-0,4009
	<i>p-value</i>	0,0013	0,0002
$1/A_{it}$	<i>Coef.</i>	5,4210	1169,0250
	<i>p-value</i>	0,8650	0,0001
ΔRL_{it}	<i>Coef.</i>	0,0551	0,0739
	<i>p-value</i>	0,0000	0,0000
AI_{it}	<i>Coef.</i>	0,2245	0,1163
	<i>p-value</i>	0,0000	0,0000
INT_{it}	<i>Coef.</i>	0,1082	0,1382
	<i>p-value</i>	0,0000	0,0000
FCO_{it}	<i>Coef.</i>	-0,3506	-0,5031
	<i>p-value</i>	0,0000	0,0000
$FCO_{i,t-1}$	<i>Coef.</i>	-0,6259	-0,6441
	<i>p-value</i>	0,0000	0,0000
$TA_{i,t-1}$	<i>Coef.</i>	-0,0943	-0,1131
	<i>p-value</i>	0,0640	0,1084
T_{it}	<i>Coef.</i>	0,0180	0,0293
	<i>p-value</i>	0,0202	0,0002
Div_{it}	<i>Coef.</i>	0,5068	0,4922
	<i>p-value</i>	0,0000	0,0000
G_{it}	<i>Coef.</i>	0,0031	-0,0232
	<i>p-value</i>	0,6817	0,0565
R^2		0,3952	0,4674
n		20077	8576
DW		1,9237	2,0641
Teste de <i>Hausman</i> para Efeitos Aleatórios em <i>cross-section</i>	<i>Statistic</i>	2264,52	1070,82
	<i>Prob.</i>	0,0000	0,0000

A robustez do modelo Pae é identificada quando as variáveis são significativas, o que explica o gerenciamento dos resultados dos dois grupos de países. Ainda assim, o modelo Paulo (2007) foi também considerado e apresentado na tabela 14, a seguir.

Tabela 14 – G7 e BRICS: Gerenciamento de Resultados (Modelo Paulo - 2007)

		G-7	BRICS
c	<i>coef.</i>	-0,3582	-0,1816
	<i>p-value</i>	0,0000	0,1612
RL_{it}	<i>coef.</i>	0,1313	0,1806
	<i>p-value</i>	0,0000	0,0000
AI_{it}	<i>coef.</i>	0,1757	0,0506
	<i>p-value</i>	0,0000	0,0405
INT_{it}	<i>coef.</i>	0,0696	0,0587
	<i>p-value</i>	0,0000	0,0975
FCO_{it}	<i>coef.</i>	-0,7682	-0,7122
	<i>p-value</i>	0,0000	0,0000
LL_{it}	<i>coef.</i>	0,5287	0,4605
	<i>p-value</i>	0,0000	0,0000
LL^2_{it}	<i>coef.</i>	0,0296	-0,0910
	<i>p-value</i>	0,7256	0,6581
$\Delta LL_{i,t-1}$	<i>coef.</i>	-0,0032	-0,0049
	<i>p-value</i>	0,0347	0,1199
$D\Delta LL_{i,t-1}$	<i>coef.</i>	-0,0024	0,0108
	<i>p-value</i>	0,4759	0,0752
$\Delta LL_{i,t-1} * D\Delta LL_{i,t-1}$	<i>coef.</i>	0,0047	0,0122
	<i>p-value</i>	0,0566	0,0166
$TA_{i,t-1}$	<i>coef.</i>	-0,1334	-0,1652
	<i>p-value</i>	0,0028	0,0120
Ab_Prod_{it}	<i>coef.</i>	-0,0040	0,0176
	<i>p-value</i>	0,2808	0,1397
Ab_DO_{it}	<i>coef.</i>	0,0252	0,0229
	<i>p-value</i>	0,0000	0,2240
Ab_FCO_{it}	<i>coef.</i>	-0,0009	0,0023
	<i>p-value</i>	0,2842	0,2070
T_{it}	<i>coef.</i>	0,0183	0,0046
	<i>p-value</i>	0,0039	0,5700
Div_{it}	<i>coef.</i>	0,2702	0,3193
	<i>p-value</i>	0,0000	0,0000
G_{it}	<i>coef.</i>	-0,1238	-0,1592
	<i>p-value</i>	0,0000	0,0000
R^2		0,4688	0,5160
n		12999	3349
DW		2,1132	2,1536
Teste de <i>Hausman</i> para Efeitos Aleatórios em <i>cross-section</i>	<i>Statistic</i>	1039,6801	319,01
	<i>p-value</i>	0,0000	0,0000

É importante destacar que os resíduos foram analisados e apresentados na tabela 15, logo a seguir, e também se mostram convergentes com os analisados globalmente. Esta tabela apresenta o resultado do modelo Pae (2005) e do modelo Paulo (2007) para o G-7 e para o BRICS.

Tabela 15 – G-7 e BRICS: Análise dos Resíduos

	Variável	<i>Média dos desvios</i>	<i>n</i>	<i>Desvio-Padrão</i>	<i>t-statistic</i>	<i>df</i>	<i>Sig. (95%)</i>
G-7 (PAE)	<i>Antes</i>	0,0556	1626	0,0670	-3,6579	1625	0,0003
	<i>Depois</i>	0,0927	1626	0,0727			
G-7 (PAULO)	<i>Antes</i>	0,0600	1111	0,0632	-13,4749	1110	0,0000
	<i>Depois</i>	0,0819	1111	0,0718			
BRICS (PAE)	<i>Antes</i>	0,0600	1089	0,0632	-8,1962	1088	0,0000
	<i>Depois</i>	0,0819	1089	0,0718			
BRICS (PAULO)	<i>Antes</i>	0,0477	412	0,0554	-8,2981	411	0,0000
	<i>Depois</i>	0,0814	412	0,0687			

Conforme descrito na tabela acima, o G-7 teve aumento no gerenciamento de resultados, tanto com a utilização do modelo Pae (0,0556 antes dos IFRS e 0,0927 depois), quanto do modelo Paulo (0,0600 antes dos IFRS e 0,0819 depois), com estatísticas significativas (0,0003 e 0,0000).

Para o BRICS, o resultado também não foi diferente. No modelo Pae, a média dos desvios foi de 0,0600, antes dos IFRS, para 0,0819 depois. Para o modelo Paulo, foi de 0,0477 para 0,0814. Também com estatísticas significativas (0,0000 e 0,0000).

Assim, a hipótese de pesquisa, quando analisada a amostra G-7 e BRICS é rejeitada para redução do gerenciamento de resultados quando da adoção dos IFRS, sendo evidenciado aumento do gerenciamento dos resultados

4.2.4. Value Relevance

Os resultados provenientes do modelo que verifica o poder explicativo das variáveis contábeis ao valor de mercado das empresas é apresentado na tabela 16 a seguir.

Tabela 16 – G7 e BRICS: *Value Relevance*

		Antes da Adoção		Depois da Adoção	
		G-7	BRICS	G-7	BRICS
c	<i>Coef.</i>	2,7063	12,3843	5,1951	9,0131
	<i>p-value</i>	0,0187	0,0000	0,0000	0,0000
PL_{it}	<i>Coef.</i>	0,6267	1,9763	0,1705	0,6457
	<i>p-value</i>	0,0005	0,0001	0,0517	0,0080
LL_{it}	<i>Coef.</i>	0,5289	0,5349	0,5319	0,3154
	<i>p-value</i>	0,0632	0,0397	0,0061	0,1394
T_{it}	<i>Coef.</i>	-0,1143	-0,8225	-0,3606	-0,5377
	<i>p-value</i>	0,2222	0,0000	0,0000	0,0000
E_{it}	<i>Coef.</i>	-1,2784	-0,3192	-0,5761	-0,4966
	<i>p-value</i>	0,0000	0,2900	0,0000	0,0319
G_{it}	<i>Coef.</i>	-0,2221	-0,4677	0,2381	0,1910
	<i>p-value</i>	0,0181	0,0000	0,0000	0,0101
FCO_{it}	<i>Coef.</i>	-0,9447	-0,0900	-0,3590	0,1516
	<i>p-value</i>	0,0009	0,6643	0,0044	0,4781
R^2		0,6626	0,6204	0,7460	0,7873
n		6297	5188	11555	6045
DW		1,5573	0,8720	1,4729	1,7956
Teste de <i>Hausman</i> para Efeitos Aleatórios em <i>cross-section</i>	<i>Statistic</i>	55,94	531,32	534,10	429,42
	<i>Prob.</i>	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000

Observa-se que para os dois grupos de países o R^2 é incrementado. No caso do G-7, vai de 0,6626 para 0,7460, com as variáveis explicativas (PL_{it} e LL_{it}) também significativas. Isto possibilita a não rejeição do aumento do poder explicativo, descrito pela hipótese H_{1D} .

No caso do BRICS, o R^2 também é aumentado de 0,6204 para 0,7873. Vale destacar que apesar de apenas uma variável continuar a ser explicativa após a adoção dos IFRS (apenas o PL_{it}), a literatura utiliza o poder explicativo do R^2 para identificar o aumento da relevância. Assim, para o BRICS não há rejeição do aumento do poder explicativo, descrito pela hipótese H_{1D} .

4.3. Análise por países

As seções anteriores apresentaram os resultados globais e por blocos de países tendo sido verificado que apenas a dimensão de qualidade dada pelo *value relevance* não foi rejeitada. Assim, a análise por países visa detalhar quais países tiveram interferência dos IFRS no que tange a qualidade, para cada dimensão analisada.

O modelo que mais se ajusta é o com efeitos fixos, pois a hipótese de utilização dos efeitos aleatórios foi rejeitada para todos os países (p -value igual a 0,0000).

Ao analisar os países que compõem o G-7 é possível afirmar que apenas Itália apresenta persistência do lucro contábil, com p -value de 0.0000. Entretanto, ao interagir com a variável IFRS, não é relevante, pois o p -value é de 0,1813.

Há de se destacar que a variável que se refere aos padrões contábeis internacionais (IFRS) é relevante para a Alemanha (p -value: 0,0020) e Itália, com p -value de 0,0320. Entretanto, como esta variável não é de interesse para identificar a persistência dos resultados, não suporta a hipótese da pesquisa H_{1A} .

Para os países que compõem o BRICS, apenas a China apresentou persistência dos lucros contábeis e foi influenciada pela implementação dos padrões internacionais de contabilidade ($LL_{i,t-1} * IFRS$), com p -value de 0,0916. O poder representativo explicado pelo modelo é de 47,63% (R^2 0,4763). Vale destacar que esta persistência não é boa, pois o sinal desejado do coeficiente seria positivo, e no caso chinês, foi negativo (-0,2500).

Para verificar a robustez e consistência dos dados, a tabela 18 apresenta os resultados já excluídos os *outliers*.

Tabela 18 – Países: Persistência dos resultados (Lucro) (sem outliers)

Variável		Alemanha	França	Itália	Reino Unido	África do Sul	Brasil	China
C	Coef	-0,0664	0,1080	-0,0092	-0,3476	-0,1392	-0,0685	-0,1494
	p -value	0,4920	0,1432	0,8870	0,0000	0,2497	0,4712	0,0765
$LL_{i,t-1}$	Coef	0,1793	0,3018	0,3972	0,1423	0,1320	0,1108	0,2308
	p -value	0,0124	0,0000	0,0000	0,0069	0,0552	0,2220	0,0394
$IFRS$	Coef	0,0236	0,0126	0,0039	0,0074	0,0190	0,0030	0,0056
	p -value	0,0079	0,0690	0,4437	0,3940	0,2109	0,7297	0,4343
$LL_{i,t-1} * IFRS$	Coef	-0,0877	-0,1268	-0,1167	-0,1167	-0,0030	-0,1522	-0,1462
	p -value	0,3666	0,1760	0,1967	0,0975	0,9768	0,1424	0,2488
$T_{i,t}$	Coef	0,0061	-0,0073	0,0019	0,0272	0,0101	0,0091	0,0130
	p -value	0,4453	0,2242	0,6999	0,0001	0,2674	0,1810	0,0284
$Div_{i,t}$	Coef	-0,1746	-0,1448	-0,1312	-0,1671	-0,1070	-0,1812	-0,1331
	p -value	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0008	0,0000	0,0000
$G_{i,t}$	Coef	0,0064	0,0060	0,0275	0,0315	0,0209	0,0328	0,0229
	p -value	0,3850	0,4233	0,0052	0,0002	0,0593	0,0337	0,0000
$FCO_{i,t}$	coef	0,3300	0,2867	0,1281	0,4641	0,4271	0,1442	0,0961
	p -value	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000
R^2		0,5158	0,5831	0,6383	0,6790	0,5039	0,7394	0,5660
N		6161	5211	1984	9610	2504	1444	5692
DW		1,9757	1,9858	1,8308	1,9042	1,8142	2,1637	2,0790

A tabela 18 demonstra que os lucros são persistentes sem a utilização dos IFRS para todos os países, exceto para o Brasil. Ao interagir com os IFRS ($LL_{i,t-1} * IFRS$), observa-se que

os resultados não foram significativos, com exceção do Reino Unido (*p-value* 0,0975), mas com o sinal invertido, o que não torna relevante para análise e confirmação da hipótese pesquisada.

Enfim, a hipótese de pesquisa (H_{1A}) é rejeitada para todos os países analisados, quando se trata da influência dos IFRS na persistência dos resultados contábeis (lucro), nas empresas analisadas dos dois grupos de países.

No que tange à persistência dos fluxos de caixa operacionais, a situação não é muito diferente, conforme observado na tabela 19.

Tabela 19 – Países: Persistência do Fluxo de Caixa

Variável		Alemanha	França	Itália	Reino Unido	África do Sul	Brasil	China
<i>c</i>	<i>coef</i>	0,1684	-0,1622	0,0411	-1,3262	-0,5791	-0,1657	-0,0236
	<i>p-value</i>	0,1645	0,1689	0,8863	0,0000	0,0719	0,6364	0,7773
<i>FCO_{i,t-1}</i>	<i>coef</i>	0,0835	0,0080	0,0107	0,1464	0,0363	0,1823	0,0013
	<i>p-value</i>	0,1133	0,9199	0,7829	0,0429	0,8447	0,3886	0,9924
<i>IFRS</i>	<i>coef</i>	0,0251	-0,0035	-0,0044	-0,0317	-0,0172	0,0048	-0,0097
	<i>p-value</i>	0,0779	0,7095	0,7125	0,0018	0,6169	0,8451	0,4666
<i>FCO_{i,t-1}*IFRS</i>	<i>coef</i>	-0,0450	-0,0381	-0,0461	-0,0729	-0,0733	-0,2442	-0,0871
	<i>p-value</i>	0,6785	0,7424	0,6375	0,4674	0,7638	0,2911	0,6006
<i>T_{i,t}</i>	<i>coef</i>	-0,0152	0,0166	0,0026	0,1161	0,0420	0,0153	0,0065
	<i>p-value</i>	0,1351	0,0714	0,9019	0,0000	0,0667	0,5425	0,2777
<i>Div_{i,t}</i>	<i>coef</i>	-0,0543	-0,1228	-0,1732	-0,1088	-0,0556	-0,0469	-0,1620
	<i>p-value</i>	0,2292	0,0004	0,0022	0,0002	0,5402	0,3543	0,0000
<i>G_{i,t}</i>	<i>coef</i>	0,0432	0,0516	0,0318	0,0793	0,1004	0,0467	0,0605
	<i>p-value</i>	0,0000	0,0001	0,3043	0,0000	0,0107	0,0606	0,0000
<i>R²</i>		0,4269	0,4170	0,2932	0,5285	0,2046	0,4762	0,3825
<i>n</i>		6208	5298	2057	10096	2701	1533	6157
<i>DW</i>		1,7850	1,8811	2,1811	1,8672	1,9961	2,2423	1,9908
Efeitos Aleatórios em <i>cross-section</i>	<i>Statistic</i>	991,26	1437,34	200,64	1417,74	354,88	357,30	1696,61
	<i>Prob.</i>	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000

Na tabela 19, destaca-se a rejeição da possibilidade de utilização dos modelos com efeitos aleatórios para todos os países.

Vale lembrar que no estudo de Dechow (1994), o fluxo de caixa foi mais persistente no curto prazo quando comparado com o lucro contábil, ao analisar-se as empresas nos Estados Unidos, no período de 1964 a 1989. Os resultados dessa pesquisa confirmamos

achados da autora, pois nenhum país apresentou persistência nos fluxos de caixa -variável $FCO_{t-1} * IFRS$ não foi relevante para nenhum dos países analisados.

Assim como para a persistência dos lucros, os *outliers* foram excluídos para proporcionar maior consistência e robustez nas análises, conforme a tabela 20.

Tabela 20 – Países: Persistência do Fluxo de Caixa (sem outliers)

Variável		Alemanha	França	Itália	Reino Unido	África do Sul	Brasil	China
C	<i>Coef</i>	-0,0315	0,0514	-0,1333	-0,7910	-0,2336	0,0073	0,0958
	<i>p-value</i>	0,6957	0,4946	0,1516	0,0000	0,0187	0,9532	0,3014
$FCO_{i,t-1}$	<i>Coef</i>	0,1319	0,1080	0,0187	0,1446	0,0578	0,2159	-0,0383
	<i>p-value</i>	0,0501	0,1526	0,8088	0,0524	0,1027	0,1641	0,7683
$IFRS$	<i>Coef</i>	0,0155	0,0082	-0,0049	-0,0005	-0,0042	0,0267	-0,0074
	<i>p-value</i>	0,0643	0,3183	0,5614	0,9532	0,6982	0,1152	0,5193
$FCO_{i,t-1} * IFRS$	<i>Coef</i>	-0,1128	-0,1353	-0,0043	-0,0649	-0,0642	-0,2380	-0,0336
	<i>p-value</i>	0,2639	0,1919	0,9727	0,5402	0,0987	0,1401	0,8238
$T_{i,t}$	<i>Coef</i>	0,0010	0,0008	0,0124	0,0608	0,0230	0,0008	-0,0008
	<i>p-value</i>	0,8799	0,8921	0,0853	0,0001	0,0022	0,9247	0,9031
$Div_{i,t}$	<i>Coef</i>	-0,0779	-0,1265	-0,1281	-0,1337	-0,1830	-0,0702	-0,1657
	<i>p-value</i>	0,0004	0,0000	0,0000	0,0006	0,0000	0,0589	0,0000
$G_{i,t}$	<i>Coef</i>	0,0682	0,0265	0,0780	0,1470	0,0478	0,0739	0,0441
	<i>p-value</i>	0,0000	0,0036	0,0000	0,0000	0,0000	0,0005	0,0000
R^2		0,4738	0,4680	0,4424	0,4745	0,4063	0,6006	0,4094
N		5973	5008	1987	9862	2614	1343	5739
DW		1,9229	1,9016	1,7672	1,8199	1,9450	2,1612	1,8084

Aqui, mais uma vez, os achados do estudo de Dechow (1994) são corroborados na análise do fluxo de caixa, pois os resultados não se apresentaram relevantes na tabela 20; exceção da África do Sul, em que o *p-value* é relevante, mas com sinal invertido, o que indica que os resultados não são persistentes.

Enfim, tal como os resultados para a variável lucro, expostos anteriormente, a hipótese de pesquisa (H_{1A}), também é rejeitada para todos os países analisados, quando se trata da influencia dos IFRS na persistência dos resultados contábeis (fluxo de caixa) nas empresas analisadas para os dois grupos de países.

4.3.2. Conservadorismo Condicional

Para testar a hipótese de presença do conservadorismo condicional em cada país componentes do G7 e do BRICS, novamente foi operacionalizado o modelo 21 (seção 3.2.6).

Vale lembrar que a variável de interesse para o conservadorismo é $DR_{it} * R_{it}$. Para verificar os efeitos da adoção dos padrões internacionais, a variável $DR_{it} * R_{it}$ passa ser $DR_{it} * R_{it} * IFRS$, em que os coeficientes precisam ser negativos e estatisticamente significativos, com *p-values* inferiores a 0,1000.

Os resultados, considerando os efeitos fixos e os respectivos testes de *Hausman* para decisão quanto ao tipo de efeitos utilizar, estão descritos na tabela 21.

Tabela 21 – Países: Conservadorismo com Efeitos Fixos

Variável		Alemanha	França	Itália	Reino Unido	África do Sul	Brasil	China
<i>c</i>	<i>coef</i>	-0,4630	-0,5922	-1,9097	-0,1244	0,3038	0,9152	-0,1851
	<i>p-value</i>	0,0528	0,0131	0,0777	0,4071	0,1980	0,5565	0,2881
DR_{it}	<i>coef</i>	-0,0070	-0,0188	-0,0822	-0,0228	0,0255	-0,0958	-0,0093
	<i>p-value</i>	0,6784	0,1370	0,1341	0,1122	0,3699	0,1491	0,0929
R_{it}	<i>coef</i>	0,0709	0,0487	0,0450	0,0176	0,1035	0,1487	0,0169
	<i>p-value</i>	0,0000	0,0000	0,4741	0,0845	0,0000	0,0041	0,0000
<i>IFRS</i>	<i>coef</i>	0,0017	-0,0203	-0,0506	0,0239	-0,0526	-0,0643	-0,0117
	<i>p-value</i>	0,9178	0,0741	0,3814	0,1003	0,0341	0,5777	0,2008
$DR_{it} * R_{it}$	<i>coef</i>	0,0626	0,0136	0,1586	0,0630	0,2181	-0,8144	0,0159
	<i>p-value</i>	0,3777	0,8303	0,4489	0,3400	0,0294	0,0910	0,4602
$DR_{it} * R_{it} * IFRS$	<i>coef</i>	-0,0607	0,0638	-0,0444	-0,0208	-0,1708	0,4466	-0,0148
	<i>p-value</i>	0,3633	0,2360	0,8241	0,7860	0,1048	0,3028	0,6431
$T_{i,t}$	<i>coef</i>	0,0483	0,0586	0,1590	0,0111	-0,0100	-0,0709	0,0171
	<i>p-value</i>	0,0200	0,0022	0,0539	0,4075	0,5797	0,5363	0,1634
$Div_{i,t}$	<i>coef</i>	-0,4060	-0,2973	-0,8609	-0,1405	-0,3312	0,1523	-0,1626
	<i>p-value</i>	0,0000	0,0007	0,0002	0,0282	0,0015	0,6530	0,0000
$G_{i,t}$	<i>coef</i>	-0,0178	-0,0181	0,2268	0,0083	-0,0351	0,1188	0,0179
	<i>p-value</i>	0,2299	0,4478	0,0268	0,6234	0,1614	0,4584	0,0094
$FCO_{i,t}$	<i>coef</i>	0,2378	0,2147	0,4792	0,1806	0,5519	0,4144	0,0581
	<i>p-value</i>	0,0001	0,0000	0,0708	0,0000	0,0000	0,3115	0,0000
R^2		0,4537	0,3040	0,3062	0,3529	0,3219	0,5731	0,3093
<i>N</i>		5060	4984	1767	9697	2522	1267	6184
<i>DW</i>		1,8424	1,7513	1,1499	1,8590	1,7293	1,5959	2,1283
Teste de <i>Hausman</i> Efeitos Aleatórios em <i>cross-section</i>	<i>Statistic</i>	66,55	107,31	19,54	140,06	60,59	40,32	161,45
	<i>Prob.</i>	0,0000	0,0000	0,0210	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000

De acordo com os resultados da Tabela 21, os modelos com efeitos aleatórios são rejeitados para todos os países, conforme os resultados dos testes de Hausman., Assim, as análises são suportadas pelos resultados com modelos em efeitos fixos.

Na tabela 21, pode-se observar que a implementação dos padrões IFRS não foi relevante para nenhum dos países analisados. Este resultado ainda se mantém ao interagir-se a variável de interesse ($DR_{it} * R_{it}$), também significativa para África do Sul (p -value 0,0294) e Brasil (p -value 0,0910), com a variável IFRS, pois a variável de interesse ($DR_{i,t} * R_{i,t} * IFRS$) não é significativa.

A hipótese de pesquisa elaborada anteriormente para conservadorismo contábil descreve que os IFRS tornam as informações divulgadas pelas empresas mais conservadoras. Entretanto, isto não é válido para nenhum dos países analisados.

Cabe destacar que, apesar da Itália e do Brasil apresentarem baixos valores da estatística Durbin-Watson, o que sugere problemas de autocorrelação, os modelos foram analisados conforme a metodologia de Zellner (1962), em que os resultados são robustos na presença de heteroscedasticidade e de autocorrelação.

Quando analisado o conservadorismo utilizando a metodologia de exclusão dos *outliers*, a situação fica um pouco mais robusta, conforme a tabela 22.

Tabela 22 – Países: Conservadorismo com Efeitos Fixos (sem outliers)

Variável		Alemanha	França	Itália	Reino Unido	África do Sul	Brasil	China
C	<i>coef</i>	-0,3230	-0,4432	-0,1783	-0,1845	-0,0108	0,7925	-0,2283
	<i>p-value</i>	0,0343	0,0002	0,5097	0,0149	0,9364	0,4527	0,0002
DR_{it}	<i>coef</i>	-0,0083	-0,0038	-0,0111	-0,0127	0,0095	-0,0431	-0,0034
	<i>p-value</i>	0,3533	0,5554	0,6164	0,0725	0,5945	0,3306	0,2359
R_{it}	<i>coef</i>	0,0710	0,0642	0,0705	0,0315	0,0889	0,0948	0,0211
	<i>p-value</i>	0,0000	0,0000	0,0689	0,0004	0,0000	0,0677	0,0000
$IFRS$	<i>coef</i>	0,0051	-0,0089	-0,0250	-0,0006	-0,0746	-0,1516	-0,0205
	<i>p-value</i>	0,6654	0,1654	0,3811	0,9531	0,0000	0,0413	0,0000
$DR_{it} * R_{it}$	<i>coef</i>	0,0100	0,0076	0,1461	0,0833	0,1829	-0,0935	0,0305
	<i>p-value</i>	0,8131	0,8287	0,1094	0,0301	0,0023	0,7819	0,0081
$DR_{it} * R_{it} * IFRS$	<i>coef</i>	-0,0001	0,0165	-0,0851	-0,0455	-0,1526	-0,0514	-0,0268
	<i>p-value</i>	0,9986	0,5732	0,3544	0,2666	0,0135	0,8748	0,0954
$T_{i,t}$	<i>coef</i>	0,0333	0,0411	0,0231	0,0193	0,0122	-0,0355	0,0189
	<i>p-value</i>	0,0117	0,0000	0,2620	0,0076	0,2327	0,6382	0,0000
$Div_{i,t}$	<i>coef</i>	-0,3693	-0,2712	-0,3979	-0,1693	-0,2289	-0,4084	-0,0934
	<i>p-value</i>	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0003	0,0146	0,0000
$G_{i,t}$	<i>coef</i>	-0,0006	0,0175	0,0503	0,0042	-0,0039	0,0147	0,0195
	<i>p-value</i>	0,9666	0,1414	0,2897	0,6627	0,8143	0,9180	0,0000
$FCO_{i,t}$	<i>coef</i>	0,2969	0,2413	0,3776	0,1443	0,3226	0,4668	0,0551
	<i>p-value</i>	0,0000	0,0000	0,0020	0,0000	0,0000	0,0034	0,0000
R^2		0,3863	0,4295	0,3999	0,4338	0,4167	0,4945	0,5019
N		4814	4746	1638	9226	2329	1167	5683
DW		1,8433	1,8489	1,1384	1,7766	1,6452	1,6569	1,7868

A exclusão dos *outliers* indica que a variável que é interagida com os resultados negativos ($DR_{it} * R_{it}$) para o Reino Unido (p -value 0,0301), África do Sul (p -value 0,0023) e China (p -value 0,0081) é significativa, mas não conservadora, pois o sinal de interesse para os coeficientes deveriam ser negativos.

Entretanto, no caso da utilização dos padrões internacionais pela África do Sul e China os sinais são negativos e a variável de interesse ($DR_{it} * R_{it} * IFRS$) é significativa, com p -value 0,0135 para África do Sul e p -value 0,0954 para China, o que confirma a hipótese de conservadorismo para os dois países com a utilização dos padrões internacionais de contabilidade.

Enfim, a hipótese de pesquisa (H_{1B}) não é rejeitada para África do Sul e China, mas é rejeitada para os demais países analisados, quando se trata da influência dos IFRS no conservadorismo condicional nas empresas analisadas.

4.3.3. Gerenciamento de resultados: modelo Pae

A hipótese de pesquisa desenvolvida pressupõe que a utilização dos IFRS reduz o gerenciamento dos resultados. Assim, para verificação da hipótese, o gerenciamento de resultados é identificado pelos resíduos da regressão, em que se espera valores de desvio padrão depois da utilização dos IFRS (período depois) inferiores aos da não utilização (período antes). Para isso, será conduzido o teste de médias emparelhadas, com finalidade de atestar ou não a hipótese de pesquisa para este modelo.

A tabela 23 descreve os resultados do gerenciamento de resultados com modelos com efeitos fixos e respectivos teste de *Hausman*.

Tabela 23 – Países: Gerenciamento de Resultados (Modelo Pae - 2005) com Efeitos Fixos

		Alemanha	França	Itália	Reino Unido	África do Sul	Brasil	China
c	<i>Coef.</i>	-0,4408	-0,1219	-0,2314	-0,2580	-0,4063	0,0894	-0,5468
	<i>p-value</i>	0,0017	0,4087	0,0453	0,0003	0,0033	0,8296	0,0000
I/A_{it}	<i>Coef.</i>	129,149	321,921	415,369	4,613	1041,863	8419,74	15421,75
	<i>p-value</i>	0,146	0,000	0,134	0,746	0,002	0,08	0,00
ΔRL_{it}	<i>Coef.</i>	0,0910	0,1228	0,0435	0,0322	0,0869	0,1225	0,0541
	<i>p-value</i>	0,0000	0,0000	0,0014	0,0000	0,0000	0,0002	0,0000
AI_{it}	<i>Coef.</i>	0,1203	0,3499	0,2542	0,1920	0,1308	0,0520	0,0398
	<i>p-value</i>	0,0015	0,0000	0,0000	0,0000	0,0106	0,2493	0,0709
INT_{it}	<i>Coef.</i>	0,1297	0,2496	0,1903	0,1139	0,1367	0,0936	0,1247
	<i>p-value</i>	0,0001	0,0000	0,0000	0,0000	0,0034	0,0676	0,0121
FCO_{it}	<i>Coef.</i>	-0,4282	-0,5231	-0,4946	-0,2360	-0,4009	-0,2821	-0,6482
	<i>p-value</i>	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0007	0,0000
$FCO_{i,t-1}$	<i>Coef.</i>	0,1231	0,0436	0,0789	0,0680	0,1067	0,0748	0,1183
	<i>p-value</i>	0,0000	0,4818	0,0890	0,0001	0,0041	0,3904	0,0772
$TA_{i,t-1}$	<i>Coef.</i>	-0,0991	-0,1171	-0,1047	-0,1242	-0,1372	-0,1809	-0,1311
	<i>p-value</i>	0,0739	0,0899	0,0934	0,0267	0,0149	0,1419	0,1677
T_{it}	<i>Coef.</i>	0,0303	0,0006	0,0077	0,0120	0,0223	-0,0067	0,0359
	<i>p-value</i>	0,0075	0,9595	0,3758	0,0477	0,0221	0,8139	0,0000
Div_{it}	<i>Coef.</i>	0,0692	0,1804	-0,0075	0,0681	0,2737	0,2130	0,0340
	<i>p-value</i>	0,1985	0,0317	0,8850	0,0241	0,0001	0,0039	0,3723
G_{it}	<i>Coef.</i>	-0,0251	-0,0571	0,0135	-0,0059	-0,0099	-0,1100	-0,0172
	<i>p-value</i>	0,0002	0,008	0,5101	0,4647	0,4833	0,0178	0,1585
R^2		0,3430	0,3953	0,3351	0,2902	0,3109	0,4595	0,3777
n		5326	4895	1859	8106	2163	1127	6289
DW		1,9990	1,9373	2,0226	2,0492	1,8041	2,3568	2,0997
Efeitos Aleatórios em cross-section	<i>Statistic</i>	398,83	833,80	304,45	980,13	235,25	290,16	900,94
	<i>Prob.</i>	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000

Preliminarmente, pode-se destacar que na tabela 23 o teste de *Hausman* rejeita a possibilidade de utilização dos modelos ajustados por efeitos aleatórios em todos os países analisados.

Dentre os parâmetros analisados, o giro (G_{it}) e o ativo total (I/A_{it}) das empresas foram os parâmetros que apareceram em apenas três países para os efeitos fixos: Alemanha, França e Brasil. Tais parâmetros foram pouco significativos nos países analisados.

Por outro lado, a variação nas receitas (ΔR_{it}) e fluxo de caixa do período (FCO_{it}) foram capazes de explicar o gerenciamento de resultados em todos os países analisados.

Com a finalidade de verificar a hipótese de pesquisa, a tabela 24 foi construída a partir dos desvios-padrões médios de cada país antes e depois da utilização dos IFRS.

Tabela 24 – Países: Análise dos Resíduos (Modelo Pae - 2005)

	<i>IFRS</i>	<i>Média dos Resíduos</i>	<i>n</i>	<i>Desvio-Padrão</i>	<i>t-statistic</i>	<i>Sig. (95%)</i>
Alemanha	<i>Antes</i>	0,0989	457	0,0918	-1,2469	0,2131
	<i>Depois</i>	0,1056	457	0,0923		
França	<i>Antes</i>	0,0841	414	0,1097	-1,8301	0,0680
	<i>Depois</i>	0,0970	414	0,1088		
Itália	<i>Antes</i>	0,0696	142	0,0558	-2,4064	0,0174
	<i>Depois</i>	0,0862	142	0,0630		
Reino Unido	<i>Antes</i>	0,0822	608	0,0775	-5,1400	0,0000
	<i>Depois</i>	0,1014	608	0,0651		
África do Sul	<i>Antes</i>	0,0897	169	0,0824	-1,4028	0,1625
	<i>Depois</i>	0,1015	169	0,1006		
Brasil	<i>Antes</i>	0,0626	149	0,0877	-3,2612	0,0014
	<i>Depois</i>	0,0857	149	0,0766		
China	<i>Antes</i>	0,0759	734	0,0618	-6,0625	0,0000
	<i>Depois</i>	0,0946	734	0,0709		

A partir dos resultados obtidos na tabela 24, observa-se que as médias dos resíduos aumentaram para todos os países, o que pressupõe o aumento do gerenciamento de resultados para adoção dos IFRS. Entretanto, as diferenças de médias calculadas a um nível de confiança de 95%, não foram significativas para Alemanha (*p-value* 0,2131) e África do Sul (*p-value* 0,1625).

Entretanto, como a hipótese de pesquisa é a redução de gerenciamento de resultado, rejeita-se a hipótese de pesquisa de redução de gerenciamento de resultados para todos os países, pois as médias dos desvios (gerenciamento de resultados) aumentaram.

4.3.4. Gerenciamento de resultados: modelo Paulo (2007)

Com a utilização da mesma abordagem do modelo Pae (2005) para a verificação do gerenciamento de resultado, o modelo Paulo (2007) foi conduzido.

A tabela 25 apresenta o gerenciamento de resultados com a utilização do modelo ajustado com efeitos fixos e o teste de *Hausman*. A tabela 25 rejeita a hipótese de utilização destes modelos, pois o *p-value* (0,0000) foi estatisticamente relevante para rejeição.

O modelo Paulo (2007) apresenta relevância para mais variáveis, quando comparado com o modelo Pae (2005), pois inclui a variável E_{it} (retorno) e trabalha com a receita (R_{it}) e não com a variação da receita (ΔR_{it}).

Destaca-se que as variáveis R_{it} (retorno), fluxo de caixa (FCO_{it}), receita (RL_{it}), endividamento ($Divnd_{it}$) e giro (G_{it}) foram significativas para todos os países analisados, o que pressupõe uma maior explicação no gerenciamento de resultados com a utilização desse modelo.

Além disso, o poder explicativo do R^2 é superior com a utilização do modelo Paulo (2007), pois o menor valor foi de 0,4067 (Reino Unido) e o maior de 0,5307 (Brasil), enquanto que o modelo Pae (2005) resultou em um R^2 mínimo de 0,2902 (Reino Unido) e máximo de 0,4215 (Brasil), ambos com a utilização dos modelos em efeitos fixos.

Apesar dos resultados do Durbin-Whatson não serem tão próximos de 2, os estimadores são robustos com a utilização do método de Zellner (1962), o que evita a presença de heteroscedasticidade e autocorrelação.

Tabela 25 – Países: Gerenciamento de Resultados (Modelo Paulo - 2007)

		Alemanha	França	Itália	Reino Unido	África do Sul	Brasil	China
C	<i>coef.</i>	-0,3654	-0,2888	-0,1276	-0,1877	-0,4104	0,1854	-0,0814
	<i>p-value</i>	0,0025	0,0125	0,2501	0,0443	0,0189	0,5094	0,6526
RL_{it}	<i>coef.</i>	0,1363	0,0987	0,1983	0,0805	0,1546	0,2212	0,0811
	<i>p-value</i>	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0091
AI_{it}	<i>coef.</i>	0,0134	0,2498	0,1500	0,0618	-0,0599	0,0171	0,0058
	<i>p-value</i>	0,6932	0,0000	0,0000	0,0266	0,3776	0,7173	0,9016
INT_{it}	<i>coef.</i>	0,0539	0,1569	0,1102	0,0389	-0,0454	0,0417	0,0437
	<i>p-value</i>	0,1398	0,0001	0,0090	0,0958	0,4530	0,4670	0,5813
FCO_{it}	<i>coef.</i>	-0,7141	-0,7903	-0,7938	-0,6646	-0,5230	-0,4913	-0,8361
	<i>p-value</i>	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000
LL_{it}	<i>coef.</i>	0,4379	0,6975	0,7157	0,2754	0,2987	0,6022	0,7975
	<i>p-value</i>	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000
LL^2_{it}	<i>coef.</i>	-0,0920	0,4896	0,3052	-0,1218	-0,3177	-0,4656	-0,3973
	<i>p-value</i>	0,0655	0,0000	0,0061	0,0005	0,0000	0,0389	0,0926
$\Delta LL_{i,t-1}$	<i>coef.</i>	-0,0031	-0,0055	-0,0004	0,0004	-0,0008	-0,0042	-0,0034
	<i>p-value</i>	0,0058	0,0001	0,8270	0,8090	0,7936	0,3197	0,1136
$D\Delta LL_{i,t-1}$	<i>coef.</i>	-0,0028	-0,0021	0,0073	-0,0070	0,0081	0,0066	0,0018
	<i>p-value</i>	0,6242	0,6564	0,2224	0,2927	0,4409	0,6250	0,8214
$\Delta LL_{i,t-1} * D\Delta LL_{i,t-1}$	<i>coef.</i>	0,0061	0,0078	0,0012	0,0024	0,0032	0,0044	0,0059
	<i>p-value</i>	0,0002	0,0011	0,6496	0,3403	0,5576	0,3733	0,0764
$TA_{i,t-1}$	<i>coef.</i>	-0,1509	-0,1190	-0,0991	-0,1009	-0,1629	-0,0642	-0,1231
	<i>p-value</i>	0,0012	0,0193	0,0199	0,0195	0,0095	0,4179	0,0314
Ab_Prod_{it}	<i>coef.</i>	0,0746	-0,0029	-0,0273	0,0001	-0,0089	0,0120	0,0035
	<i>p-value</i>	0,0000	0,8157	0,0229	0,9593	0,6069	0,4508	0,6889
Ab_DO_{it}	<i>coef.</i>	-0,0136	0,0252	-0,0098	0,0022	0,0545	0,0594	0,0039
	<i>p-value</i>	0,1612	0,1719	0,0017	0,3495	0,1073	0,0527	0,8303
Ab_FCO_{it}	<i>coef.</i>	0,0008	-0,0011	-0,0004	0,0003	-0,0029	0,0054	-0,0011
	<i>p-value</i>	0,2571	0,1402	0,6164	0,6768	0,0799	0,0499	0,3970
T_{it}	<i>coef.</i>	0,0220	0,0113	0,0007	0,0092	0,0241	-0,0225	0,0003
	<i>p-value</i>	0,0175	0,1999	0,9333	0,2447	0,0319	0,1880	0,9822
Div_{it}	<i>coef.</i>	0,3027	0,2556	0,0754	0,1894	0,2836	0,5045	0,2987
	<i>p-value</i>	0,0000	0,0005	0,0884	0,0001	0,0003	0,0000	0,0008
G_{it}	<i>coef.</i>	-0,1414	-0,1041	-0,1617	-0,0601	-0,1379	-0,2457	-0,0750
	<i>p-value</i>	0,0000	0,0000	0,0002	0,0000	0,0000	0,0002	0,0589
R^2		0,5115	0,4758	0,4906	0,4312	0,4003	0,6171	0,5045
N		3898	3532	1412	5226	1231	765	1629
DW		2,1441	2,0215	2,2028	2,1659	1,9513	2,5181	2,2892
Efeitos Aleatórios em <i>cross-section</i>	<i>Statistic</i>	323,3560	364,2951	65,5649	332,4704	116,3770	70,8402	117,7231
	<i>p-value</i>	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000

Conforme dito anteriormente, não foi possível utilizar a estimação com modelos aleatórios, pois o teste de *Hausman* rejeita a hipótese de utilização destes modelos, conforme a tabela 25, anteriormente exposta, para todos os países.

Conforme os resultados da tabela 26, todos os países apresentam aumento do gerenciamento de resultados com a implementação dos IFRS, ao se utilizar o modelo Paulo (2007) para estimação dos *accruals*.

Tabela 26 – Países: Análise dos Resíduos (Modelo Paulo - 2007)

	Variável	<i>Média</i>	<i>n</i>	<i>Desvio-Padrão</i>	<i>t-statistic</i>	<i>df</i>	<i>Sig. (95%)</i>
Alemanha	<i>Antes</i>	0,0778	331	0,0694	-2,2857	330	0,0229
	<i>Depois</i>	0,0885	331	0,0684			
França	<i>Antes</i>	0,0634	330	0,0651	-2,8908	329	0,0041
	<i>Depois</i>	0,0778	330	0,0758			
Itália	<i>Antes</i>	0,0507	119	0,0443	-3,1013	118	0,0024
	<i>Depois</i>	0,0678	119	0,0417			
Reino Unido	<i>Antes</i>	0,0607	340	0,0730	-6,2953	339	0,0000
	<i>Depois</i>	0,0942	340	0,0772			
África do Sul	<i>Antes</i>	0,0627	107	0,0529	-3,2668	106	0,0015
	<i>Depois</i>	0,0906	107	0,0832			
Brasil	<i>Antes</i>	0,0328	89	0,0518	-5,8008	88	0,0000
	<i>Depois</i>	0,0816	89	0,0628			
China	<i>Antes</i>	0,0533	205	0,0570	-4,7946	204	0,0000
	<i>Depois</i>	0,0810	205	0,0725			

A partir da tabela 26 os resíduos foram analisados e, agora, a Alemanha e a África do Sul passam a ter seus dados gerenciados com a implementação dos IFRS. Isto permite rejeitar a igualdade de médias para os resíduos antes e depois dos IFRS. Como as médias depois do IFRS são superiores ao período sem IFRS, a hipótese de pesquisa para todos os países é rejeitada.

Em resumo, tem-se a hipótese de pesquisa rejeitada quando utilizado os dois modelos, tanto o Pae (2005) quanto o Paulo (2007).

A partir da contradição entre os resultados encontrados para Itália e África do Sul, aplicou-se o Teste de Vuong (1989), com a finalidade de identificar o modelo que estima mais adequadamente o gerenciamento de resultados, resultados demonstrados na tabela 27.

Tabela 27 – Países: Teste de Vuong para Decisão de Modelos

<i>País</i>	<i>N</i>	<i>t-stat</i>	<i>z-vuong</i>	<i>Melhor modelo</i>
Alemanha	3.712	12,0170	6,0069	Paulo
França	3.527	11,0742	5,5356	Paulo
Itália	1.410	77,9249	38,9348	Paulo
Reino Unido	4.760	13,1646	6,5809	Paulo
África do Sul	1.225	3,7701	1,8835	PAE
Brasil	745	30,5949	15,2769	Paulo
China	1.513	41,9171	20,9447	Paulo

Com base nos dados da tabela 27, é possível afirmar que foi rejeitada a hipótese de pesquisade gerenciamento de resultados para todos os países, uma vez que se esperava a redução do gerenciamento de resultados com a aplicação dos IFRS, o que não aconteceu para quase todos os países, que tiveram aumento do gerenciamento e não redução.

4.3.5. Value Relevance

As estatísticas descritivas, testes de estacionariedade e de multicolineariedade foram efetuados e demonstraram consistência para efetuar as demais análises dos dados. Tais estatísticas estão nos Apêndices V a AA.

O *value relevance* é analisado pelo poder explicativo do R^2 , sendo necessário que as variáveis lucro líquido e patrimônio líquido sejam significativas após a utilização do IFRS. Caso as variáveis sejam significativas antes e depois, é necessário que o R^2 seja superior após a adoção.

As tabelas 28 e 29 apresentam os resultados dos países com modelos ajustados em efeitos fixos antes e depois da adoção dos IFRS, com respectivos testes de *Hausman*.

Tabela 28 – Países: Value Relevance – Antes da Adoção

		Alemanha	França	Itália	Reino Unido	África do Sul	Brasil	China
C	Coef.	-5,0740	7,5225	2,1633	10,8357	7,7807	-1,9607	17,2535
	<i>p-value</i>	0,2506	0,0023	0,0178	0,0000	0,0000	0,0607	0,0000
PL_{it}	Coef.	0,4693	0,2670	1,9485	-0,0369	-0,6315	0,2301	1,9212
	<i>p-value</i>	0,4631	0,5919	0,0000	0,2501	0,0224	0,0409	0,0011
LL_{it}	Coef.	0,7991	0,6067	-1,3993	0,8033	0,1965	-0,3053	-0,4183
	<i>p-value</i>	0,2818	0,2347	0,0064	0,0193	0,1657	0,0248	0,2755
T_{it}	Coef.	0,5788	-0,4832	-0,1827	-0,8354	-0,4364	0,1962	-1,1700
	<i>p-value</i>	0,1201	0,0140	0,0071	0,0000	0,0000	0,0118	0,0000
E_{it}	Coef.	-2,4309	-2,0121	0,5301	-0,1957	-1,6760	-0,1747	0,9618
	<i>p-value</i>	0,0068	0,0008	0,3950	0,7379	0,0015	0,4151	0,0683
G_{it}	Coef.	-0,2854	-0,1159	0,0779	0,2400	-0,3741	-0,1441	-0,2737
	<i>p-value</i>	0,2589	0,3836	0,6124	0,0327	0,0039	0,3576	0,0339
FCO_{it}	Coef.	-1,4927	-0,5131	0,0760	0,7368	-0,0786	-0,0114	-0,2429
	<i>p-value</i>	0,0101	0,3373	0,7757	0,1267	0,6057	0,9501	0,1871
R^2		0,4683	0,5822	0,6615	0,7102	0,4712	0,9225	0,6342
N		2305	2065	672	1780	1149	505	3268
DW		1,4154	1,3759	1,5340	1,6133	1,1060	2,3944	1,1479
Efeitos Aleatórios em cross-section	<i>Statistic</i>	72,67	52,59	9,56	103,02	68,94	10,85	342,91
	<i>Prob.</i>	0,0000	0,0000	0,1444	0,0000	0,0000	0,0931	0,0000

Ao examinar-se as variáveis de interesse nas tabelas anteriores, observa-se que o Lucro Líquido (LL_{it}) e o Patrimônio Líquido (PL_{it}), apresentaram-se relevantes, para a Itália (p -value: 0,0000 e 0,0064; R^2 0,6615) e Brasil (p -value: 0,0409 e 0,0248; R^2 0,9225), após a adoção dos padrões internacionais de contabilidade. Na Tabela 29, tais informações deixaram de ser relevantes (tabela 29).

Além disso, a variável lucro líquido foi relevante (p -value: 0,0193, e R^2 : 0,7102) para o Reino Unido e a variável patrimônio líquido para África do Sul (p -value: 0,0224, e R^2 : 0,4712). Ambos deixaram de ser relevantes depois da adoção dos IFRS.

Tabela 29 – Países: Value Relevance – Depois da Adoção

		Alemanha	França	Itália	Reino Unido	África do Sul	Brasil	China
c	Coef.	3,8365	4,9129	5,4235	8,5598	12,1037	6,4287	13,9115
	p -value	0,0006	0,0036	0,0000	0,0000	0,0000	0,0476	0,0000
PL_{it}	Coef.	0,4236	-0,0861	0,2484	0,0175	-0,2735	-0,0934	0,6443
	p -value	0,0742	0,8493	0,3240	0,1617	0,4796	0,5629	0,0070
LL_{it}	Coef.	-0,0426	0,6516	0,3335	0,0960	-0,3744	0,0323	-0,0899
	p -value	0,8477	0,0514	0,4475	0,5641	0,1315	0,8440	0,7973
T_{it}	Coef.	-0,2740	-0,3566	-0,3611	-0,6328	-0,7620	-0,3956	-0,8146
	p -value	0,0019	0,0078	0,0000	0,0000	0,0000	0,0874	0,0000
E_{it}	Coef.	-0,6633	-0,6042	-0,8095	-0,6383	-0,2556	-0,4106	-0,6602
	p -value	0,0304	0,2512	0,0065	0,0205	0,6752	0,1258	0,0042
G_{it}	Coef.	0,3557	0,5382	0,1824	0,1524	-0,1793	0,1814	0,2563
	p -value	0,0000	0,0000	0,0256	0,0105	0,1212	0,0080	0,0173
FCO_{it}	Coef.	-0,5903	-0,1799	-0,4842	-0,6455	0,3466	-0,2950	-0,0484
	p -value	0,0033	0,5906	0,0488	0,0085	0,0230	0,2979	0,8776
R^2		0,7599	0,7800	0,7526	0,6672	0,5829	0,7649	0,7830
n		3276	3205	1279	5392	1641	910	3718
DW		1,6477	1,6607	1,2725	1,7108	1,8963	2,0832	1,8651
Efeitos Aleatórios em cross-section	Statistic	83,93	228,69	61,34	197,36	282,90	61,04	123,20
	Prob.	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000

Por outro lado, no caso da Alemanha e França, houve aumento do poder explicativo. A variável Patrimônio Líquido (p -value: 0,0742) passou a ter uma representatividade de 75,99% (R^2 : 0,7599), no caso da Alemanha, enquanto que a variável lucro líquido (p -value: 0,0514) passou a ter um poder explicativo de 78% (R^2 : 0,7800) no caso da França. Apenas para o caso chinês é que houve um pequeno incremento no poder explicativo da variável lucro líquido, com representatividade de 78,30% ante a 63,42% antes da adoção dos padrões internacionais.

É importante destacar que para os demais países, o poder explicativo foi reduzido e as variáveis deixaram de ser relevantes, como é o caso do Lucro para Itália, Reino Unido,

África do Sul e Brasil, os quais se apresentavam relevantes antes da adoção, com *p-values* inferiores a 0.1000, e deixaram ser relevantes depois da adoção dos IFRS.

Ao observar os modelos ajustados por efeitos aleatórios, apenas nos casos italiano e Paulo (2007) não se rejeitou a hipótese nula para utilização de efeitos aleatórios e apenas antes da adoção dos padrões internacionais, conforme o teste de Hausman. Com finalidade de manter a uniformidade da análise, prefere-se não levar esta análise em conta.

Com a finalidade de dar maior robustez às análises, os *outliers* foram excluídos e os dados foram novamente processados e estão apresentados nas tabelas 30 e 31, respectivamente, dados relativos ao período antes da adoção dos padrões internacionais de contabilidade e depois da adoção destes.

As análises são mais consistentes a partir dos dados apresentados nas tabelas 30 e 31 e proporcionam maior segurança para responder a hipótese de aumento na relevância das informações contábeis com a utilização dos IFRS.

Tabela 30 – Países: Value Relevance – Antes da Adoção (sem outliers)

		Alemanha	França	Itália	Reino Unido	África do Sul	Brasil	China
<i>C</i>	<i>Coef.</i>	1,6371	4,8279	1,0545	6,8594	2,8247	-3,2443	11,6309
	<i>p-value</i>	0,2611	0,0023	0,0618	0,0000	0,0008	0,0177	0,0000
<i>PL_{it}</i>	<i>Coef.</i>	1,2091	1,6352	1,0916	-0,0423	0,1611	0,2053	3,2086
	<i>p-value</i>	0,0001	0,0031	0,0000	0,0022	0,4969	0,0288	0,0000
<i>LL_{it}</i>	<i>Coef.</i>	0,4180	1,1060	0,3570	0,6706	0,2334	-0,1874	0,1147
	<i>p-value</i>	0,1601	0,0563	0,2853	0,0034	0,1728	0,6207	0,8013
<i>T_{it}</i>	<i>Coef.</i>	-0,0567	-0,3656	-0,0443	-0,4746	-0,1576	0,2494	-0,8178
	<i>p-value</i>	0,6046	0,0025	0,2783	0,0000	0,0080	0,0086	0,0000
<i>E_{it}</i>	<i>Coef.</i>	-0,6405	-0,0064	-0,2640	-1,0805	-0,4950	0,4370	0,8503
	<i>p-value</i>	0,0024	0,9800	0,3099	0,0000	0,0263	0,0397	0,0253
<i>G_{it}</i>	<i>Coef.</i>	-0,2868	0,0148	-0,2476	0,1094	-0,0167	0,1758	-0,5077
	<i>p-value</i>	0,0072	0,8732	0,1113	0,3125	0,8441	0,2214	0,0012
<i>FCO_{it}</i>	<i>Coef.</i>	-0,7467	-0,5406	-0,1704	-0,0547	0,5791	-0,3890	0,1738
	<i>p-value</i>	0,0004	0,0483	0,3937	0,8375	0,0071	0,0792	0,4649
<i>R</i> ²		0,6654	0,6812	0,7797	0,7691	0,6184	0,8544	0,6634
<i>N</i>		1634	1952	617	1613	966	454	3082
<i>DW</i>		1,2661	1,7041	1,4000	1,7685	1,1213	2,0409	1,2889

Tabela 31 – Países: Value Relevance – Depois da Adoção (sem outliers)

		Alemanha	França	Itália	Reino Unido	África do Sul	Brasil	China
C	Coef.	2,9774	5,9749	3,4360	6,5438	6,2785	3,4968	9,9433
	p-value	0,0070	0,0005	0,0000	0,0000	0,0000	0,1861	0,0000
PL _{it}	Coef.	0,6206	-0,3324	0,3664	-0,0074	-0,1784	0,2258	1,7535
	p-value	0,0004	0,5627	0,0696	0,6331	0,5055	0,0314	0,0000
LL _{it}	Coef.	0,3824	1,0833	0,7371	0,5375	0,7063	0,7558	0,3373
	p-value	0,1112	0,0137	0,0501	0,0055	0,0231	0,0266	0,5967
T _{it}	Coef.	-0,2065	-0,4152	-0,2228	-0,4591	-0,3677	-0,2235	-0,6121
	p-value	0,0148	0,0015	0,0002	0,0000	0,0002	0,2092	0,0000
E _{it}	Coef.	-0,5435	-0,6081	-0,6461	-0,9358	-1,0578	0,2660	0,0835
	p-value	0,0035	0,2325	0,0185	0,0002	0,0003	0,3873	0,7797
G _{it}	Coef.	0,2245	0,2779	0,1915	0,1489	0,0544	0,2593	0,4099
	p-value	0,0000	0,0045	0,0206	0,0061	0,4892	0,0021	0,0021
FCO _{it}	Coef.	-0,5631	-0,1319	-0,1610	-0,0330	0,5134	-0,1623	-0,2160
	p-value	0,0003	0,5818	0,4561	0,6590	0,0441	0,3461	0,4810
R ²		0,7326	0,7834	0,7497	0,6958	0,6899	0,8028	0,7810
N		3125	3090	1192	4849	1519	836	3412
DW		1,5092	1,4671	1,3157	1,5463	1,5656	2,3197	1,9049

Com base na tabela 31, observa-se que todos os países tiveram ao menos uma das variáveis relevantes após a utilização dos padrões internacionais de contabilidade, sendo que no caso da Itália e do Brasil, as duas variáveis de interesse, Lucro Líquido e Patrimônio Líquido, são estatisticamente significantes. Entretanto, para esses dois países, o poder explicativo (R^2) passou de 0,7797 para 0,7497 no caso italiano, e de 0,8544 para 0,8028 no caso brasileiro, o que possibilita a rejeição da hipótese de aumento da relevância da informação contábil.

Para o Reino Unido, as duas variáveis são relevantes antes da adoção dos padrões internacionais de contabilidade e com poder explicativo de 0,7691, mas depois passa a apresentar apenas a variável lucro líquido como significativa e com o R^2 de 0,6958. Assim, rejeita a possibilidade de aumento do poder informativo após a utilização dos IFRS.

Cabe ressaltar que o R^2 é utilizado para a decisão de aumento ou redução do poder informativo. Assim, os dados descritos na tabela 31 possibilitam dizer que houve aumento do *Value Relevance* após a adoção dos IFRS para os demais países, Alemanha, França, África do Sul e China. Em resumo, a hipótese de pesquisa é rejeitada para Itália, Reino Unido e Brasil, pois houve redução no poder informativo para estes países. Para os demais países, é possível afirmar que a hipótese de pesquisa não é rejeitada.

4.4. Resumo das análises: Global, G-7, BRICS e por países.

O quadro 8, logo a seguir, demonstra o resultado consolidado das dimensões global, G7, BRICS e países, com a finalidade de resumir o resultado desta pesquisa acerca das hipóteses de pesquisa estabelecidas, em que:

H_{1A}: Os resultados contábeis são mais persistentes (persistence) após a convergência das normas locais às normas internacionais editadas pelo IASB.

H_{1B}: Há maior reconhecimento pontual de perdas (conservadorismo condicional) após a convergência das normas locais às normas internacionais editadas pelo IASB.

H_{1C}: Há redução na prática de gerenciamento dos resultados contábeis após a convergência das normas locais às normas internacionais editadas pelo IASB.

H_{1D}: Os resultados contábeis são mais relevantes (value relevance) após a convergência das normas locais às normas internacionais editadas pelo IASB.

Nesse sentido, o quadro 8 apresenta os resultados das hipóteses, discriminadas por dimensão e países.

Quadro 8 – Resultado Consolidado quanto as dimensões de qualidade depois dos IFRS				
<i>Grupo / País</i>	<i>Hipótese H1A</i>	<i>Hipótese H1B</i>	<i>Hipótese H1C</i>	<i>Hipótese H1D</i>
Global	Rejeitar	Rejeitar	Rejeitar	Não rejeitar
G-7	Rejeitar	Rejeitar	Rejeitar	Não rejeitar
BRICS	Rejeitar	Rejeitar	Rejeitar	Não rejeitar
Alemanha	Rejeitar	Rejeitar	Rejeitar	Não rejeitar
França	Rejeitar	Rejeitar	Rejeitar	Não rejeitar
Itália	Rejeitar	Rejeitar	Rejeitar	Rejeitar
Reino Unido	Rejeitar	Rejeitar	Rejeitar	Rejeitar
África do Sul	Rejeitar	Não rejeitar	Rejeitar	Não rejeitar
Brasil	Rejeitar	Rejeitar	Rejeitar	Rejeitar
China	Rejeitar	Não rejeitar	Rejeitar	Não rejeitar

Com base no quadro exposto, pode-se obter as seguintes conclusões:

- i. Em relação a hipótese de que “*A qualidade das informações contábeis melhora após a convergência das normas locais às normas internacionais editadas pelo IASB*” é possível afirmar que foi rejeitada nesta pesquisa em sua quase totalidade.
- ii. No que tange as dimensões e modelos para avaliar cada uma das hipóteses, a relevância da informação (*value relevance*) não foi rejeitada na análise global, G-7, BRICS, Alemanha, França, África do Sul e China; nos demais países e dimensões as hipóteses foram rejeitadas, com exceção da África do Sul e China, no que tange ao conservadorismo.
- iii. Observou-se que o conservadorismo e a persistência existem nos modelos analisados, mas não são provenientes da influência dos padrões internacionais de contabilidade, mas sim de outros fatores que não foram objeto deste estudo.

Os resultados aqui encontrados são divergentes em duas das três dimensões utilizadas no trabalho de Barth, Landsman e Lang (2008). Os autores analisaram a adoção voluntária dos padrões contábeis internacionais encontraram evidências gerais de redução do gerenciamento de resultados, maior conservadorismo e maior relevância das variáveis contábeis (*value relevance*) em período de pós-adoção dos IFRS.

As evidências de maior gerenciamento de resultados quanto da adoção de padrões internacionais pode ser ocasionada pela maior possibilidade de escolhas contábeis oferecida pelos IFRS quando comparada com padrões locais.

Já o conservadorismo não foi significativo, pois não sofreu interferência com a adoção dos IFRS. pelo aumento da relevância das variáveis contábeis (*value relevance*), pois conforme Fifield *et al* (2011), o lucro e o patrimônio líquido aumentam após a adoção de padrões internacionais de contabilidade, o que também é consistente com Bart, Landsman e Lang (2008).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

5.1. Conclusões

A qualidade das informações contábeis tem sido investigada ao longo do tempo, desde que verificada quando a empresa em distribui dividendos, verificada a partir do lucro, até a reação do mercado à divulgação das demonstrações contábeis pelas empresas.

Este trabalho analisou a aplicação dos padrões contábeis de três maneiras diferentes, com a finalidade de verificar se a utilização dos padrões internacionais de contabilidade tornam os *financial reporting* mais informativos e com informações de maior qualidade, quando comparado com a não utilização dos mesmos: primeiramente, de forma global, em que os dados dos sete países (que já adotaram os IFRS) foram analisados em conjunto; em segundo momento, separadamente em dois grupos de países, G7 e BRICS; e por fim, cada país individualmente.

Para isto, e com a utilização de dados em painéis, quatro dimensões foram investigadas, por meio de hipóteses, consideradas como capazes de capturar no mercado de capitais a qualidade das informações contábeis. São elas: (H_{1A}) persistência dos resultados (lucro líquido e fluxo de caixa operacional); (H_{1B}) conservadorismo condicional; (H_{1C}) gerenciamento de resultados (Modelo Pae e Modelo Paulo) e (H_{1D}) a reação do mercado às informações contábeis (*value relevance*).

Os modelos utilizados são os discutidos na literatura nacional e internacional, mas ainda foram ajustados por variáveis que controlam as diferenças entre determinados países e empresas, como o crescimento, giro, endividamento e o fluxo de caixa.

Na análise global, que responde parcialmente a questão desta pesquisa, todos os países foram analisados no que tange a dimensão da persistência dos resultados (lucro líquido e fluxo de caixa operacional), do conservadorismo condicional, do gerenciamento de resultados e do *Value Relevance*.

Com isto, os resultados rejeitaram todas as hipóteses, exceto no que tange a última (H_{1D}), pois o poder informativo das variáveis contábeis – patrimônio líquido e lucro líquido – passaram a ter maior relevância depois da utilização dos padrões internacionais de contabilidade.

Vale destacar que, apesar dos resultados se mostrarem persistentes, a primeira hipótese é rejeitada, pois os IFRS não são capazes de influenciar a persistência dos resultados. Quanto ao conservadorismo, os resultados não se mostram conservadores nem antes nem depois da adoção dos padrões internacionais para os dados globais. Para o gerenciamento de resultados, observou-se aumento, ao invés de redução, no gerenciamento de resultados. Tal fato pode ser explicado pelo aumento da subjetividade inerente aos padrões internacionais de contabilidade, com a prevaência dos princípios ao invés de regras.

Na análise dos dois grupos de países – G7 e BRICS – os resultados não foram diferentes, pois apenas a dimensão do *Value Relevance*, hipótese H_{1D} foi rejeitada. Apesar dos países do BRICS ter apenas uma variável relevante depois da adoção dos padrões internacionais, a literatura defende que o aumento do R^2 é quem determina o poder informativo.

Quando analisado por países, os resultados possibilitaram maior detalhamento, mas com resultados similares aos anteriores.

No caso da persistência dos resultados, analisado o lucro contábil e o fluxo de caixa operacional, verificou-se que os lucros são mais persistentes que os fluxos de caixa, o que pressupõe que, no período analisado, os resultados seguem os de Dechow (1994), em que a autora verificou que o lucro é mais persistente no longo prazo. No grupo de países analisados, o lucro foi persistente, mas não decorrente da aplicação dos padrões internacionais de contabilidade, o que possibilitou a rejeição da hipótese de pesquisa para os países analisados.

Quanto ao conservadorismo, a hipótese de pesquisa também foi rejeitada, apesar dos países se apresentarem conservadores, uma vez que variável de lucros negativos foi relevante para Itália, Reino Unido, África do Sul e China; porém, apenas nos dois últimos, os padrões internacionais foram capazes de influenciar o conservadorismo, quando as informações passaram a ser bem mais conservadoras do que sem a aplicação dos mesmos.

Para o gerenciamento de resultados, com aplicação de dois modelos, um estrangeiro (PAE, 2005) e outro brasileiro (PAULO, 2007), também foi rejeitada a hipótese de pesquisa de redução do gerenciamento de resultados em dois países (Alemanha e África do Sul), não houve dados significativos de aumento do gerenciamento de resultados. Para isto, o teste de Vuong (1968) foi aplicado com a finalidade de verificar qual o modelo seria o mais robusto para rejeitar ou não a hipótese, o que proporcionou maior robustez na análise dos dados. Observou-se que apenas para a África do Sul o modelo Pae (2005) teve melhor desempenho

quanto aos resíduos e não apresentou aumento no gerenciamento de resultados. Entretanto, não foi possível afirmar que a hipótese de pesquisa não seria rejeitada para redução no gerenciamento dos resultados contábeis.

Quanto ao *value relevance*, percebe-se que esta dimensão foi a mais significativa quanto aos resultados apresentados, pois possibilitou a rejeição da hipótese de pesquisa para apenas três países, Itália, Reino Unido e Brasil. Para os demais, a hipótese não foi rejeitada, ou seja, permite afirmar que os padrões internacionais aumentam o poder informativo das informações contábeis, no que tange ao patrimônio líquido e lucro líquido, para Alemanha, França, África do Sul e China.

Observa-se que a relevância das informações foi importante no que tange a última dimensão analisada. Isto possibilita dizer que o *value relevance* tem grande importância para analisar a aplicação de padrões internacionais no grupo analisado, excetuando-se Itália, Reino Unido e Brasil, que tiveram o poder informativo reduzido, mesmo que discretamente, quando da utilização dos padrões internacionais de contabilidade.

Quanto à sugestão para trabalhos futuros, pode-se investigar outras variáveis de controle que possam ser incluídas nos modelos operacionais, para controlar a heterogeneidade entre as empresas analisadas. Isto tem sido preocupação quando da aplicação de padrões específicos, tais como o de leasing, contabilização de pesquisa e desenvolvimento e teste de *impairment*.

Além disto, para gerenciamento de resultados ainda não existe um modelo mais adequado que possua capacidade de estimar bem os *accruals* discricionários, conforme descrito por Dexchow, Ge e Schrand (2010), que possibilita conduzir estudos similares ao aqui desenvolvidos com a utilização de novos modelos para estimar os *accruals* discricionários.

Outra possibilidade de pesquisa seria investigar a relação entre as variáveis que explicam o gerenciamento dos resultados com o *value relevance*, persistência e com o conservadorismo condicional, uma vez que o gerenciamento das informações contábeis pode influenciar a reação dos investidores.

5.2. Limitações do Trabalho

Todas as análises foram efetuadas com base nas metodologias e testes utilizados na literatura sobre as dimensões de qualidade da informação contábil, dentre eles: Jones (1991), Paulo (2007), Barth, Landsman e Lang (2008), Dechow, Ge e Schrand (2010).

Há de se destacar que a estimação pelo método SUR (*seemingly unrelated regression*) é válida quando as variáveis explanatórias são exógenas e quando há heteroscedasticidade e autocorrelação contemporânea *cross-seccional* dos erros. No entanto, é possível que as equações testadas tenham variáveis explanatórias endógenas, tais como Tamanho (T), dívida (Div), Fluxo de Caixa Operacional (FCO) e Lucro Líquido (LL). Se existem variáveis explanatórias endógenas, as regressões teriam que ser estimadas por TSLS ou GMM, pois a estimação pelo SUR produziria coeficientes viesados e inconsistentes. Vale destacar que os trabalhos de Barth, Landsman e Lang, (2008), Dechow, Ge e Schrand, (2010) não consideraram a possibilidade de existência de variáveis explanatórias endógenas nos seus modelos.

O SUR não é consistente com correlação serial, que é testada pelo teste de DW (*Durbin-Watson*), , mas algumas equações contém variáveis explanatórias defasadas, o que invalida este teste. Com isto, o teste que deveria ser utilizado seria o teste de *Breusch-Godfrey*.

Também, não foram considerados os efeitos da crise financeira mundial, que ocorreu a partir de 2008 (EUA e Europa) Tais efeitos poderiam ter sido investigados com a utilização do teste de Chow para quebra estrutural dos parâmetros ou com o emprego de variáveis *dummy*, criando-se um diferencial para os anos de crise e analisando-se a significância dos parâmetros dessas variáveis nas regressões. A ausência dessa análise pode ter levado a conclusões errôneas sobre a rejeição das hipóteses de pesquisa 1 a 3 ou da não rejeição da hipótese 4.

Por fim, questões de adoção voluntária não foram passíveis de serem identificadas na amostra, uma vez que a base de dados utilizadas não contém informações sobre a obrigatoriedade de adoção e nem adoção antecipada por nenhuma das empresas e/ou países analisados.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Roberta Carvalho de; DALMACIO, Flavia Zoboli. A Relevância da Informação Contábil no Processo de Avaliação de Empresas Brasileiras – Uma Análise dos investimentos em ativos intangíveis e seus efeitos sobre *value relevance* do lucro e patrimônio líquido. In: ENCONTRO DA ASSOCIACAO NACIONAL DE POS-GRADUACAO E PESQUISA EM ADMINISTRACAO — ENANPAD. 30°. 2006. Salvador/BA. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD: 2006.
- ALLEN, E.; LARSON, C.; SLOAN, R.. *Accrual reversals, earnings and stock returns*. **Working Paper**. University of California, Berkeley. Washington University in St. Louis. 2010. Disponível em <http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1480248>. acesso em 22 mai 2012.
- ALMEIDA, José Elias Feres de Almeida. Qualidade da informação contábil em ambientes competitivos. São Paulo. 2010. **Tese** (Doutorado em Ciências Contábeis) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis. Departamento de Contabilidade e Atuária. Faculdade de Economia. Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo. 2010.
- AMIR, E.; LEV, B.. *Value-relevance of nonfinancial information: the wireless communication industry*. **Journal of Accounting and Economics**. v. 22. p. 3-30. 1996.
- ANDAKU, F. T. A.; PINTO, A. C. F. A persistência de desempenho dos fundos de investimento em ações no Brasil. **Revista de Economia e Administração**, v. 2, n. 2, p. 23-33, Abr/Jun., 2003.
- ANTUNES, G. A. Impacto da adesão aos níveis de governança da Bovespa na qualidade da informação contábil: uma investigação acerca da oportunidade, relevância e do conservadorismo contábil utilizando dados em painel. 2007. **Dissertação** (Mestrado em Ciências Contábeis) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis da Fucape, Vitória, 2007.
- ARCHER, S.; DELVAILLE, P.;MCLEAY, S. *The measurement of harmonization and the comparability of financial statement items. within-country and between-country effects*. **Accounting and Business Research**. Vol. 25(98). pp. 67–80. 1995.
- BAGAEVA, Alexandra. *An Examination of the effect of international investors on accounting information quality in Russia*. **Advances in Accounting, incorporating Advances in International Accounting**. Vol. 24. pp. 157–161. 2008.
- BAKER, Richard C.; BARBU, Elena M. *Trends in research on international accounting harmonization*. **The International Journal of Accounting**. Vol. 42. pp. 272–304. 2007.
- BALL, R.; BROWN, P.. *An empirical evaluation of accounting income numbers*. **Journal of Accounting Research**. Vol. n. 6, pp. 159–177, 1968.
- BALL, R.. KOTHARI, S. P.. ROBIN, A. *The Effect of International Institutional Factors on Properties of Accounting Earnings*. **Journal of Accounting and Economics**. Vol. 29. pp: 1–51, 2000.

- BALL. R.; SHIVAKUMAR. L. *Earnings Quality in UK Private Firms. Working Paper*. London Business School and University of Chicago.2001.Disponível em: <http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=335420> Acesso em: 21 mai 2010.
- BALL. R.; SHIVAKUMAR.L. *Earnings Quality in UK Private Firms: Comparative Loss Recognition Timeliness*. **Journal of Accounting & Economics** Vol. 39: pp. 83–128. 2005.
- BALL. R.; SHIVAKUMAR.L. *The Role of accruals in asymmetrically timely gain and loss recognition*. **Journal of Accounting Research**. Vol. 44: pp. 207–42. 2006.
- BALTAGI, B.H. **A companion to theoretical econometrics**, Malden: Blackwell Publishing, 2003.
- BALTAGI, Badi H.. **Econometric analysis of panel data**, 3rd Edition. John Wiley and Sons, 2005.
- BARTH et al. *Valuation characteristics of equity book value and net income: tests of abandonment hypothesis. Working Paper*. Stanford University. 1997.
- BARTH. M. E.; LANDSMAN. W. R.; LANG. M. H. *International accounting standards and accounting quality*. **Journal of Accounting Research**. Vol. 46. pp. 467-498. June 2008.
- BASU. Sudipta. *The conservatism principle and the asymmetric timeliness of earnings*. **Journal of Accounting and Economics**. Vol. 24: pp. 3-37. 1997.
- BEAVER, W. H. **Financial reporting: an accounting revolution**. 3rd ed. New Jersey: Prentice Hall, 1998.
- BEAVER, W. H. *The information content of annual earnings announcements*. **Journal of Accounting Research**. Supplement, pp. 67-92, 1968.
- BEAVER. W. H. et al. *The incremental information content of replacement cost earnings*. **Journal of Accounting and Economics**. p. 15-39. jul. 1982.
- BEAVER. W. H.; LANDSMAN. W. R. *Incremental information content of statement 33 disclosures. financial accounting standards board*. New Jersey: FASB. 1983.
- BEAVER. William H.; RYAN. Stephen G.. *Conditional and Unconditional Conservatism: Concepts and Modeling*. **Review of Accounting Studies**. Vol. 10. pp. 269–309. 2005.
- BELKAOUI, A. R. **Accounting theory**. 4. ed. UK: Thomson Learning, 2000.
- BLACK, F.. *The magic in earnings: Economic earnings versus accounting earnings*. **Financial Analysts Journal**. Vol. 36, nº 6, pp. 19-24, 1980.
- BRADSHAW. M. T; MILLE. G. *Will harmonizing accounting standards really harmonize accounting? Evidence from non-U.S. firms adopting U.S.GAAP*. **Journal of Accounting, Auditing and Finance**. Vol. 23. pp 233-255. 2008.
- BROOKS, Chris. **Introductory Econometrics for Finance**, Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

BURGSTHALER. D.; DICHEV. I. *Earnings adaptation and equity value*. **The Accounting Review**. v. 72. p. 187-215. 1997.

BURGSTHALER. D.; L. HAIL; AND C. LEUZ. *The Importance of reporting incentives: earnings management in European private and public firms*. **The Accounting Review**. Vol. 8, pp. 983–1016, 2006.

CARDOSO. Ricardo Lopes. Regulação econômica e escolhas de práticas contábeis: evidências empíricas no mercado de saúde suplementar brasileiro. São Paulo. 2005. **Tese** (Doutorado em Ciências Contábeis) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis. Departamento de Contabilidade e Atuária. Faculdade de Economia. Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo. 2005.

CHOI. Frederick D. S.; MEEK. Gary K. *International accounting*. 5. ed. EUA: Prentice Hall. 2005.

COELHO, A. C. D. Qualidade informacional e conservadorismo nos resultados contábeis publicados no Brasil. São Paulo, 2007. **Tese** (Doutorado em Contabilidade e Controladoria) – Pós-graduação em Contabilidade e Controladoria, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

COELHO. C. M. P.; NIYAMA. J. K.; RODRIGUES. J. M. Análise da Qualidade da Informação Contábil Frente a Implementação dos IFRS: Uma Pesquisa Baseada nos Periódicos Internacionais (1999 a 2010). **Sociedade. Contabilidade e Gestão**. Rio de Janeiro. v. 6. n. 2. jul/dez 2011.

COLLINS, D.; KOTHARI, S.. *An analysis of the cross-sectional and intertemporal determinants of earnings response coefficients*. **Journal of Accounting and Economics**, vol. 11, pp. 143–181, 1989.

COMITÊ DE PRONUNCIAMENTOS CONTÁBEIS (CPC). **Pronunciamento Conceitual Básico (R1) Estrutura Conceitual para Elaboração e Divulgação de Relatório Contábil-Financeiro**. Disponível em: < >. Acesso em: 15 jul 2012.

COSTA, F. M.; SANTOS, L. S. R.; SARLO NETO, A.; BARBOSA, E. L. Conservadorismo Contábil e Timeliness: evidências empíricas nos demonstrativos contábeis nas empresas brasileiras com ADRs negociados na Bolsa de Nova Iorque. In: XXX EnANPAD, 2006, Salvador. **Anais...** Salvador: ANPAD, 2006.

DANTAS, José Alves. Auditoria em instituições financeiras: determinantes de qualidade no mercado brasileiro. Tese (Doutorado em Ciências Contábeis) – Programa Multi-institucional e Inter-Regional de Pós-Graduação em Ciências Contábeis UnB/UFPB/ UFRN, 2012.

DAVIDSON. S.; WEILL. R. *Inflation accounting: what will generate price level adjusted income statement show?* **Financial Analysts Journal**. v. 31. p. 27-31. jan-fev 1975.

DeANGELO, Linda e.. *Accounting numbers as market valuation substitutes: a study of management buyouts of public stockholders*. **The Accounting Review**. Sarasota: v. 61, n. 3, pp. 400-420, jul. 1986.

DECHOW, P.; GE, W.. *The persistence of earnings and cash flows and the role of special items: implications for the accrual anomaly*. **Review of Accounting Studies**. vol n° 11, pp. 253–296, 2006.

DECHOW, P.; KOTHARI, S.P.; WATTS, R.L..*The relation between earnings and cash flows*. **Journal of Accounting and Economics**. vol n° 25, pp. 131-214, 1998.

DECHOW, Patricia M.; SLOAN, Richard G.; SWEENEY, Amy P. *Detecting Earnings Management*. **The Accounting Review**, Vol. 70, No. 2, pp. 193-225, April, 1995.

DECHOW. P.; SLOAN. R. *Executive incentives and the horizon problem*. **Journal of Accounting and Economics**. Vol.14. pp. 51-89. 1991.

DECHOW. Patricia M. *Accounting earnings and cash flows as measures of firm performance*. **Journal of Accounting & Economics** Vol. 18(1): pp. 3–42. 1994.

DECHOW. Patricia M.; SCHRAND. Catherine M. *Earnings quality*. Charlottesville (Virginia): CFA Institute. 2004.

DECHOW. Patricia M; DICHEV. Iliia D. The quality of *accruals* and earnings: the role of *accrual* estimation errors. **The Accounting Review**. v. 77. n.4. p.35-59. 2002.

DECHOW. Patricia. GE. Weili. SCHRAND. Catherine. *Understanding earnings quality: a review of the proxies. their determinants and their consequences*. **Journal of Accounting and Economics**. Vol. 50. pp. 344–401. 2010.

DECHOW. Patricia; RICHARDSON, Schott A.; TUNA, Irem.. *Why are earnings kinky? An examination of earnings management exploration*. **Review of Accounting Studies**. New York: v. 8, n. 2-3, pp. 355-384, jun-sep. 2003.

DEFOND, M.; PARK, C.. *The reversal of abnormal accruals and the market valuation of earnings surprises*. **The Accounting Review**, vol. 76, pp. 375–404, 2001.

DOUPNIK, T. S.; SALTER, S. B. *An empirical test of a judgmental international classification of financial reporting practices*. **Journal of International Business Studies**, p. 41-60, 1993.

DYCKMAN. T. R. *The Effects of restating financial statements for price-level changes: a comment*. **The Accounting Review**. v. 50. n. 4. p 796-808. 1975.

EASTON, P.; ZMIJEWSKI, M.. *Cross-sectional variation in the stock market response to the announcement of accounting earnings*. **Journal of Accounting and Economics**, vol. 9, pp. 117–141, 1989.

ELLIOT, B.; ELLIOT, J. *Financial accounting and reporting*. 2. ed. UK: Prentice Hill

ELLIOT. J.; HANA. J. *Repeated accounting write-offs and the information content of earnings*. Suplemento do **Journal of Accounting Research**. v. 34. p. 135-155. 1996.

Europe, 1996.

FAIRFIELD, P.; SWEENEY, R.; YOHAN, T.. *Accounting classification and the predictive content of earnings*. **Accounting Review**, vol. 71, pp. 337–355, 1996.

FELTHAM. G. A.; OHLSON. J. A. *Residual earnings valuation with risk and stochastic interest rates*. **The Accounting Review**. v. 74. p. 165-183. 1999.

FELTHAM. G. A.; OHLSON. J. A. *Valuation and clean surplus accounting for operating and financial activities*. **Contemporary Accounting Research**. v. 11. p.689-731. 1995.

FINGER, C.. *The ability of earnings to predict future earnings and cash flows*. **Journal of Accounting Research**. Vol. 32, pp. 210–223, 1994.

GARMAN. M.; OHLSON. J. *Information and the Sequential Valuation of Assets in Arbitrage Free Economies*. **Journal of Accounting Research**. Autumn. p. 420-40. 1980.

GIVOLY, D.; HAYN, C.. *The changing time-series properties of earnings, cash flows and accruals: has financial reporting become more conservative?* **Journal of Accounting and Economics**, vol. 29, pp. 287–320, 2000.

GREENE. William H. *Econometric analysis*. 5th ed. New Jersey: Prentice Hall. 2003.

GRINBLATT, Mark, TITMAN, Sheridan. *Mutual Fund Performance: An Analysis of Quarterly Portfolio Holdings*. **In: Journal of Business**, V.62, nº3, p.393-416, 1989.

GUJARATI. D. N. **Econometria básica**. 4 ed. São Paulo: Campus. 2006.

HAYN. C. *The Information content of losses*. **Journal of Accounting and Economics**. p. 125-153. set. 1995.

HEALY, P..*The effect of bonus schemes on accounting decisions*. **Journal of Accounting and Economics**. Vol. 7, pp. 85–107, 1985.

HEALY. P.; WAHLEN. J. *A review of the earnings management literature and its implications for standard setting*. **Accounting Horizons**. Vol. 13. pp. 365–383. 1999.

HEALY. Paul M. *The Effect of Bonus Schemes on Accounting Decisions*. **Journal of Accounting and Economics**. Vol 7. n. 1-3. pp. 85-107. Abr 1995.

HOLTHAUSEN, Robert W.; WATTS, Ross L. *The relevance of the value-relevance literature for financial accounting standard setting*. **Journal of Accounting and Economics**. New York: v. 31, n.1-3, p.3-75, sep. 2001.

HOLTHAUSEN. Robert W.; WATTS. Ross L. *The relevance of the value-relevance*

IFRS Foundation (IFRS). Disponível em <http://www.ifrs.org>. Acesso em 01 mar 2011

IKUNO. L. M. et al. *Contabilidade Internacional: Uma análise da produção científica nos principais periódicos internacionais da área (2000-2009)* . In: CONGRESSO USP DE CONTROLADORIA E CONTABILIDADE. 10.º. 2010. São Paulo. **Anais eletrônicos**. São Paulo: FEA/USP. 2010. Disponível em < <http://www.congressosp.fipecafi.org/index.asp> >. Acesso em: 12 fev 2011.

INTERNATIONAL ACCOUNTING STANDARD BOARD (**IASB**). *The move towards global Standards*. – Disponível em < <http://www.ifrs.org/Use+around+the+world/Use+around+the+world.htm> > acesso em abr 2012.

- JEANJEAN. Thomas; STOLOWY. Hervé. *Do accounting standards matter? An exploratory analysis of earnings management before and after IFRS adoption*. **Journal of Accounting and Public Policy**. Vol. 27. Issue 6. pp. 480-494 – November –December. 2008
- JONES, J.. *Earnings management during import relief investigations*. **Journal of Accounting Research**, vol. 29, pp. 193–228, 1991.
- KANG, Sok-Hyon.; SIVARAMAKRISHNAN, K. *Issues in testing earnings management and an instrumental variable approach*. **Journal of Accounting Research**. Oxford: v. 33, n.2, p.353–367, autumn 1995.
- KENNEDY. P. (1998). **A Guide to Econometrics**. 4th ed. Cambridge: MIT Press.
- KLEINBAUM, David G.; KUPPER, Lawrence L.; MULLER, Keith E.. **Applied Regression Analysis and other Multivariate Methods**. 2d ed.. PWS-Kent. Boston. Mass. 1988.
- KORMENDI, R.; LIPE, R.. *Earnings innovations, earnings persistence, and stock returns*. **Journal of Business**, vol. 60, pp. 323–345, 1987.
- KOTHARI. S. P. *Capital Markets Research in Accounting*. **Journal of Accounting and Economics**. vol. 31. pp. 105-231. 2001.
- KRISEMENT, V.. *An approach for measuring the degree of comparability of financial accounting information*. **European Accounting Review**. Vol. 6(3), 465–85, 1997.
- LAINEZ. J. A.; JARNE J. I.; CALLAO. S. *The Spanish accounting system and international accounting harmonization*. **European Accounting Review**. Vol. 8(1). pp. 93–113. 1999.
- LANG. M.; RAEDY. J.; WILSON. W. *Earnings management and cross listing: are reconciled earnings comparable to US earnings?* **Journal of Accounting and Economics** Vol. 42: pp. 255–283. 2006.
- LANG. M.; RAEDY. J.; YETMAN. M.. *How representative are firms are cross listed in the United States? An Analysis of accounting quality*. **Journal of Accounting Research** vol. 4: pp. 363–86. 2003.
- LEV. B.; SOUGIANIS. T. *The Capitalization. amortization. and value relevance of R&D*. **Journal of Accounting and Economics**. p. 107-183. 1996.
- LIMA. Gerlando Augusto Sampaio Franco de; FONSECA. José Alberto Soares da; BRITO. Giovanni Antonio Silva. *Conservadorismo nos resultados contábeis dos bancos em Portugal*. In: CONGRESSO USP DE CONTROLADORIA E CONTABILIDADE. 9.º. 2009. São Paulo. **Anais eletrônicos**. São Paulo: FEA/USP. 2009. Disponível em < <http://www.congressosp.fipecafi.org/index.asp> >. Acesso em: 12 fev 2011.
- LIMA. João Batista Nast de. *A relevância da informação contábil e o processo de convergência para as normas IFRS no Brasil*. São Paulo. 2010. **Tese** (Doutorado em Ciências Contábeis) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis. Departamento de Contabilidade e Atuária. Faculdade de Economia. Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo. 2010.

LOPES. Aleksandro Broedel. **A informação contábil e o mercado de capitais**. São Paulo: Pioneira Tompson Learning. 2002.

LOPES. Aleksandro Broedel. MARTINS. Eliseu. **Teoria da contabilidade: uma nova abordagem**. São Paulo: Atlas. 2007.

LOPES. Aleksandro Broedel. *The Relation between firm-specific corporate governance, cross-listing and informativeness of accounting numbers in Brazil*. **Thesis**. 2009. Manchester Business School. University of Manchester. 2009.

MARTINEZ. Antônio Lopo. Gerenciamento dos resultados contábeis: estudo empírico das companhias abertas brasileiras. **Tese** (Doutorado em Ciências Contábeis) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis. Departamento de Contabilidade e Atuária. Faculdade de Economia. Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo. 2001.

MARTINS. Gilberto de Andrade; TEÓFILO. Carlos Renato. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. São Paulo: Atlas. 2007.

MATIAS-PEREIRA. José. **Manual de metodologia da pesquisa científica**. São Paulo: Atlas. 2007.

MATSUMOTO. A. S.; PARREIRA. E. M. Uma pesquisa sobre o gerenciamento de resultados contábeis: causas e consequências. **Revista UnB Contábil**. UnB. Brasília. vol. 10. nº 1. jan./jun. 2007.

MAYDEW. E. *An Empirical evaluation of earnings and book values in security valuation*. **Working Paper**. University of Iowa. 1993.

MCLEAY. Stuart; NEAL. David; TOLLINGON. Tony. *International standardization and harmonization: a new measurement technique*. **Journal of International Management and Accounting**. Vol. 10 (1). pp. 42–70. 1999.

MCNICHOLS, M.; WILSON, G.. *Evidence of earnings management from the provision for bad debts*. **Journal of Accounting Research**, vol. 26, pp. 1–31, 1988.

MEEK, Gary K.; THOMAS, Wayne B. *A review of markets-based international accounting research*. *The International Journal of Accounting*. **Journal of International of Accounting Research**. Vol. 3, nº 1, pp. 21-41, 2004.

MENDONÇA, Mark Miranda de. O impacto da lei Sarbanes-Oxley (SOX) no conservadorismo contábil das empresas brasileiras que emitiram adr antes de 2002. 2008. **Dissertação** [Mestrado em Ciências Contábeis] – Fundação Instituto Capixaba de Pesquisa em Contabilidade, Economia e Finanças, Vitória, 2008.

MORRIS. R. D.. PARKER. R. H. *International harmony measures of accounting policy: comparative statistical properties*. **Accounting and Business Research**. Vol. 29(1). pp. 73–86. 1999.

MOST. Kenneth S. **Accounting Theory**. Grid Publishing Inc. Columbus. OH. USA.. 1982.

MYERS, J. N.. *Implementing Residual Income Valuation with Linear Information Dynamics*. **The Accounting Review**. v. 74, p. 1-28, 1999.

- NISSIM, D.; PENMAN, S.. *Ratio analysis and equity valuation: from research to practice*. **Review of Accounting Studies**, vol. 6, pp. 109–154, 2001.
- NIYAMA. Jorge Katsumi. **Contabilidade internacional**. 2ª Edição. São Paulo: Atlas. 2010.
- NIYAMA. Jorge Katsumi; SILVA. César Augusto Tibúrcio. **Teoria da contabilidade**. São Paulo: Atlas. 2008
- Nobes, C. *The true and fair view requirement: impact on and of the fourth directive*. **Accounting and Business Research**, Vol. 24, nº. 93, pp. 35-48, 1993.
- NOBES. Christopher; PARKER. Robert. **Comparative international accounting**. 8. ed. Londres: Prentice Hall Europe. 2004.
- O'NEIL, Jim; STUPNYTSKA, Anna. *The Long-term outlook for the BRICs and N-11 post crisis*. in **Global Economics**. Paper nº 192. Goldman Sachs, December 4, 2009.
- OHLSON, J.; ZHANG, X.. *Accrual Accounting and Equity Valuation*. **Journal of Accounting Research**. Vol. 36, pp. 85-111, 1998.
- OHLSON. J. A. *Earnings, Book Values and Dividends in Equity Valuation*. **Contemporary Accounting Research**. v. 11. p. 661-687. 1995.
- OHLSON. J. A. *On Transitory Earnings*. **Review of Accounting Studies**. v. 4. p. 145-162. 1999.
- OLETO. Ronaldo Ronan. Percepção da Qualidade da Informação. **Ciência da Informação**. Brasília. v. 35. n. 1. p. 57-62. jan./abr. 2006.
- PAANANEN, Mari. *The IFRS Adoption's Effect on Accounting Quality in Sweden*. **Social Science Research Network**. 2008. Disponível em <http://ssrn.com/abstract=1097659>. Acesso em março 2011.
- PAE, J.; THORNTON, D.; WELKER, M.. *The link between earnings conservatism and the price-to-book ratio*. **Contemporary Accounting Research**, vol. 22, 693–717, 2005.
- PAE, Jinhua. *Expected accrual models: the impact of operating cash flows and reversals of accruals*. **Review of Quantitative Finance and Accounting**. vol. 24, n. 1, p.5-22, feb. 2005.
- PAIK, G. *The Value Relevance of Fixed Asset Revaluation Reserves in International Accounting*. **International Management Review**, Vol. 5, nº 2, pp. 74-81, 2009.
- PARKER, R. H.. Some international aspects of accounting. **In International Accounting and Transnational** Decicion, Butterworths, 1983.
- PAULO, E.; ANTUNES, M. T. P; FORMIGONI, H. Estudo sobre o Conservadorismo nas Companhias Abertas e Fechadas Brasileiras. In: XXX EnANPAD, 2006, Salvador. **Anais...** Salvador: ANPAD, 2006.
- PAULO. Edilson. Manipulação das informações contábeis: uma análise teórica e empírica sobre os modelos operacionais de detecção de gerenciamento de resultados. São Paulo. 2007. **Tese** (Doutorado em Ciências Contábeis) – Programa de Pós-Graduação em Ciências

Contábeis. Departamento de Contabilidade e Atuária. Faculdade de Economia. Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo. 2007.

PAULO, Edilson; MARTINS, Eliseu. Análise da qualidade das informações contábeis nas companhias abertas. In: ENCONTRO DA ASSOCIACAO NACIONAL DE POS-GRADUACAO E PESQUISA EM ADMINISTRACAO — ENANPAD. 31°. 2007. Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD: 2007.

PEASNELL et al. *Detecting earnings management using cross-sectional abnormal accruals models*. **Accounting and Business Research**. Vol. nº 30, nº 4, pp. 313-326, 2000.

PENMAN, S.; SOUGIANNIS, T.. *A comparison of dividend, cash flow, and earnings approaches to equity valuation*. **Contemporary Accounting Research**. Vol. 15, pp. 343–383, 1998.

POPE, P.; WALKER, M.. *International differences in the timeliness, conservatism, and classification of earnings*. **Journal of Accounting Research**, vol.37, pp. 53–87, 1999.

RADEBAUGH, L.H.; GRAY, S.J.. ***International Accounting and Multinational Enterprises***. John Wiley, New York, 1993.

RICHARDSON, S.; SLOAN, R.; SOLIMAN, M.; TUNA, I., *Accrual reliability, earnings persistence and stock prices*. **Journal of Accounting and Economics**, vol. 39, pp. 437–485, 2005.

RODRIGUES, Adriano. Gerenciamento da Regulação Contábil e Regulação: evidências no mercado Brasileiro de Seguros. São Paulo. 2008. **Tese** (Doutorado em Ciências Contábeis) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis. Departamento de Contabilidade e Atuária. Faculdade de Economia. Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo. 2008.

SANTOS, L. S. R. Conservadorismo contábil e *timeliness*: evidências empíricas nos demonstrativos contábeis em US GAAP e BR GAAP das empresas com ADR’S negociadas na bolsa de Nova York. 2006. **Dissertação** [Mestrado em Ciências Contábeis] – Fundação Instituto Capixaba de Pesquisa em Contabilidade, Economia e Finanças, Vitória, 2006.

SARLO NETO, Alfredo. Relação entre a estrutura de propriedade e a informatividade dos lucros contábeis no mercado brasileiro. São Paulo. 2009. **Tese** (Doutorado em Ciências Contábeis) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis. Departamento de Contabilidade e Atuária. Faculdade de Economia. Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo. 2009.

SAUDAGHRAN, S. M. ***International accounting: a user perspective***. 2. ed. USA: South-Western, 2004.

SCHIMIDT, Paulo; SANTOS, José Luiz dos. **História da contabilidade**: Foco na evolução das Escolas do Pensamento Contábil. São Paulo: Atlas. 2008.

SCHIPPER, K. *Commentary on Earnings Management*, **Accounting Horizons**, vol. 3, pp. 91-102, 1989.

SCHROEDER, R. G.; CLARK, M. W; CATHEY, J. M. ***Financial accounting theory and analysis***. New Jersey: John Wiley & Sons. 8ª edição. 2005.

SLOAN, R.. *Do stock prices fully reflect information in accruals and cash flows about future earnings?* **The Accounting Review**, vol. 71, pp. 289–315, 1996.

SUNDER, Shyam. *IFRS and the accounting consensus*. **Accounting Horizons**. Vol 23. N° 1. pp. 101-111. 2009.

TAY, J. S. W.. & PARKER, R. H. *Measuring international harmonization and standardization*. **Abacus**. Vol. 26. March. pp. 71–88. 1990.

VAN DER TAS, L. G. *Evidence of EC financial reporting practice harmonization: The case of deferred taxation*. **European Accounting Review**. Vol. 1(1). pp. 69–104. 1992a.

VAN DER TAS, L. G. *Measuring harmonization of financial reporting practice*. **Accounting and Business Research**. Vol. 18(70). pp. 157–169. 1988.

VAN DER TAS, L. G. *Measuring international harmonization and standardization: A comment*. **Abacus**. Vol. 28(2). pp. 211–216. 1992b.

VUONG, Q. H. *Likelihood ratio tests for model selection and non-nested hypotheses*. **Econometrica**, Vol. 57, n. 2, p. 307-333, 1989.

WATTS, Ross L.; ZIMMERMAN, Jerold L.. *Positive Accounting Theory: A Ten Year Perspective*. **Accounting Review**. Vol. 65, 1990.

WATTS, R.; ZIMMERMAN, J. *The Demand and supply of accounting theories: the market for excuses*. **The Accounting Review**. v. 54. abr. 1979.

WEFFORT, Elionor Farah Jreire. **O Brasil e a harmonização contábil internacional: influências dos sistemas jurídico e educacional. da cultura e do mercado**. São Paulo: Atlas. 2005.

WILSON, Dominic; PURUSHOTHAMAN, Roopa. *Dreaming with BRICs: the path to 2050*. in **Global Economics**. Paper n° 99. Goldman Sachs. 2003.

WILSON, Dominic; STUPNYTSKA, Anna. *The N-11: more than an acronym*. in **Global Economics**. Paper n° 153. Goldman Sachs. March 28. 2007.

WOOLDRIDGE, Jeffrey M. *Introductory econometrics: a modern approach*. 2nd ed. Ohio: South-Western College Pub. 2002.

ZELLNER, Arnold. *An Efficient Method of Estimating Seemingly Unrelated Regressions and Tests for Aggregation Bias*. **Journal of the American Statistical Association**. Vol. 57, n°. 298, pp. 348-368, jun. 1962.

ZELLNER, Arnold; HUANG, David S. *Further Properties of Efficient Estimators for Seemingly Unrelated Regression Equations*. **International Economic Review**. Vol. 3, n°. 3, pp. 300-313, sep. 1962.

ZHANG, X.. *Accruals investment and the accrual anomaly*. **The Accounting Review**. Vol. 82. pp. 1333-1363. 2007.

Apêndice A – Classificação dos Setores na Base de Dados DataStream

Descrição	Utilizado / Excluído
Aeroespacial e Defesa	Utilizado
Energia alternativa	Utilizado
Automóveis e peças	Utilizado
Bancos	Excluído
bebidas	Utilizado
produtos químicos	Utilizado
Construção e Materiais	Utilizado
eletricidade	Utilizado
Equipamentos eléctricos e electrónicos	Utilizado
Investimento instrumentos de capital próprio	Excluído
Warrants de capital	Excluído
Serviços financeiros (Setor)	Excluído
Linha fixa de telecomunicações	Utilizado
Varejistas de Alimentos e Drogas	Utilizado
Os produtores de alimentos	Utilizado
Florestal e de papel	Utilizado
Água, gás e Multiutilities	Utilizado
Industriais gerais	Utilizado
Os varejistas em geral	Utilizado
Do estado dos equipamentos e serviços de cuidados	Excluído
Artigos para casa e construção de casas	Utilizado
Engenharia Industrial	Utilizado
Metais industriais e mineração	Utilizado
Transporte industrial	Utilizado
Mercadorias de lazer	Utilizado
seguro de vida	Excluído
mídia	Utilizado
mineração	Utilizado
Telecomunicações Móveis	Utilizado
Non-Equity Investment Instruments	Excluído
Seguro não-vida	Excluído
Produtores de Petróleo e Gás	Utilizado
Equipamentos de petróleo e Serviços	Utilizado
Outros títulos	Excluído
Warrants outros	Excluído
Bens pessoais	Utilizado
Farmacêuticos e Biotecnologia	Utilizado
Investimento Imobiliário e Serviços	Utilizado
Fundos de investimento imobiliário	Excluído
Serviços de Software e de Computadores	Utilizado

(...continua)

Apêndice A – Classificação dos Setores na Base de Dados DataStream (continuação)

Descrição	Utilizado / Excluído
Ações suspensas	Excluído
Serviços de Apoio	Utilizado
Hardware Tecnologia e Equipamentos	Utilizado
tabaco	Utilizado
Viagens e Lazer	Utilizado
Não classificados	Utilizado
Ações não cotadas	Excluído

Apêndice B – Descrição das Variáveis na Base DataStream

Variável	Descrição
MV	Valor de Mercado
P	Preço
WC01001	Receita Operacional Líquida
WC01051	Custos dos Produtos Vendidos
WC01151	Depreciação / Amortização
WC01249	Despesas Operacionais Totais
WC01250	Lucro Operacional
WC01706	Lucro Líquido Consolidado
WC02001	Caixa e Equivalentes (Disponível)
WC02201	Ativo Circulante Total
WC02501	Ativo Imobilizado
WC02649	Ativo Intangível
WC02999	Ativo Total
WC03101	Passivo Circulante Total
WC03255	Total das Dívidas
WC03998	Capital Total / Patrimônio Líquido
WC04860	Fluxo de Caixa Operacional Líquido

Apêndice C – Estatísticas descritivas: Global						
Persistência: Lucro Contábil						
Variável	Média	Mediana	Máximo	Mínimo	Desvio-padrão	n
$LL_{i,t}$	0,0179	0,0342	0,9098	-0,9191	0,1640	40196
$LL_{i,t-1}$	0,0183	0,0342	0,9098	-0,9191	0,1648	37793
$LL_{i,t-1} * IFRS$	0,0153	0,0000	0,7875	-0,7892	0,1270	37657
Persistência: Fluxo de Caixa Operacional						
Variável	Média	Mediana	Máximo	Mínimo	Desvio-padrão	n
$FCO_{i,t}$	0,0511	0,0644	1,6227	-1,5674	0,1945	38361
$FCO_{i,t-1}$	0,0611	0,0659	0,6300	-0,5300	0,1378	35275
$FCO_{i,t-1} * IFRS$	0,0411	0,0030	0,3900	-0,3096	0,0939	34386
Conservadorismo						
Variável	Média	Mediana	Máximo	Mínimo	Desvio-padrão	n
$LL_{it}/VM_{i,t-1}$	0,0250	0,0417	1,8597	-1,7664	0,2483	32654
DR_{it}	0,4284	0,0000	1,0000	0,0000	0,4948	41069
R_{it}	0,0348	-0,0041	1,8096	-1,0000	0,4767	34983
$DR_{it} * R_{it}$	-0,1527	0,0000	0,0000	-0,8395	0,2141	34566
$DR_{it} * R_{it} * IFRS$	-0,0776	0,0000	0,0000	-0,6600	0,1551	34033
Gerenciamento de Resultados: Modelo Pae (2005)						
Variável	Média	Mediana	Máximo	Mínimo	Desvio-padrão	n
TA_{it}	-0,0200	-0,0311	1,5493	-1,5577	0,2082	36913
I/A_{it}	0,0001	0,0000	0,0294	0,0000	0,0008	43838
R_{it}	0,1537	0,0878	3,3777	-2,5453	0,4479	38273
PPE_{it}	0,2982	0,2233	1,8618	-0,0740	0,2811	40423
INT_{it}	0,1561	0,0538	1,8496	-0,2017	0,2347	40330
FCO_{it}	0,0511	0,0644	1,6227	-1,5674	0,1945	38361
$FCO_{i,t-1}$	0,2132	0,1889	0,8093	0,0000	0,1816	42197
$TA_{i,t-1}$	-0,0193	-0,0312	1,5493	-1,5577	0,2104	34758
Gerenciamento de Resultados: modelo Paulo (2007)						
Variável	Média	Mediana	Máximo	Mínimo	Desvio-padrão	n
TA_{it}	-0,0200	-0,0311	1,5493	-1,5577	0,2082	36913
R_{it}	1,0488	0,8954	4,4487	-0,4973	0,8100	40451
PPE_{it}	0,2982	0,2233	1,8618	-0,0740	0,2811	40423
INT_{it}	0,1561	0,0538	1,8496	-0,2017	0,2347	40330
FCO_{it}	0,0511	0,0644	1,6227	-1,5674	0,1945	38361
E_{it}	0,0179	0,0342	0,9098	-0,9191	0,1640	40196
E_{it}^2	0,0160	0,0033	0,2700	0,0000	0,0351	39208
$\Delta E_{i,t-1}$	-0,0280	0,0179	8,5107	-8,5658	1,7149	37907
$D\Delta E_{i,t-1}$	0,4366	0,0000	1,0000	0,0000	0,4960	44911
$\Delta E_{i,t-1} * D\Delta E_{i,t-1}$	-0,4607	0,0000	0,0000	-6,3663	0,9139	38674
$TA_{i,t-1}$	-0,0193	-0,0312	1,5493	-1,5577	0,2104	34758
Ab_Prod_{it}	0,1557	0,0844	3,5689	-2,7654	0,4794	37311
Ab_DO_{it}	0,1485	0,0778	3,2691	-2,5894	0,4272	29547
Ab_FCO_{it}	-0,1170	-0,1041	8,7080	-8,9152	1,8588	37110

(...continua)

Apêndice C: Estatísticas descritivas: Global (continuação)

Value Relevance

Variável	Média	Mediana	Máximo	Mínimo	Desvio-padrão	n
VM_{it}	1,1250	0,7744	6,2399	0,0000	1,0655	36615
PL_{it}	0,3951	0,3823	1,5697	-0,7559	0,2735	38383
LL_{it}	-0,0030	0,0303	1,5074	-1,6697	0,1969	44793

Variáveis de Controle

Variável	Média	Mediana	Máximo	Mínimo	Desvio-padrão	n
$T_{i,t}$	12,4607	12,5398	19,9958	4,4886	2,6201	46100
$Div_{i,t}$	0,2198	0,1897	1,3612	0,0000	0,1974	44990
$G_{i,t}$	0,9161	0,8049	3,5393	-0,6525	0,6805	44571
$FCO_{i,t}$	0,0457	0,0582	0,8366	-0,7885	0,1413	41717
$IFRS$	0,5000	0,5000	1,0000	0,0000	0,5000	67186

Apêndice D – Teste de raiz unitária: Global

Persistência: Lucro Contábil		
Variável	Estatística IPS	<i>p-value</i>
$LL_{i,t}$	-43,5603	0,0000
$LL_{i,t-1}$	-45,2410	0,0000
$LL_{i,t-1} * IFRS$	-1,4E+14	0,0000
Persistência: Fluxo de Caixa Operacional		
Variável	Estatística IPS	<i>p-value</i>
$FCO_{i,t}$	-383,0230	0,0000
$FCO_{i,t-1}$	-103,6620	0,0000
$FCO_{i,t-1} * IFRS$	-7,8E+13	0,0000
Conservadorismo		
Variável	Estatística IPS	<i>p-value</i>
$LL_{it}/VM_{i,t-1}$	-42,8394	0,0000
DR_{it}	-3,1E+15	0,0000
R_{it}	-77,0626	0,0000
$DR_{it} * R_{it}$	-130,4090	0,0000
$DR_{it} * R_{it} * IFRS$	-2,9E+15	0,0000
Gerenciamento de Resultados: Modelo Pae (2005)		
Variável	Estatística IPS	<i>p-value</i>
TA_{it}	-211,2560	0,0000
I/A_{it}	-16290,3000	0,0000
R_{it}	-65,7379	0,0000
PPE_{it}	-62,4475	0,0000
INT_{it}	-171,8330	0,0000
FCO_{it}	-75,4060	0,0000
$FCO_{i,t-1}$	-1,1E+14	0,0000
$TA_{i,t-1}$	-81,9623	0,0000
Gerenciamento de Resultados: modelo Paulo (2007)		
Variável	Estatística IPS	<i>p-value</i>
TA_{it}	-78,8108	0,0000
R_{it}	-1,1E+14	0,0000
PPE_{it}	-56,7045	0,0000
INT_{it}	-198,6080	0,0000
FCO_{it}	-72,8699	0,0000
E_{it}	-58,6833	0,0000
E^2_{it}	-159,0510	0,0000
$\Delta E_{i,t-1}$	-91,2362	0,0000
$D\Delta E_{i,t-1}$	-3,0E+15	0,0000
$\Delta E_{i,t-1} * D\Delta E_{i,t-1}$	-1,3E+14	0,0000
$TA_{i,t-1}$	-76,4065	0,0000
Ab_Prod_{it}	-63,4360	0,0000
Ab_DO_{it}	-62,9674	0,0000
Ab_FCO_{it}	-73,0142	0,0000

(...continua)

Apêndice D – Teste de raiz unitária: Global (continuação)

Value Relevance		
Variável	Estatística IPS	<i>p-value</i>
VM_{it}	-66,0939	0,0000
PL_{it}	-29,4394	0,0000
LL_{it}	-38,3340	0,0000
Variáveis de Controle		
Variável	Estatística IPS	<i>p-value</i>
$T_{i,t}$	-32,2704	0,0000
$Div_{i,t}$	-133669,0000	0,0000
$G_{i,t}$	-3,4E+14	0,0000
$FCO_{i,t}$	-57,6364	0,0000

Apêndice E – Teste de multicolinearidade (FIV¹): Global			
Persistência: Lucro Contábil			
Variável	GLOBAL	G7	BRICS
$LL_{i,t-1}$	3,1607	3,2078	3,0294
$IFRS$	1,0255	1,0131	1,2071
$LL_{i,t-1} * IFRS$	2,9074	2,9015	3,0552
$T_{i,t}$	1,2539	1,2335	1,1444
$Div_{i,t}$	1,1215	1,1116	1,1498
$G_{i,t}$	1,1074	1,1033	1,0798
$FCO_{i,t}$	1,3221	1,4088	1,1466
Persistência: Fluxo de Caixa Operacional			
Variável	GLOBAL	G7	BRICS
$FCO_{i,t-1}$	2,2889	2,2828	2,3166
$IFRS$	1,2709	1,2200	1,4568
$FCO_{i,t-1} * IFRS$	2,4916	2,4333	2,6607
$T_{i,t}$	1,1891	1,1908	1,1065
$Div_{i,t}$	1,1151	1,1105	1,0997
$G_{i,t}$	1,0819	1,0753	1,0610
Conservadorismo			
Variável	GLOBAL	G7	BRICS
DR_{it}	2,7308	2,7311	2,8386
R_{it}	2,8607	3,1494	2,4564
$IFRS$	1,5600	1,5961	1,5413
$DR_{it} * R_{it}$	3,5842	3,7434	3,3743
$DR_{it} * R_{it} * IFRS$	2,5633	2,6808	2,2867
$T_{i,t}$	1,2394	1,2529	1,1250
$Div_{i,t}$	1,1271	1,1157	1,1362
$G_{i,t}$	1,1006	1,0979	1,0814
$FCO_{i,t}$	1,1729	1,2024	1,1233
Gerenciamento de Resultados: Modelo Pae (2005)			
Variável	GLOBAL	G7	BRICS
I/A_{it}	1,3084	1,3325	1,2104
R_{it}	1,0817	1,1003	1,0800
PPE_{it}	1,4323	1,3972	1,3184
INT_{it}	1,2039	1,2776	1,0780
FCO_{it}	1,2262	1,2212	1,2513
$FCO_{i,t-1}$	4,0486	3,9347	4,0758
$TA_{i,t-1}$	1,0526	1,0375	1,0829
$T_{i,t}$	1,5092	1,4742	1,3345
$Div_{i,t}$	4,1498	4,0017	4,2741
$G_{i,t}$	1,1860	1,1863	1,1618

(...continua)

Apêndice E – Teste de multicolinearidade (FIV¹): Global (continuação)			
Gerenciamento de Resultados: modelo Paulo (2007)			
Variável	GLOBAL	G7	BRICS
R_{it}	8,6188	8,5305	9,6918
PPE_{it}	1,5231	1,4640	1,5026
INT_{it}	1,3484	1,3936	1,1732
FCO_{it}	1,8918	1,9108	1,8637
E_{it}	2,1565	2,3405	2,1494
E^2_{it}	1,1751	1,3043	1,5445
$\Delta E_{i,t-1}$	2,7584	2,8542	2,5059
$D\Delta E_{i,t-1}$	1,7205	1,7386	1,6586
$\Delta E_{i,t-1} * D\Delta E_{i,t-1}$	2,4543	2,5029	2,4230
$TA_{i,t-1}$	1,0652	1,0462	1,1521
Ab_Prod_{it}	1,9877	1,8033	3,4513
Ab_DO_{it}	2,0727	1,8604	3,8692
Ab_FCO_{it}	1,0560	1,0512	1,1030
$T_{i,t}$	1,3341	1,3010	1,2059
$Div_{i,t}$	1,2835	1,2795	1,3747
$G_{i,t}$	8,5913	8,4793	9,5485
Value Relevance - Antes da Adoção dos IFRS			
Variável	GLOBAL	G7	BRICS
PL_{it}	1,4008	1,3287	1,8797
LL_{it}	1,4187	1,4854	1,3125
$T_{i,t}$	1,2056	1,2078	1,1159
$Div_{i,t}$	1,4144	1,2834	1,8765
$G_{i,t}$	1,2165	1,1499	1,2179
$FCO_{i,t}$	1,4057	1,5274	1,2183
Value Relevance - Depois da Adoção dos IFRS			
Variável	GLOBAL	G7	BRICS
PL_{it}	1,2494	1,2311	1,7116
LL_{it}	1,5031	1,6128	1,3301
$T_{i,t}$	1,1943	1,2493	1,1417
$Div_{i,t}$	1,3391	1,2524	1,7336
$G_{i,t}$	1,1264	1,1055	1,1417
$FCO_{i,t}$	1,4831	1,6430	1,2718

(1) $FIV = 1/(1-R^2)$, sendo valor superior a 10 indicador de forte colinearidade.

Apêndice F – Resultados com *Outliers*: Global, G7 e BRICS

Apêndice F,1 - Persistência dos resultados (Lucro Líquido)				
Variável		GLOBAL	G-7	BRICS
<i>c</i>	<i>coef</i>	-0,3200	-0,3916	-0,1235
	<i>p-value</i>	0,0439	0,0297	0,6838
<i>LL_{i,t-1}</i>	<i>coef</i>	0,0238	0,0140	0,1150
	<i>p-value</i>	0,7163	0,8392	0,4159
<i>IFRS</i>	<i>coef</i>	0,0189	0,0234	0,0176
	<i>p-value</i>	0,0216	0,0474	0,2424
<i>LL_{i,t-1}*IFRS</i>	<i>coef</i>	-0,0272	-0,0104	-0,1648
	<i>p-value</i>	0,8139	0,9255	0,5230
<i>T_{it}</i>	<i>coef</i>	0,0212	0,0245	0,0135
	<i>p-value</i>	0,0916	0,1124	0,5337
<i>Div_{it}</i>	<i>coef</i>	-0,1133	-0,0258	-0,2926
	<i>p-value</i>	0,0698	0,7709	0,0000
<i>G_{it}</i>	<i>coef</i>	0,0601	0,0599	0,0514
	<i>p-value</i>	0,0001	0,0006	0,0283
<i>FCO_{it}</i>	<i>coef</i>	0,1544	0,1820	0,0976
	<i>p-value</i>	0,0004	0,0029	0,0642
<i>R²</i>		0,3312	0,3365	0,3051
<i>n</i>		33427	23026	10401
<i>DW</i>		1,7812	1,7475	1,8665
Teste de Hausman para Efeitos Aleatórios em <i>cross-section</i>	<i>Chi-Sq,</i>	4398,92	2827,01	2179,89
	<i>Prob,</i>	0,0000	0,0000	0,0000

Apêndice F,2 - Persistência do Fluxo de Caixa				
Variável		GLOBAL	G-7	BRICS
<i>c</i>	<i>coef</i>	-0,3963	-0,4369	-0,3860
	<i>p-value</i>	0,0060	0,0062	0,1368
<i>FCO_{i,t-1}</i>	<i>coef</i>	0,0406	0,0544	-0,0359
	<i>p-value</i>	0,6114	0,4459	0,8534
<i>IFRS</i>	<i>coef</i>	-0,0005	0,0097	-0,0282
	<i>p-value</i>	0,9508	0,2209	0,1312
<i>FCO_{i,t-1}*IFRS</i>	<i>coef</i>	-0,0734	-0,0838	-0,0095
	<i>p-value</i>	0,5183	0,4315	0,9652
<i>T_{it}</i>	<i>coef</i>	0,0298	0,0314	0,0338
	<i>p-value</i>	0,0095	0,0195	0,0631
<i>Div_{it}</i>	<i>coef</i>	-0,1179	-0,0826	-0,1913
	<i>p-value</i>	0,0010	0,0262	0,0056
<i>G_{it}</i>	<i>coef</i>	0,0908	0,0994	0,0575
	<i>p-value</i>	0,0000	0,0000	0,0205
<i>R²</i>		0,3302	0,3616	0,2266
<i>n</i>		32881	22619	10262
<i>DW</i>		2,0827	2,0184	2,2133
Teste de Hausman para Efeitos Aleatórios em <i>cross-section</i>	<i>Statistic</i>	4974,29	3822,04	1028,73
	<i>Prob,</i>	0,0000	0,0000	0,0000

Apêndice F,3 - Conservadorismo

Variável		GLOBAL	G-7	BRICS
c	<i>coef</i>	-0,1778	-0,2018	-0,1157
	<i>p-value</i>	0,3380	0,3839	0,6547
DR_{it}	<i>coef</i>	-0,0423	-0,0447	-0,0393
	<i>p-value</i>	0,0063	0,0048	0,1712
R_{it}	<i>coef</i>	0,0239	0,0268	0,0224
	<i>p-value</i>	0,0317	0,0018	0,2918
$IFRS$	<i>coef</i>	0,0011	0,0058	-0,0078
	<i>p-value</i>	0,9539	0,7456	0,8024
$DR_{it} * R_{it}$	<i>coef</i>	0,0330	0,0296	0,0253
	<i>p-value</i>	0,5639	0,6251	0,8062
$DR_{it} * R_{it} * IFRS$	<i>coef</i>	-0,0204	-0,0072	-0,0757
	<i>p-value</i>	0,7519	0,9162	0,4967
T_{it}	<i>coef</i>	0,0179	0,0206	0,0122
	<i>p-value</i>	0,2465	0,3028	0,5225
Div_{it}	<i>coef</i>	-0,1277	-0,1270	-0,1335
	<i>p-value</i>	0,0084	0,0411	0,0647
G_{it}	<i>coef</i>	0,0180	0,0112	0,0371
	<i>p-value</i>	0,0577	0,3380	0,1507
FCO_{it}	<i>coef</i>	0,0746	0,0864	0,0529
	<i>p-value</i>	0,0007	0,0075	0,0634
R^2		0,4216	0,3208	0,5525
n		31111	21296	9815
DW		1,7042	1,6355	1,8563
Teste de Hausman para Efeitos Aleatórios em <i>cross-section</i>	<i>Statistic</i>	129,18	116,08	68,85
	<i>Prob,</i>	0,0000	0,0000	0,0000

Apêndice F,4 - Value Relevance - Antes da Adoção

		GLOBAL	G-7	BRICS
c	<i>Coef,</i>	10,8273	3,5561	18,1981
	<i>p-value</i>	0,0000	0,1041	0,0000
PL_{it}	<i>Coef,</i>	0,0363	0,0919	0,2739
	<i>p-value</i>	0,2025	0,0095	0,2494
LL_{it}	<i>Coef,</i>	0,0434	0,1032	-0,0578
	<i>p-value</i>	0,6296	0,6620	0,1725
T_{it}	<i>Coef,</i>	-0,7112	-0,1619	-1,1967
	<i>p-value</i>	0,0000	0,3948	0,0000
E_{it}	<i>Coef,</i>	-0,0687	-1,4278	0,5561
	<i>p-value</i>	0,7554	0,0100	0,0629
G_{it}	<i>Coef,</i>	-0,4056	-0,1553	-0,4490
	<i>p-value</i>	0,0130	0,3709	0,0005
FCO_{it}	<i>Coef,</i>	-0,1939	-0,7789	0,1280
	<i>p-value</i>	0,2706	0,0251	0,4409
R^2		0,5477	0,5521	0,5731
n		12239	6866	5373
DW		1,2170	1,4349	0,8536
Teste de Hausman para Efeitos Aleatórios em <i>cross-section</i>	<i>Statistic</i>	458,49	71,48	572,75
	<i>Prob,</i>	0,0000	0,0000	0,0000

Apêndice F,5 - Value Relevance - Depois da Adoção

		GLOBAL	GLOBAL	BRICS
c	<i>Coef,</i>	10,3668	6,8103	15,4847
	<i>p-value</i>	0,0000	0,0000	0,0000
PL_{it}	<i>Coef,</i>	0,0096	0,0336	-0,7866
	<i>p-value</i>	0,4581	0,0148	0,0005
LL_{it}	<i>Coef,</i>	-0,2674	-0,3217	0,2833
	<i>p-value</i>	0,0132	0,0016	0,2712
T_{it}	<i>Coef,</i>	-0,7241	-0,4924	-0,9190
	<i>p-value</i>	0,0000	0,0000	0,0000
E_{it}	<i>Coef,</i>	-0,3933	-0,8680	-0,8841
	<i>p-value</i>	0,0023	0,0000	0,0148
G_{it}	<i>Coef,</i>	0,1963	0,3035	-0,0353
	<i>p-value</i>	0,0000	0,0000	0,7387
FCO_{it}	<i>Coef,</i>	0,1290	-0,4247	0,2479
	<i>p-value</i>	0,4114	0,0027	0,1240
R^2		0,7166	0,7073	0,7339
n		19322	13167	6155
DW		1,6900	1,6983	1,7655
Teste de Hausman para Efeitos Aleatórios em <i>cross-section</i>	<i>Statistic</i>	1571,00	445,04	749,98
	<i>Prob,</i>	0,0000	0,0000	0,0000

Apêndice G – Estatística descritiva: persistência do lucro líquido							
País	Variável	Média	Mediana	Máximo	Mínimo	Desvio-padrão	n
Alemanha	$LL_{i,t}$	-0,0027	0,0261	4,2518	-9,9327	0,2843	6404
	$LL_{i,t-1}$	-0,0079	0,0261	8,8600	-9,9327	0,3839	6404
	$IFRS$	0,5907	1,0000	1,0000	0,0000	0,4917	6404
	$LL_{i,t-1} * IFRS$	0,0108	0,0000	8,8600	-6,6000	0,2646	6404
	$T_{i,t}$	12,1452	11,8282	19,9437	4,1109	2,2694	6404
	$Div_{i,t}$	0,2288	0,1875	3,7510	0,0000	0,2322	6404
	$G_{i,t}$	1,1851	1,0638	31,1221	-0,2040	0,9203	6404
	$FCO_{i,t}$	0,0401	0,0621	2,3681	-3,7219	0,2408	6404
França	$LL_{i,t}$	0,0278	0,0362	4,7356	-2,3617	0,1554	5575
	$LL_{i,t-1}$	0,0286	0,0374	4,7356	-2,6965	0,1818	5575
	$IFRS$	0,6016	1,0000	1,0000	0,0000	0,4896	5575
	$LL_{i,t-1} * IFRS$	0,0185	0,0000	1,6531	-2,6965	0,1309	5575
	$T_{i,t}$	12,2800	11,8847	19,2912	4,9628	2,3759	5575
	$Div_{i,t}$	0,2156	0,1914	2,5379	0,0000	0,1851	5575
	$G_{i,t}$	1,0688	1,0001	6,5620	-0,6525	0,6165	5575
	$FCO_{i,t}$	0,0671	0,0703	2,1415	-2,6207	0,1534	5575
Itália	$LL_{i,t}$	0,0024	0,0190	0,6902	-1,3190	0,1140	2100
	$LL_{i,t-1}$	0,0046	0,0211	0,9437	-1,8651	0,1350	2100
	$IFRS$	0,6671	1,0000	1,0000	0,0000	0,4713	2100
	$LL_{i,t-1} * IFRS$	0,0044	0,0000	0,5505	-1,6724	0,0933	2100
	$T_{i,t}$	13,0427	12,7376	19,4742	7,9399	1,8803	2100
	$Div_{i,t}$	0,2855	0,2891	1,1617	0,0000	0,1708	2100
	$G_{i,t}$	0,7636	0,7237	4,0951	0,0000	0,4608	2100
	$FCO_{i,t}$	0,0474	0,0544	0,8874	-0,9902	0,1144	2100
Reino Unido	$LL_{i,t}$	-0,0463	0,0336	4,1994	-5,8939	0,3823	10073
	$LL_{i,t-1}$	-0,0638	0,0339	6,4404	-6,9744	0,4900	10073
	$IFRS$	0,6728	1,0000	1,0000	0,0000	0,4692	10073
	$LL_{i,t-1} * IFRS$	-0,0504	0,0000	4,1994	-6,9744	0,4231	10073
	$T_{i,t}$	11,2890	11,1075	24,0242	1,0986	2,4690	10073
	$Div_{i,t}$	0,1877	0,1300	4,9404	0,0000	0,2526	10073
	$G_{i,t}$	0,9717	0,8643	3,9870	-0,0664	0,7950	10073
	$FCO_{i,t}$	0,0139	0,0618	3,5727	-3,9215	0,3173	10073
África do Sul	$LL_{i,t}$	0,0791	0,0821	3,8650	-5,2413	0,2583	2692
	$LL_{i,t-1}$	0,0901	0,0873	4,5492	-8,6727	0,3623	2692
	$IFRS$	0,6326	1,0000	1,0000	0,0000	0,4822	2692
	$LL_{i,t-1} * IFRS$	0,0641	0,0237	4,5492	-8,6727	0,3001	2692
	$T_{i,t}$	13,7751	13,8083	19,0092	4,8675	2,2301	2692
	$Div_{i,t}$	0,1835	0,1461	1,8762	0,0000	0,1849	2692
	$G_{i,t}$	1,2981	1,1883	5,9311	0,0000	0,9410	2692
	$FCO_{i,t}$	0,1099	0,0993	1,8738	-1,9074	0,1774	2692

(...continua)

Apêndice G – Estatística descritiva: persistência do lucro líquido (continuação)							
País	Variável	Média	Mediana	Máximo	Mínimo	Desvio-padrão	n
Brasil	$LL_{i,t}$	0,0366	0,0506	2,7058	-2,2979	0,2108	1648
	$LL_{i,t-1}$	0,0331	0,0504	2,8119	-5,7078	0,2595	1648
	$IFRS$	0,6165	1,0000	1,0000	0,0000	0,4864	1648
	$LL_{i,t-1} * IFRS$	0,0179	0,0000	2,0354	-5,7078	0,2240	1648
	$T_{i,t}$	13,9333	14,0437	20,1975	5,3132	2,0026	1648
	$Div_{i,t}$	0,2965	0,2686	2,9533	0,0000	0,2770	1648
	$G_{i,t}$	0,7468	0,6421	4,1624	0,0000	0,5711	1648
	$FCO_{i,t}$	0,0770	0,0853	0,9535	-0,9877	0,1664	1648
China	$LL_{i,t}$	0,0388	0,0322	0,9762	-0,7998	0,0884	6157
	$LL_{i,t-1}$	0,0398	0,0335	0,8938	-0,9222	0,0916	6157
	$IFRS$	0,6365	1,0000	1,0000	0,0000	0,4810	6157
	$LL_{i,t-1} * IFRS$	0,0282	0,0080	0,8938	-0,7998	0,0801	6157
	$T_{i,t}$	14,8730	14,6921	21,3741	4,9127	1,3652	6157
	$Div_{i,t}$	0,2820	0,2756	1,9559	0,0000	0,1891	6157
	$G_{i,t}$	0,6993	0,5858	3,8006	0,0000	0,5026	6157
	$FCO_{i,t}$	0,0606	0,0549	0,9876	-0,7848	0,1190	6157

Apêndice H – Teste de raiz unitária (estacionariedade): persistência do Lucro Líquido			
País	Variável	Estatística IPS	<i>p-value</i>
Alemanha	$LL_{i,t}$	-48,8112	0,0000
	$LL_{i,t-1}$	-49,2715	0,0000
	$LL_{i,t-1} * IFRS$	-65,7122	0,0000
	$T_{i,t}$	-25,566	0,0000
	$Div_{i,t}$	-5,6E+14	0,0000
	$G_{i,t}$	-26,0486	0,0000
	$FCO_{i,t}$	-889,771	0,0000
França	$LL_{i,t}$	-20,7681	0,0000
	$LL_{i,t-1}$	-17,1552	0,0000
	$LL_{i,t-1} * IFRS$	-12,1738	0,0000
	$T_{i,t}$	-5,31522	0,0000
	$Div_{i,t}$	-647,553	0,0000
	$G_{i,t}$	-12,8597	0,0000
	$FCO_{i,t}$	-26,1432	0,0000
Itália	$LL_{i,t}$	-9,02405	0,0000
	$LL_{i,t-1}$	-9,27292	0,0000
	$LL_{i,t-1} * IFRS$	-6,97223	0,0000
	$T_{i,t}$	-7,60479	0,0000
	$Div_{i,t}$	-6,33064	0,0000
	$G_{i,t}$	-8,46444	0,0000
	$FCO_{i,t}$	-18,7358	0,0000
Reino Unido	$LL_{i,t}$	-41,0201	0,0000
	$LL_{i,t-1}$	-46,0524	0,0000
	$LL_{i,t-1} * IFRS$	-45,8636	0,0000
	$T_{i,t}$	-26,6249	0,0000
	$Div_{i,t}$	-9,10E+14	0,0000
	$G_{i,t}$	-11,615	0,0000
	$FCO_{i,t}$	-50,0035	0,0000
África do Sul	$LL_{i,t}$	-9,4693	0,0000
	$LL_{i,t-1}$	-15,9174	0,0000
	$LL_{i,t-1} * IFRS$	-2,12742	0,0167
	$T_{i,t}$	-5,74012	0,0000
	$Div_{i,t}$	-19,0389	0,0000
	$G_{i,t}$	-9,31554	0,0000
	$FCO_{i,t}$	-12,8366	0,0000

(...continua)

Apêndice H – Teste de raiz unitária (estacionariedade): persistência do Lucro Líquido (coninuação)			
País	Variável	Estatística IPS	<i>p-value</i>
Brasil	$LL_{i,t}$	-65,6924	0,0000
	$LL_{i,t-1}$	-64,0018	0,0000
	$LL_{i,t-1} * IFRS$	-5,59385	0,0000
	$T_{i,t}$	-10,5236	0,0000
	$Div_{i,t}$	-40,2077	0,0000
	$G_{i,t}$	-7,60886	0,0000
	$FCO_{i,t}$	-22,2483	0,0000
China	$LL_{i,t}$	-9,52446	0,0000
	$LL_{i,t-1}$	-9,50948	0,0000
	$LL_{i,t-1} * IFRS$	-2,02409	0,0000
	$T_{i,t}$	3,37619	0,0000
	$Div_{i,t}$	-13,6009	0,0000
	$G_{i,t}$	-10,8058	0,0000
	$FCO_{i,t}$	-22,3507	0,0000

Apêndice I – Teste de multicolinearidade (FIV): persistência do Lucro Líquido		
Dimensão utilizada	Variável	FIV ¹
Alemanha	$LL_{i,t-1}$	2,0387
	$IFRS$	1,0096
	$LL_{i,t-1} * IFRS$	1,9294
	$T_{i,t}$	1,0732
	$Div_{i,t}$	1,0354
	$G_{i,t}$	1,0321
	$FCO_{i,t}$	1,1536
França	$LL_{i,t-1}$	2,1626
	$IFRS$	1,0356
	$LL_{i,t-1} * IFRS$	2,0935
	$T_{i,t}$	1,1379
	$Div_{i,t}$	1,1133
	$G_{i,t}$	1,1060
	$FCO_{i,t}$	1,1946
Itália	$LL_{i,t-1}$	2,0201
	$IFRS$	1,0196
	$LL_{i,t-1} * IFRS$	1,9788
	$T_{i,t}$	1,1858
	$Div_{i,t}$	1,1319
	$G_{i,t}$	1,0659
	$FCO_{i,t}$	1,2311
Reino Unido	$LL_{i,t-1}$	4,3372
	$IFRS$	1,0262
	$LL_{i,t-1} * IFRS$	3,9206
	$T_{i,t}$	1,2067
	$Div_{i,t}$	1,0455
	$G_{i,t}$	1,0757
	$FCO_{i,t}$	1,5519
África do Sul	$LL_{i,t-1}$	3,1328
	$IFRS$	1,0684
	$LL_{i,t-1} * IFRS$	3,1126
	$T_{i,t}$	1,0736
	$Div_{i,t}$	1,0572
	$G_{i,t}$	1,0627
	$FCO_{i,t}$	1,1324

(...continua)

Apêndice I – Teste de multicolinearidade (FIV): persistência do Lucro Líquido (coninuação)		
Dimensão utilizada	Variável	FIV ¹
Brasil	$LL_{i,t-1}$	5,1826
	$IFRS$	1,0669
	$LL_{i,t-1} * IFRS$	4,7986
	$T_{i,t}$	1,1891
	$Div_{i,t}$	1,0394
	$G_{i,t}$	1,0519
	$FCO_{i,t}$	1,1129
China	$LL_{i,t-1}$	3,8662
	$IFRS$	1,2398
	$LL_{i,t-1} * IFRS$	3,8670
	$T_{i,t}$	1,1667
	$Div_{i,t}$	1,1685
	$G_{i,t}$	1,0257
	$FCO_{i,t}$	1,0737

(1) $FIV = 1/(1-R^2)$, sendo valor superior a 10 indicador de forte colinearidade.

Apêndice J – Estatística descritiva: persistência do fluxo de caixa							
País	Variável	Média	Mediana	Máximo	Mínimo	Desvio-padrão	n
Alemanha	$FCO_{i,t}$	0,0388	0,0628	1,9536	-4,5762	0,2491	6208
	$FCO_{i,t-1}$	0,0318	0,0635	6,2432	-6,9314	0,3614	6208
	$IFRS$	0,5992	1,0000	1,0000	0,0000	0,4901	6208
	$FCO_{i,t-1} * IFRS$	0,0291	0,0000	6,0087	-6,4082	0,2205	6208
	$T_{i,t}$	12,1675	11,8401	19,9437	4,1109	2,2751	6208
	$Div_{i,t}$	0,2283	0,1872	3,7510	0,0000	0,2324	6208
	$G_{i,t}$	1,1874	1,0707	31,1221	-0,2040	0,9200	6208
França	$FCO_{i,t}$	0,0685	0,0711	2,1415	-2,6207	0,1480	5298
	$FCO_{i,t-1}$	0,0681	0,0724	3,5585	-3,0659	0,1823	5298
	$IFRS$	0,6214	1,0000	1,0000	0,0000	0,4851	5298
	$FCO_{i,t-1} * IFRS$	0,0441	0,0064	3,5585	-3,0659	0,1475	5298
	$T_{i,t}$	12,3475	11,9515	19,2912	4,9628	2,3754	5298
	$Div_{i,t}$	0,2161	0,1929	2,5379	0,0000	0,1857	5298
	$G_{i,t}$	1,0673	0,9939	6,5620	-0,6525	0,6164	5298
Itália	$FCO_{i,t}$	0,0461	0,0538	2,3206	-2,1615	0,1519	2057
	$FCO_{i,t-1}$	0,0432	0,0569	2,3206	-10,0647	0,2897	2057
	$IFRS$	0,6714	1,0000	1,0000	0,0000	0,4698	2057
	$FCO_{i,t-1} * IFRS$	0,0274	0,0069	0,4534	-3,6439	0,1419	2057
	$T_{i,t}$	13,0319	12,7266	19,4742	7,9399	1,8795	2057
	$Div_{i,t}$	0,2859	0,2894	1,1617	0,0000	0,1710	2057
	$G_{i,t}$	0,7670	0,7284	4,0951	0,0000	0,4637	2057
Reino Unido	$FCO_{i,t}$	0,0060	0,0618	4,5880	-6,9773	0,3945	10096
	$FCO_{i,t-1}$	-0,0081	0,0624	5,5278	-6,9773	0,4589	10096
	$IFRS$	0,6733	1,0000	1,0000	0,0000	0,4690	10096
	$FCO_{i,t-1} * IFRS$	-0,0148	0,0000	5,5278	-6,9773	0,4013	10096
	$T_{i,t}$	11,1729	11,0121	23,9105	1,7918	2,4786	10096
	$Div_{i,t}$	0,1902	0,1308	4,9404	0,0000	0,2585	10096
	$G_{i,t}$	0,9741	0,8661	3,9870	-0,0664	0,8054	10096
África do Sul	$FCO_{i,t}$	0,1069	0,0994	6,6469	-8,2060	0,3852	2701
	$FCO_{i,t-1}$	0,1085	0,1023	6,6469	-8,2060	0,4153	2701
	$IFRS$	0,6342	1,0000	1,0000	0,0000	0,4817	2701
	$FCO_{i,t-1} * IFRS$	0,0707	0,0205	4,6598	-7,2078	0,3312	2701
	$T_{i,t}$	13,7762	13,8107	19,2113	4,8675	2,2322	2701
	$Div_{i,t}$	0,1837	0,1460	1,8762	0,0000	0,1851	2701
	$G_{i,t}$	1,2946	1,1854	5,9311	0,0000	0,9438	2701

(...continua)

Apêndice J – Estatística descritiva: persistência do fluxo de caixa (coninuação)							
País	Variável	Média	Mediana	Máximo	Mínimo	Desvio-padrão	n
Brasil	$FCO_{i,t}$	0,0735	0,0828	2,3605	-1,6777	0,1942	1533
	$FCO_{i,t-1}$	0,0678	0,0877	2,3605	-1,9590	0,2246	1533
	$IFRS$	0,6327	1,0000	1,0000	0,0000	0,4822	1533
	$FCO_{i,t-1} * IFRS$	0,0383	0,0000	0,8668	-1,9590	0,1728	1533
	$T_{i,t}$	13,8938	14,0241	20,1975	4,3694	2,0739	1533
	$Div_{i,t}$	0,2989	0,2696	2,9533	0,0000	0,2822	1533
	$G_{i,t}$	0,7387	0,6340	4,1624	0,0000	0,5790	1533
China	$FCO_{i,t}$	0,0604	0,0548	0,9876	-0,7848	0,1188	6157
	$FCO_{i,t-1}$	0,0644	0,0586	0,9876	-0,9781	0,1229	6157
	$IFRS$	0,6373	1,0000	1,0000	0,0000	0,4808	6157
	$FCO_{i,t-1} * IFRS$	0,0416	0,0019	0,9876	-0,9781	0,1067	6157
	$T_{i,t}$	14,8704	14,6888	21,3741	4,9127	1,3682	6157
	$Div_{i,t}$	0,2821	0,2756	1,9559	0,0000	0,1891	6157
	$G_{i,t}$	0,6997	0,5858	3,8006	0,0000	0,5026	6157

Apêndice K – Teste de raiz unitária (estacionariedade): persistência do fluxo de caixa			
País	Variável	Estatística IPS	<i>p-value</i>
Alemanha	$FCO_{i,t}$	-839,518	0,0000
	$FCO_{i,t-1}$	-65,0756	0,0000
	$FCO_{i,t-1} * IFRS$	-23,645	0,0000
	$T_{i,t}$	-26,5958	0,0000
	$Div_{i,t}$	-5,80E+14	0,0000
	$G_{i,t}$	-23,6604	0,0000
França	$FCO_{i,t}$	-32,4306	0,0000
	$FCO_{i,t-1}$	-27,8596	0,0000
	$FCO_{i,t-1} * IFRS$	-18,8086	0,0000
	$T_{i,t}$	-5,31522	0,0000
	$Div_{i,t}$	-647,553	0,0000
	$G_{i,t}$	-12,8597	0,0000
Itália	$FCO_{i,t}$	-18,0805	0,0000
	$FCO_{i,t-1}$	-13,9101	0,0000
	$FCO_{i,t-1} * IFRS$	-5,06549	0,0000
	$T_{i,t}$	-7,60479	0,0000
	$Div_{i,t}$	-6,33064	0,0000
	$G_{i,t}$	-8,46444	0,0000
Reino Unido	$FCO_{i,t}$	-53,9269	0,0000
	$FCO_{i,t-1}$	-121,185	0,0000
	$FCO_{i,t-1} * IFRS$	-44,5852	0,0000
	$T_{i,t}$	-26,6249	0,0000
	$Div_{i,t}$	-9,10E+14	0,0000
	$G_{i,t}$	-11,615	0,0000
África do Sul	$FCO_{i,t}$	-21,455	0,0000
	$FCO_{i,t-1}$	-39,4861	0,0000
	$FCO_{i,t-1} * IFRS$	-33,7248	0,0000
	$T_{i,t}$	-5,74012	0,0000
	$Div_{i,t}$	-19,0389	0,0000
	$G_{i,t}$	-9,31554	0,0000
Brasil	$FCO_{i,t}$	-13,4441	0,0000
	$FCO_{i,t-1}$	-31,5222	0,0000
	$FCO_{i,t-1} * IFRS$	-11,1974	0,0000
	$T_{i,t}$	-10,5236	0,0000
	$Div_{i,t}$	-40,2077	0,0000
	$G_{i,t}$	-7,60886	0,0000
China	$FCO_{i,t}$	-18,8934	0,0000
	$FCO_{i,t-1}$	-16,876	0,0000
	$FCO_{i,t-1} * IFRS$	-7,3828	0,0000
	$T_{i,t}$	1,29194	0,0000
	$Div_{i,t}$	-13,0807	0,0000
	$G_{i,t}$	-15,4095	0,0000

Apêndice L – Teste de multicolinearidade (FIV): persistência do fluxo de caixa		
Dimensão utilizada	Variável	FIV ¹
Alemanha	$FCO_{i,t-1}$	1,6417
	$IFRS$	1,0127
	$FCO_{i,t-1} * IFRS$	1,6514
	$T_{i,t}$	1,0550
	$Div_{i,t}$	1,0340
	$G_{i,t}$	1,0199
França	$FCO_{i,t-1}$	2,4185
	$IFRS$	1,1358
	$FCO_{i,t-1} * IFRS$	2,5332
	$T_{i,t}$	1,1240
	$Div_{i,t}$	1,0968
	$G_{i,t}$	1,0998
Itália	$FCO_{i,t-1}$	1,3099
	$IFRS$	1,0438
	$FCO_{i,t-1} * IFRS$	1,3631
	$T_{i,t}$	1,1139
	$Div_{i,t}$	1,1005
	$G_{i,t}$	1,0463
Reino Unido	$FCO_{i,t-1}$	4,9344
	$IFRS$	1,0140
	$FCO_{i,t-1} * IFRS$	4,7338
	$T_{i,t}$	1,1284
	$Div_{i,t}$	1,0294
	$G_{i,t}$	1,0577
África do Sul	$FCO_{i,t-1}$	2,9527
	$IFRS$	1,0714
	$FCO_{i,t-1} * IFRS$	2,9685
	$T_{i,t}$	1,0252
	$Div_{i,t}$	1,0388
	$G_{i,t}$	1,0573
Brasil	$FCO_{i,t-1}$	2,3990
	$IFRS$	1,1437
	$FCO_{i,t-1} * IFRS$	2,4096
	$T_{i,t}$	1,0795
	$Div_{i,t}$	1,0082
	$G_{i,t}$	1,0244

(...continua)

Apêndice L – Teste de multicolinearidade (FIV): persistência do fluxo de caixa (continuação)		
Dimensão utilizada	Variável	FIV ¹
China	<i>FCO_{i,t-1}</i>	3,3520
	<i>IFRS</i>	1,3582
	<i>FCO_{i,t-1}*IFRS</i>	3,5613
	<i>T_{i,t}</i>	1,1108
	<i>Div_{i,t}</i>	1,0776
	<i>G_{i,t}</i>	1,0208

(1) $FIV = 1/(1-R^2)$, sendo valor superior a 10 indicador de forte colinearidade.

Apêndice M – Estatística descritiva: conservadorismo contábil							
País	Variável	Média	Mediana	Máximo	Mínimo	Desvio-padrão	n
Alemanha	$LL_{it}/VM_{i,t-1}$	0,0129	0,0423	6,1699	-5,5377	0,4427	5060
	DR_{it}	0,5279	1,0000	1,0000	0,0000	0,4993	5060
	R_{it}	0,0687	-0,0263	6,5947	-0,9878	0,6671	5060
	$IFRS$	0,6158	1,0000	1,0000	0,0000	0,4865	5060
	$DR_{it} * R_{it}$	-0,1792	-0,0263	0,0000	-0,9878	0,2437	5060
	$DR_{it} * R_{it} * IFRS$	-0,0871	0,0000	0,0000	-0,9389	0,1796	5060
	$T_{i,t}$	12,0395	11,7568	19,3847	6,4520	2,1814	5060
	$Div_{i,t}$	0,2265	0,1864	3,7510	0,0000	0,2345	5060
	$G_{i,t}$	1,1922	1,0958	17,8948	-0,2040	0,8315	5060
	$FCO_{i,t}$	0,0463	0,0610	1,5068	-2,0998	0,1735	5060
França	$LL_{it}/VM_{i,t-1}$	0,0402	0,0537	4,7909	-4,8400	0,2958	4984
	DR_{it}	0,4827	0,0000	1,0000	0,0000	0,4998	4984
	R_{it}	0,0979	0,0109	6,7011	-0,9685	0,6101	4984
	$IFRS$	0,6164	1,0000	1,0000	0,0000	0,4863	4984
	$DR_{it} * R_{it}$	-0,1410	0,0000	0,0000	-0,9685	0,2069	4984
	$DR_{it} * R_{it} * IFRS$	-0,0809	0,0000	0,0000	-0,8808	0,1670	4984
	$T_{i,t}$	12,3905	11,9827	19,2912	4,9628	2,3373	4984
	$Div_{i,t}$	0,2199	0,1976	2,5379	0,0000	0,1834	4984
	$G_{i,t}$	1,0671	0,9967	6,5620	-0,6525	0,6052	4984
	$FCO_{i,t}$	0,0671	0,0706	1,1840	-2,6207	0,1302	4984
Itália	$LL_{it}/VM_{i,t-1}$	0,0249	0,0358	6,5317	-6,8251	0,8159	1767
	DR_{it}	0,5490	1,0000	1,0000	0,0000	0,4977	1767
	R_{it}	0,0430	-0,0422	3,8184	-0,8267	0,5293	1767
	$IFRS$	0,6695	1,0000	1,0000	0,0000	0,4705	1767
	$DR_{it} * R_{it}$	-0,1552	-0,0422	0,0000	-0,8267	0,2000	1767
	$DR_{it} * R_{it} * IFRS$	-0,1019	0,0000	0,0000	-0,8267	0,1786	1767
	$T_{i,t}$	13,1069	12,7717	18,9141	7,4748	1,8719	1767
	$Div_{i,t}$	0,2872	0,2911	1,1617	0,0000	0,1687	1767
	$G_{i,t}$	0,7540	0,7199	4,0951	0,0000	0,4510	1767
	$FCO_{i,t}$	0,0511	0,0553	0,8874	-0,9754	0,1002	1767
Reino Unido	$LL_{it}/VM_{i,t-1}$	-0,0166	0,0452	6,5630	-6,9006	0,4056	9697
	DR_{it}	0,5006	1,0000	1,0000	0,0000	0,5000	9697
	R_{it}	0,0908	-0,0022	6,7457	-1,0000	0,6474	9697
	$IFRS$	0,6503	1,0000	1,0000	0,0000	0,4769	9697
	$DR_{it} * R_{it}$	-0,1697	-0,0022	0,0000	-1,0000	0,2363	9697
	$DR_{it} * R_{it} * IFRS$	-0,1149	0,0000	0,0000	-1,0000	0,2116	9697
	$T_{i,t}$	11,2865	11,1185	19,2059	1,7918	2,4102	9697
	$Div_{i,t}$	0,1837	0,1318	4,9404	0,0000	0,2382	9697
	$G_{i,t}$	0,9818	0,8817	3,9794	-0,0664	0,7886	9697
	$FCO_{i,t}$	0,0157	0,0630	3,5727	-3,9215	0,3042	9697

(...continua)

Apêndice M – Estatística descritiva: conservadorismo contábil (continuação)							
País	Variável	Média	Mediana	Máximo	Mínimo	Desvio-padrão	n
África do Sul	$LL_{it}/VM_{i,t-1}$	0,0983	0,0998	3,9412	-3,9248	0,4336	2522
	DR_{it}	0,4187	0,0000	1,0000	0,0000	0,4934	2522
	R_{it}	0,1547	0,0773	4,6000	-1,0000	0,6328	2522
	$IFRS$	0,6027	1,0000	1,0000	0,0000	0,4894	2522
	$DR_{it} * R_{it}$	-0,1472	0,0000	0,0000	-1,0000	0,2288	2522
	$DR_{it} * R_{it} * IFRS$	-0,0815	0,0000	0,0000	-0,9600	0,1825	2522
	$T_{i,t}$	13,6853	13,7126	19,0092	4,8675	2,2023	2522
	$Div_{i,t}$	0,1802	0,1405	1,8762	0,0000	0,1859	2522
	$G_{i,t}$	1,3023	1,1976	5,9311	0,0000	0,9366	2522
	$FCO_{i,t}$	0,1092	0,0987	1,8738	-1,9074	0,1705	2522
Brasil	$LL_{it}/VM_{i,t-1}$	0,0999	0,1010	6,9590	-6,9310	1,0945	1267
	R_{it}	0,2731	0,0557	6,9552	-0,9553	0,8122	1267
	$IFRS$	0,6622	1,0000	1,0000	0,0000	0,4731	1267
	$DR_{it} * R_{it}$	-0,1096	0,0000	0,0000	-0,9553	0,2007	1267
	$DR_{it} * R_{it} * IFRS$	-0,0910	0,0000	0,0000	-0,9553	0,1868	1267
	$T_{i,t}$	14,0395	14,1796	20,1975	5,3132	2,0694	1267
	$Div_{i,t}$	0,2928	0,2701	2,9533	0,0000	0,2636	1267
	$G_{i,t}$	0,7495	0,6657	3,9104	0,0000	0,5541	1267
	$FCO_{i,t}$	0,0798	0,0859	0,8668	-0,9877	0,1520	1267
China	$LL_{it}/VM_{i,t-1}$	0,0279	0,0234	2,4680	-1,5219	0,0869	6184
	DR_{it}	0,5024	1,0000	1,0000	0,0000	0,5000	6184
	R_{it}	0,2442	-0,0035	4,9682	-0,8366	0,8252	6184
	$IFRS$	0,5875	1,0000	1,0000	0,0000	0,4923	6184
	$DR_{it} * R_{it}$	-0,1271	-0,0035	0,0000	-0,8366	0,1696	6184
	$DR_{it} * R_{it} * IFRS$	-0,0476	0,0000	0,0000	-0,6450	0,1129	6184
	$T_{i,t}$	14,7831	14,6297	21,3741	9,6006	1,2629	6184
	$Div_{i,t}$	0,2887	0,2824	1,9559	0,0000	0,1884	6184
	$G_{i,t}$	0,6973	0,5770	3,8006	0,0000	0,5098	6184
$FCO_{i,t}$	0,0583	0,0540	0,9620	-0,7848	0,1138	6184	

Apêndice N – Teste de raiz unitária (estacionariedade): conservadorismo contábil			
País	Variável	Estatística IPS	<i>p-value</i>
Alemanha	$LL_{it}/VM_{i,t-1}$	-26,3369	0,0000
	R_{it}	-28,3370	0,0000
	$DR_{it}*R_{it}$	-1,9E+14	0,0000
	$DR_{it}*R_{it}*IFRS$	-1,6888	0,0456
	$T_{i,t}$	-26,5958	0,0000
	$Div_{i,t}$	-5,8E+14	0,0000
	$G_{i,t}$	-23,6604	0,0000
	$FCO_{i,t}$	-43,3441	0,0000
França	$LL_{it}/VM_{i,t-1}$	-31,0358	0,0000
	R_{it}	-30,1849	0,0000
	$DR_{it}*R_{it}$	-29,9078	0,0000
	$DR_{it}*R_{it}*IFRS$	-14,7288	0,0000
	$T_{i,t}$	-9,2700	0,0000
	$Div_{i,t}$	-654,0740	0,0000
	$G_{i,t}$	-12,4124	0,0000
	$FCO_{i,t}$	-24,9977	0,0000
Itália	$LL_{it}/VM_{i,t-1}$	-24,6769	0,0000
	R_{it}	-13,7509	0,0000
	$DR_{it}*R_{it}$	-13,4483	0,0000
	$DR_{it}*R_{it}*IFRS$	-18,2583	0,0000
	$T_{i,t}$	-7,6048	0,0000
	$Div_{i,t}$	-6,3306	0,0000
	$G_{i,t}$	-8,4644	0,0000
	$FCO_{i,t}$	-18,7358	0,0000
Reino Unido	$LL_{it}/VM_{i,t-1}$	-15,1119	0,0000
	R_{it}	-34,8169	0,0000
	$DR_{it}*R_{it}$	-26,3808	0,0000
	$DR_{it}*R_{it}*IFRS$	-2,5E+14	0,0000
	$T_{i,t}$	-26,6249	0,0000
	$Div_{i,t}$	-9,1E+14	0,0000
	$G_{i,t}$	-11,6150	0,0000
	$FCO_{i,t}$	-50,0035	0,0000
África do Sul	$LL_{it}/VM_{i,t-1}$	-15,5030	0,0000
	R_{it}	-19,8750	0,0000
	$DR_{it}*R_{it}$	-19,0355	0,0000
	$DR_{it}*R_{it}*IFRS$	-5,7241	0,0000
	$T_{i,t}$	-5,7401	0,0000
	$Div_{i,t}$	-19,0389	0,0000
	$G_{i,t}$	-9,3155	0,0000
	$FCO_{i,t}$	-12,8366	0,0000

(...continua)

Apêndice N – Teste de raiz unitária (estacionariedade): conservadorismo contábil (continuação)			
País	Variável	Estatística IPS	<i>p-value</i>
Brasil	$LL_{it}/VM_{i,t-1}$	-29,0860	0,0000
	R_{it}	-16,7713	0,0000
	$DR_{it}*R_{it}$	-10,2872	0,0000
	$DR_{it}*R_{it}*IFRS$	-7,4155	0,0000
	$T_{i,t}$	-10,5236	0,0000
	$Div_{i,t}$	-40,2077	0,0000
	$G_{i,t}$	-7,6089	0,0000
	$FCO_{i,t}$	-22,2483	0,0000
China	$LL_{it}/VM_{i,t-1}$	-16,6660	0,0000
	R_{it}	-17,5629	0,0000
	$DR_{it}*R_{it}$	-1,2E+15	0,0000
	$DR_{it}*R_{it}*IFRS$	-11,1777	0,0000
	$T_{i,t}$	1,2919	0,0000
	$Div_{i,t}$	-13,0807	0,0000
	$G_{i,t}$	-15,4095	0,0000
	$FCO_{i,t}$	-24,7596	0,0000

Apêndice O – Teste de multicolinearidade (FIV): conservadorismo contábil		
Dimensão utilizada	Variável	FIV ¹
Alemanha	DR_{it}	2,3146
	R_{it}	1,9670
	$IFRS$	1,6791
	$DR_{it} * R_{it}$	3,0283
	$DR_{it} * R_{it} * IFRS$	2,3588
	$T_{i,t}$	1,1361
	$Div_{i,t}$	1,0643
	$G_{i,t}$	1,0502
	$FCO_{i,t}$	1,1126
França	DR_{it}	2,2833
	R_{it}	1,8121
	$IFRS$	1,5094
	$DR_{it} * R_{it}$	3,3926
	$DR_{it} * R_{it} * IFRS$	2,6938
	$T_{i,t}$	1,1548
	$Div_{i,t}$	1,0958
	$G_{i,t}$	1,0953
	$FCO_{i,t}$	1,0489
Itália	DR_{it}	2,3695
	R_{it}	2,1741
	$IFRS$	1,6474
	$DR_{it} * R_{it}$	4,4869
	$DR_{it} * R_{it} * IFRS$	3,6526
	$T_{i,t}$	1,1478
	$Div_{i,t}$	1,1375
	$G_{i,t}$	1,0360
	$FCO_{i,t}$	1,0981
Reino Unido	DR_{it}	2,3967
	R_{it}	2,0644
	$IFRS$	1,5164
	$DR_{it} * R_{it}$	4,5703
	$DR_{it} * R_{it} * IFRS$	3,6807
	$T_{i,t}$	1,2558
	$Div_{i,t}$	1,0554
	$G_{i,t}$	1,0779
	$FCO_{i,t}$	1,2534

(...continua)

Apêndice O – Teste de multicolinearidade (FIV): conservadorismo contábil (continuação)		
Dimensão utilizada	Variável	FIV ¹
África do Sul	DR_{it}	2,7053
	R_{it}	2,0812
	$IFRS$	1,4550
	$DR_{it} * R_{it}$	3,9633
	$DR_{it} * R_{it} * IFRS$	2,6109
	$T_{i,t}$	1,1304
	$Div_{i,t}$	1,1138
	$G_{i,t}$	1,0646
	$FCO_{i,t}$	1,1388
	Brasil	DR_{it}
R_{it}		1,4407
$IFRS$		1,2923
$DR_{it} * R_{it}$		6,7309
$DR_{it} * R_{it} * IFRS$		5,5429
$T_{i,t}$		1,1258
$Div_{i,t}$		1,0187
$G_{i,t}$		1,0337
$FCO_{i,t}$		1,1236
China		DR_{it}
	R_{it}	1,7103
	$IFRS$	2,0042
	$DR_{it} * R_{it}$	2,8437
	$DR_{it} * R_{it} * IFRS$	2,1929
	$T_{i,t}$	1,1411
	$Div_{i,t}$	1,0877
	$G_{i,t}$	1,0350
	$FCO_{i,t}$	1,0676

(1) $FIV = 1/(1-R^2)$, sendo valor superior a 10 indicador de forte colinearidade.

Apêndice P – Estatística descritiva: Gerenciamento de Resultados - Modelo Pae (2005)

País	Variável	Média	Mediana	Máximo	Mínimo	Desvio-padrão	n
Alemanha	TA_{it}	-0,0408	-0,0480	1,6279	-1,6807	0,1862	5326
	I/A_{it}	0,00003	0,00001	0,00249	0,00000	0,00009	5326
	R_{it}	0,0917	0,0533	3,7031	-1,0021	0,3574	5326
	PPE_{it}	0,2425	0,2009	0,9950	0,0000	0,2062	5326
	INT_{it}	0,1551	0,0862	0,9861	-0,2017	0,1787	5326
	FCO_{it}	0,0535	0,0674	1,9536	-2,1720	0,1755	5326
	$FCO_{i,t-1}$	0,0486	0,0678	1,9157	-3,7219	0,2221	5326
	$TA_{i,t-1}$	-0,0323	-0,0460	1,7167	-1,7379	0,2181	5326
	T_{it}	12,2022	11,8628	19,3847	6,2634	2,2690	5326
	E_{it}	0,2135	0,1778	3,6081	0,0000	0,2151	5326
G_{it}	1,2626	1,1353	31,1221	-0,0002	0,8944	5326	
França	TA_{it}	-0,0313	-0,0390	3,7906	-2,6124	0,1907	4895
	I/A_{it}	0,00003	0,00001	0,00575	0,00000	0,00012	4895
	R_{it}	0,0981	0,0599	3,7654	-1,0000	0,3004	4895
	PPE_{it}	0,1917	0,1319	0,9998	0,0000	0,1846	4895
	INT_{it}	0,1969	0,1406	0,9972	0,0000	0,1860	4895
	FCO_{it}	0,0692	0,0714	2,1415	-2,6207	0,1387	4895
	$FCO_{i,t-1}$	0,0708	0,0732	2,1415	-2,9089	0,1632	4895
	$TA_{i,t-1}$	-0,0237	-0,0377	3,7906	-2,6124	0,2242	4895
	T_{it}	12,3686	11,9726	19,2912	5,0876	2,3883	4895
	E_{it}	0,2103	0,1871	2,5379	0,0000	0,1812	4895
G_{it}	1,0957	1,0178	6,5620	-0,6525	0,6083	4895	
Itália	TA_{it}	-0,0313	-0,0343	0,8715	-0,7732	0,1286	1859
	I/A_{it}	0,00001	0,00000	0,00079	0,00000	0,00003	1859
	R_{it}	0,0912	0,0587	3,2582	-0,9946	0,3031	1859
	PPE_{it}	0,2635	0,2156	0,9859	0,0004	0,2075	1859
	INT_{it}	0,1804	0,1162	0,8969	0,0000	0,1858	1859
	FCO_{it}	0,0495	0,0569	0,5480	-0,9902	0,1050	1859
	$FCO_{i,t-1}$	0,0536	0,0589	0,6607	-0,9902	0,1116	1859
	$TA_{i,t-1}$	-0,0222	-0,0316	0,9327	-0,7384	0,1475	1859
	T_{it}	13,0357	12,7203	18,9141	8,3839	1,8979	1859
	E_{it}	0,2728	0,2821	1,1617	0,0000	0,1587	1859
G_{it}	0,8156	0,7603	4,0951	0,0056	0,4462	1859	

(...continua)

Apêndice P – Estatística descritiva: Gerenciamento de Resultados - Modelo Pae (2005) (continuação)

País	Variável	Média	Mediana	Máximo	Mínimo	Desvio-padrão	n
Reino Unido	TA_{it}	-0,0388	-0,0404	0,9719	-0,9887	0,1573	8106
	I/A_{it}	0,00009	0,00001	0,01370	0,00000	0,00028	8106
	R_{it}	0,1336	0,0714	4,9492	-1,0000	0,4810	8106
	PPE_{it}	0,2629	0,1857	0,9998	0,0000	0,2461	8106
	INT_{it}	0,2226	0,1318	0,9966	-0,0001	0,2424	8106
	FCO_{it}	0,0470	0,0764	2,9164	-2,6978	0,2340	8106
	$FCO_{i,t-1}$	0,0443	0,0783	3,3355	-3,7385	0,2725	8106
	$TA_{i,t-1}$	-0,0308	-0,0386	0,9949	-0,9836	0,1807	8106
	T_{it}	11,4731	11,2614	24,0242	1,0986	2,4371	8106
	E_{it}	0,1820	0,1358	4,9404	0,0000	0,2285	8106
G_{it}	1,1412	1,0276	3,9870	0,0000	0,7666	8106	
África do Sul	TA_{it}	-0,0206	-0,0279	1,7577	-1,0919	0,1722	2163
	I/A_{it}	0,00001	0,00000	0,00532	0,00000	0,00012	2163
	R_{it}	0,1318	0,1112	3,9547	-1,0000	0,3481	2163
	PPE_{it}	0,3122	0,2436	0,9478	0,0000	0,2371	2163
	INT_{it}	0,1030	0,0300	0,9736	-0,0011	0,1631	2163
	FCO_{it}	0,1214	0,1095	1,2362	-0,4905	0,1434	2163
	$FCO_{i,t-1}$	0,1289	0,1136	1,6441	-0,7806	0,1707	2163
	$TA_{i,t-1}$	-0,0075	-0,0253	1,8277	-1,4096	0,2084	2163
	T_{it}	13,9744	14,0494	19,0092	5,9402	2,1637	2163
	E_{it}	0,1700	0,1373	1,8762	0,0000	0,1702	2163
G_{it}	1,4698	1,3486	5,9311	0,0000	0,8954	2163	
Brasil	TA_{it}	0,0188	-0,0054	0,9982	-0,8417	0,1791	1127
	I/A_{it}	0,000004	0,000001	0,000136	0,000000	0,000012	1127
	R_{it}	0,0860	0,0978	1,0000	-1,7585	0,2457	1127
	PPE_{it}	0,3750	0,3708	0,9926	0,0000	0,2541	1127
	INT_{it}	0,1003	0,0167	0,9861	0,0000	0,1758	1127
	FCO_{it}	0,0879	0,0926	0,9535	-0,9877	0,1456	1127
	$FCO_{i,t-1}$	0,0930	0,0991	0,9535	-0,9877	0,1612	1127
	$TA_{i,t-1}$	0,0212	-0,0101	0,9982	-0,9624	0,2026	1127
	T_{it}	14,2012	14,2332	20,1975	8,4834	1,8413	1127
	E_{it}	0,3034	0,2775	2,9139	0,0000	0,2595	1127
G_{it}	0,8178	0,7211	4,1624	0,0002	0,5626	1127	

(...continua)

Apêndice P – Estatística descritiva: Gerenciamento de Resultados - Modelo Pae (2005) (continuação)

País	Variável	Média	Mediana	Máximo	Mínimo	Desvio-padrão	n
China	TA_{it}	-0,0040	-0,0109	0,9999	-0,9602	0,1540	6289
	I/A_{it}	0,000001	0,000001	0,000038	0,000000	0,000001	6289
	R_{it}	0,1961	0,1567	3,8300	-1,0000	0,4068	6289
	PPE_{it}	0,3862	0,3474	1,3872	-0,0740	0,2396	6289
	INT_{it}	0,0515	0,0283	0,9883	0,0000	0,0785	6289
	FCO_{it}	0,0596	0,0539	0,9876	-0,7759	0,1081	6289
	$FCO_{i,t-1}$	0,0656	0,0586	0,9876	-0,9781	0,1150	6289
	$TA_{i,t-1}$	-0,0032	-0,0117	0,9999	-0,9602	0,1628	6289
	T_{it}	14,7997	14,6101	21,3741	9,6006	1,3176	6289
	E_{it}	0,2798	0,2747	1,9559	0,0000	0,1864	6289
	G_{it}	0,7145	0,5956	3,8006	0,0000	0,5002	6289

Apêndice Q – Teste de raiz unitária (estacionariedade): Gerenciamento de Resultados - Modelo Pae (2005)

País	Variável	Estatística IPS	<i>p-value</i>
Alemanha	TA_{it}	-41,1362	0,0000
	I/A_{it}	-3495,6300	0,0000
	R_{it}	-43,4497	0,0000
	PPE_{it}	-28,7981	0,0000
	INT_{it}	-95887,1000	0,0000
	FCO_{it}	-870,8570	0,0000
	$FCO_{i,t-1}$	-55,3321	0,0000
	$TA_{i,t-1}$	-33,4593	0,0000
	T_{it}	-28,8809	0,0000
	E_{it}	-16,6273	0,0000
	G_{it}	-27,6654	0,0000
	França	TA_{it}	-32,6550
I/A_{it}		-308,9470	0,0000
R_{it}		-26,3256	0,0000
PPE_{it}		-25,2948	0,0000
INT_{it}		-25,1188	0,0000
FCO_{it}		-24,1164	0,0000
$FCO_{i,t-1}$		-25,9023	0,0000
$TA_{i,t-1}$		-29,8001	0,0000
T_{it}		-7,3905	0,0000
E_{it}		-36,0551	0,0000
G_{it}		-15,0623	0,0000
Itália		TA_{it}	-19,1363
	I/A_{it}	-121,3120	0,0000
	R_{it}	-13,3217	0,0000
	PPE_{it}	-7,4226	0,0000
	INT_{it}	-5,2924	0,0000
	FCO_{it}	-16,6138	0,0000
	$FCO_{i,t-1}$	-13,1936	0,0000
	$TA_{i,t-1}$	-16,9422	0,0000
	T_{it}	-2,3345	0,0098
	E_{it}	-3,6945	0,0001
G_{it}	-11,6661	0,0000	

(...continua)

Apêndice Q – Teste de raiz unitária (estacionariedade): Gerenciamento de Resultados - Modelo Pae (2005) (continuação)

País	Variável	Estatística IPS	<i>p-value</i>
Reino Unido	TA_{it}	-322,5720	0,0000
	I/A_{it}	-6486,6700	0,0000
	R_{it}	-40,4499	0,0000
	PPE_{it}	-2,9E+14	0,0000
	INT_{it}	-79,3393	0,0000
	FCO_{it}	-48,4771	0,0000
	$FCO_{i,t-1}$	-121,5610	0,0000
	$TA_{i,t-1}$	-54,5472	0,0000
	T_{it}	-33,8056	0,0000
	E_{it}	-277,5680	0,0000
	G_{it}	-6,6E+14	0,0000
	África do Sul	TA_{it}	-21,0338
I/A_{it}		-36,3664	0,0000
R_{it}		-20,9097	0,0000
PPE_{it}		-14,8008	0,0000
INT_{it}		-17,9504	0,0000
FCO_{it}		-19,3579	0,0000
$FCO_{i,t-1}$		-12,9508	0,0000
$TA_{i,t-1}$		-16,9990	0,0000
T_{it}		-3,6339	0,0000
E_{it}		-8,0639	0,0000
G_{it}		-11,2101	0,0000
Brasil		TA_{it}	-13,3212
	I/A_{it}	-246,6590	0,0000
	R_{it}	-11,0684	0,0000
	PPE_{it}	-1,9239	0,0000
	INT_{it}	-1,7069	0,0439
	FCO_{it}	-8,3539	0,0000
	$FCO_{i,t-1}$	-9,6798	0,0000
	$TA_{i,t-1}$	-14,8854	0,0000
	T_{it}	-14,5699	0,0000
	E_{it}	-10,2859	0,0000
	G_{it}	-3,5136	0,0000

(...continua)

Apêndice Q – Teste de raiz unitária (estacionariedade): Gerenciamento de Resultados - Modelo Pae (2005) (continuação)

País	Variável	Estatística IPS	<i>p-value</i>
China	TA_{it}	-30,5740	0,0000
	I/A_{it}	-2011,3700	0,0000
	R_{it}	-45,1488	0,0000
	PPE_{it}	-7,9822	0,0000
	INT_{it}	-266,6070	0,0000
	FCO_{it}	-20,5210	0,0000
	$FCO_{i,t-1}$	-20,8148	0,0000
	$TA_{i,t-1}$	-27,7510	0,0000
	T_{it}	1,2919	0,0000
	E_{it}	-9,8755	0,0000
	G_{it}	-12,3359	0,0000

Apêndice R – Teste de multicolinearidade (FIV): Gerenciamento de Resultados - Modelo Pae (2005)

País	Variável	FIV ¹
Alemanha	I/A_{it}	1,2398
	R_{it}	1,0753
	PPE_{it}	1,4101
	INT_{it}	1,2182
	FCO_{it}	1,4089
	$FCO_{i,t-1}$	1,4597
	$TA_{i,t-1}$	1,0783
	T_{it}	1,3461
	E_{it}	1,2142
	G_{it}	1,0722
França	I/A_{it}	1,1389
	R_{it}	1,0939
	PPE_{it}	1,4366
	INT_{it}	1,3377
	FCO_{it}	1,2459
	$FCO_{i,t-1}$	1,3598
	$TA_{i,t-1}$	1,2251
	T_{it}	1,3809
	E_{it}	1,2125
	G_{it}	1,2091
Itália	I/A_{it}	1,3302
	R_{it}	1,2066
	PPE_{it}	1,4707
	INT_{it}	1,4095
	FCO_{it}	1,3622
	$FCO_{i,t-1}$	1,3912
	$TA_{i,t-1}$	1,1714
	T_{it}	1,4585
	E_{it}	1,1993
	G_{it}	1,1806
Reino Unido	I/A_{it}	1,4483
	R_{it}	1,0582
	PPE_{it}	1,5149
	INT_{it}	1,3739
	FCO_{it}	1,9186
	$FCO_{i,t-1}$	1,6982
	$TA_{i,t-1}$	1,0419
	T_{it}	1,4726
	E_{it}	1,1248
	G_{it}	1,2052

(...continua)

Apêndice R – Teste de multicolinearidade (FIV): Gerenciamento de Resultados - Modelo Pae (2005)
(continuação)

País	Variável	FIV ¹
África do Sul	I/A_{it}	1,0643
	R_{it}	1,1895
	PPE_{it}	1,5031
	INT_{it}	1,1941
	FCO_{it}	1,4108
	$FCO_{i,t-1}$	1,3361
	$TA_{i,t-1}$	1,1372
	T_{it}	1,1825
	E_{it}	1,1500
	G_{it}	1,2432
Brasil	I/A_{it}	1,5406
	R_{it}	1,1179
	PPE_{it}	1,2648
	INT_{it}	1,2348
	FCO_{it}	1,3800
	$FCO_{i,t-1}$	1,4750
	$TA_{i,t-1}$	1,1955
	T_{it}	1,7929
	E_{it}	1,0438
	G_{it}	1,1668
China	I/A_{it}	1,5916
	R_{it}	1,0639
	PPE_{it}	1,2980
	INT_{it}	1,0361
	FCO_{it}	1,2615
	$FCO_{i,t-1}$	1,4143
	$TA_{i,t-1}$	1,2216
	T_{it}	1,7153
	E_{it}	1,2074
	G_{it}	1,0958

(1) $FIV = 1/(1-R^2)$, sendo valor superior a 10 indicador de forte colinearidade.

Apêndice S – Estatística descritiva: Gerenciamento de Resultados (Modelo Paulo - 2007)							
País	Variável	Média	Mediana	Máximo	Mínimo	Desvio-padrão	n
Alemanha	TA_{it}	-0,0366	-0,0463	1,8832	-1,2339	0,1727	3898
	R_{it}	1,3190	1,1743	6,9289	-0,0002	0,8414	3898
	PPE_{it}	0,2623	0,2341	0,9950	0,0000	0,2008	3898
	INT_{it}	0,1475	0,0830	0,9726	-0,2017	0,1719	3898
	FCO_{it}	0,0665	0,0739	1,1567	-1,8200	0,1501	3898
	E_{it}	0,0196	0,0331	1,1416	-1,9228	0,1441	3898
	E^2_{it}	0,0211	0,0025	3,6973	0,0000	0,1146	3898
	$\Delta E_{i,t-1}$	-0,1174	-0,0107	29,6408	-29,4694	3,4437	3898
	$D\Delta E_{i,t-1}$	0,5056	1,0000	1,0000	0,0000	0,5000	3898
	$\Delta E_{i,t-1} * D\Delta E_{i,t-1}$	-0,7959	-0,0107	0,0000	-29,4694	2,4733	3898
	$TA_{i,t-1}$	-0,0335	-0,0459	1,7167	-1,6993	0,1993	3898
	Ab_Prod_{it}	0,0785	0,0496	8,1668	-0,9975	0,3360	3898
	Ab_DO_{it}	0,0977	0,0518	9,3569	-0,9996	0,4761	3898
	Ab_FCO_{it}	-0,0862	-0,0793	29,5648	-29,8630	2,9728	3898
	T_{it}	12,9079	12,4528	19,3847	6,5944	2,1962	3898
	End_{it}	0,2159	0,1897	1,3897	0,0000	0,1895	3898
	G_{it}	1,2376	1,1315	6,5594	-0,0002	0,7401	3898
França	TA_{it}	-0,0338	-0,0395	1,6004	-1,2023	0,1508	3532
	R_{it}	1,1412	1,0577	4,7581	0,0000	0,6292	3532
	PPE_{it}	0,2024	0,1520	0,9998	0,0000	0,1805	3532
	INT_{it}	0,2020	0,1500	0,9972	0,0000	0,1848	3532
	FCO_{it}	0,0742	0,0741	1,2311	-1,4232	0,1146	3532
	E_{it}	0,0304	0,0369	1,2367	-1,3892	0,1074	3532
	E^2_{it}	0,0125	0,0022	1,9298	0,0000	0,0616	3532
	$\Delta E_{i,t-1}$	-0,0915	0,0215	18,9753	-19,4993	2,3514	3532
	$D\Delta E_{i,t-1}$	0,4799	0,0000	1,0000	0,0000	0,4997	3532
	$\Delta E_{i,t-1} * D\Delta E_{i,t-1}$	-0,6066	0,0000	0,0000	-19,4993	1,5776	3532
	$TA_{i,t-1}$	-0,0296	-0,0397	1,6262	-1,2023	0,1695	3532
	Ab_Prod_{it}	0,0881	0,0515	7,9600	-0,9478	0,3822	3532
	Ab_DO_{it}	0,0721	0,0487	5,0923	-13,1477	0,3326	3532
	Ab_FCO_{it}	-0,0508	-0,0617	27,8750	-28,9667	3,0426	3532
	T_{it}	12,8855	12,5125	19,2912	6,5454	2,3421	3532
	End_{it}	0,2196	0,2033	1,5934	0,0000	0,1611	3532
	G_{it}	1,0634	0,9965	4,8594	0,0000	0,5584	3532

Apêndice S – Estatística descritiva: Gerenciamento de Resultados (Modelo Paulo - 2007) (continuação)							
País	Variável	Média	Mediana	Máximo	Mínimo	Desvio-padrão	n
Itália	TA_{it}	-0,0324	-0,0355	0,4216	-0,4718	0,1133	1412
	R_{it}	0,7439	0,7334	2,7219	0,0000	0,3303	1412
	PPE_{it}	0,2743	0,2224	0,9859	0,0000	0,2107	1412
	INT_{it}	0,1921	0,1280	0,8969	0,0000	0,1909	1412
	FCO_{it}	0,0487	0,0550	0,5273	-0,9181	0,0974	1412
	E_{it}	0,0022	0,0187	0,3087	-1,0061	0,1005	1412
	E^2_{it}	0,0101	0,0013	1,0122	0,0000	0,0489	1412
	$\Delta E_{i,t-1}$	-0,1053	-0,0574	19,9936	-19,7324	2,7867	1412
	$D\Delta E_{i,t-1}$	0,5368	1,0000	1,0000	0,0000	0,4988	1412
	$\Delta E_{i,t-1} * D\Delta E_{i,t-1}$	-0,7223	-0,0574	0,0000	-19,7324	1,8146	1412
	Ab_Prod_{it}	-0,0229	-0,0326	0,9327	-0,6953	0,1446	1412
	Ab_DO_{it}	0,0795	0,0276	9,1304	-0,7996	0,4835	1412
	Ab_FCO_{it}	0,1110	0,0296	22,5382	-19,1584	1,5607	1412
	$TA_{i,t-1}$	-0,1569	-0,1622	28,0908	-28,6742	3,4762	1412
	T_{it}	13,1465	12,7448	18,9141	8,7872	1,9490	1412
	End_{it}	0,2817	0,2897	0,8646	0,0000	0,1524	1412
	G_{it}	0,6988	0,7129	1,2493	0,0000	0,2752	1412
Reino Unido	TA_{it}	-0,0342	-0,0371	1,8862	-2,2456	0,1874	5226
	R_{it}	1,1818	1,0374	9,6570	0,0000	0,9959	5226
	PPE_{it}	0,2438	0,1570	0,9998	0,0000	0,2466	5226
	INT_{it}	0,2417	0,1561	0,9998	0,0000	0,2527	5226
	FCO_{it}	0,0331	0,0679	2,4744	-2,0848	0,2336	5226
	E_{it}	-0,0221	0,0375	1,6484	-1,7236	0,2599	5226
	E^2_{it}	0,0680	0,0068	2,9710	0,0000	0,2406	5226
	$\Delta E_{i,t-1}$	-0,1214	-0,0037	19,9737	-19,8750	2,7207	5226
	$D\Delta E_{i,t-1}$	0,5017	1,0000	1,0000	0,0000	0,5000	5226
	$\Delta E_{i,t-1} * D\Delta E_{i,t-1}$	-0,7141	-0,0037	0,0000	-19,8750	1,9126	5226
	$TA_{i,t-1}$	-0,0312	-0,0360	2,9369	-2,6774	0,2647	5226
	Ab_Prod_{it}	0,4246	0,0864	28,0000	-0,9996	1,8856	5226
	Ab_DO_{it}	0,2242	0,0807	29,3235	-2,2830	0,8780	5226
	Ab_FCO_{it}	-0,0734	-0,0467	29,4866	-29,8261	2,9318	5226
	T_{it}	11,2281	11,0451	24,0242	2,8904	2,4216	5226
	End_{it}	0,1802	0,1235	12,7109	0,0000	0,3277	5226
	G_{it}	1,0893	0,9676	8,2986	0,0000	0,8715	5226

(...continua)

Apêndice S – Estatística descritiva: Gerenciamento de Resultados (Modelo Paulo - 2007) (continuação)							
País	Variável	Média	Mediana	Máximo	Mínimo	Desvio-padrão	n
África do Sul	TA_{it}	-0,0182	-0,0253	1,7577	-0,8828	0,1508	1231
	R_{it}	1,4416	1,3729	3,4762	0,0000	0,7784	1231
	PPE_{it}	0,3442	0,2842	0,9589	0,0000	0,2394	1231
	INT_{it}	0,0947	0,0307	0,9736	0,0000	0,1525	1231
	FCO_{it}	0,1334	0,1180	1,1017	-0,4724	0,1347	1231
	E_{it}	0,1040	0,0914	1,3272	-0,8141	0,1429	1231
	E^2_{it}	0,0312	0,0101	1,7615	0,0000	0,0841	1231
	$\Delta E_{i,t-1}$	0,0645	0,1046	17,9666	-16,9926	2,1618	1231
	$D\Delta E_{i,t-1}$	0,4216	0,0000	1,0000	0,0000	0,4940	1231
	$\Delta E_{i,t-1} * D\Delta E_{i,t-1}$	-0,4609	0,0000	0,0000	-16,9926	1,4441	1231
	$TA_{i,t-1}$	-0,0082	-0,0236	1,8277	-0,7612	0,1794	1231
	Ab_Prod_{it}	0,1408	0,1074	3,6586	-0,9936	0,3730	1231
	Ab_DO_{it}	0,1344	0,1109	2,7448	-0,9532	0,2830	1231
	Ab_FCO_{it}	0,1510	0,0612	21,5509	-25,9086	2,5068	1231
	T_{it}	15,0539	15,0800	19,0092	7,4900	1,6916	1231
	End_{it}	0,1741	0,1447	1,8762	0,0000	0,1693	1231
	G_{it}	1,2883	1,2155	3,4408	0,0000	0,6793	1231
Brasil	TA_{it}	0,0263	-0,0025	0,9982	-0,7868	0,1816	765
	R_{it}	0,9185	0,7881	3,9741	0,0000	0,6036	765
	PPE_{it}	0,3729	0,3708	0,9926	0,0000	0,2564	765
	INT_{it}	0,1246	0,0319	0,8759	0,0000	0,1873	765
	FCO_{it}	0,0943	0,0997	0,8547	-0,7217	0,1323	765
	E_{it}	0,0649	0,0628	0,9419	-0,6404	0,1103	765
	E^2_{it}	0,0164	0,0054	0,8872	0,0000	0,0470	765
	$\Delta E_{i,t-1}$	-0,0394	0,0241	17,6137	-19,1358	2,6338	765
	$D\Delta E_{i,t-1}$	0,4797	0,0000	1,0000	0,0000	0,4999	765
	$\Delta E_{i,t-1} * D\Delta E_{i,t-1}$	-0,6462	0,0000	0,0000	-19,1358	1,8027	765
	$TA_{i,t-1}$	0,0489	-0,0039	1,9254	-1,0460	0,2578	765
	Ab_Prod_{it}	0,2230	0,1268	8,4561	-0,9922	0,6025	765
	Ab_DO_{it}	0,1775	0,1197	3,3235	-0,9433	0,3325	765
	Ab_FCO_{it}	-0,0323	-0,0630	16,8225	-18,4018	2,4504	765
	T_{it}	14,7504	14,7004	20,1975	8,9046	1,6120	765
	End_{it}	0,3080	0,2981	2,8268	0,0000	0,2268	765
	G_{it}	0,7877	0,7092	3,6627	0,0000	0,5013	765

(...continua)

Apêndice S – Estatística descritiva: Gerenciamento de Resultados (Modelo Paulo - 2007) (continuação)							
País	Variável	Média	Mediana	Máximo	Mínimo	Desvio-padrão	n
China	TA_{it}	-0,0080	-0,0172	1,3050	-0,7086	0,1477	1629
	R_{it}	0,8520	0,6827	3,9206	0,0000	0,6382	1629
	PPE_{it}	0,4082	0,3494	0,9957	0,0000	0,2688	1629
	INT_{it}	0,0470	0,0216	0,9678	0,0000	0,0868	1629
	FCO_{it}	0,0773	0,0669	1,0671	-0,6614	0,1203	1629
	E_{it}	0,0496	0,0379	0,8221	-0,7528	0,0886	1629
	E^2_{it}	0,0103	0,0019	0,6759	0,0000	0,0394	1629
	$\Delta E_{i,t-1}$	0,0579	0,1013	16,5606	-19,0290	2,3902	1629
	$D\Delta E_{i,t-1}$	0,4199	0,0000	1,0000	0,0000	0,4937	1629
	$\Delta E_{i,t-1} * D\Delta E_{i,t-1}$	-0,5198	0,0000	0,0000	-19,0290	1,6613	1629
	$TA_{i,t-1}$	-0,0094	-0,0172	1,8664	-1,8518	0,1877	1629
	Ab_Prod_{it}	0,2656	0,1873	13,6815	-1,0000	0,7466	1629
	Ab_DO_{it}	0,2107	0,1745	5,5704	-2,2374	0,4261	1629
	Ab_FCO_{it}	-0,1109	-0,1046	19,1623	-19,6043	2,6834	1629
	T_{it}	15,8134	15,6933	21,3741	11,8206	1,4945	1629
	End_{it}	0,2717	0,2637	0,8357	0,0000	0,1852	1629
	G_{it}	0,7380	0,6137	3,5232	0,0000	0,5302	1629

Apêndice T – Teste de raiz unitária (estacionariedade): Gerenciamento de Resultados (Modelo Paulo - 2007)

País	Variável	Estatística IPS	<i>p-value</i>
Alemanha	TA_{it}	-46,3203	0,0000
	R_{it}	-27,1280	0,0000
	PPE_{it}	-30,4799	0,0000
	INT_{it}	-100708,0000	0,0000
	FCO_{it}	-35,8250	0,0000
	E_{it}	-27,2870	0,0000
	E^2_{it}	-139,0160	0,0000
	$\Delta E_{i,t-1}$	-40,6943	0,0000
	$D\Delta E_{i,t-1}$	-1,1E+15	0,0000
	$\Delta E_{i,t-1} * D\Delta E_{i,t-1}$	-25,8918	0,0000
	$TA_{i,t-1}$	-38,9034	0,0000
	Ab_Prod_{it}	-24,8362	0,0000
	Ab_DO_{it}	-35,7180	0,0000
	Ab_FCO_{it}	-32,3980	0,0000
	T_{it}	-28,5764	0,0000
	End_{it}	-8,5E+14	0,0000
	G_{it}	-18,9693	0,0000
	França	TA_{it}	-32,1854
R_{it}		-16,7181	0,0000
PPE_{it}		-20,1889	0,0000
INT_{it}		-14,6726	0,0000
FCO_{it}		-23,6742	0,0000
E_{it}		-19,9291	0,0000
E^2_{it}		-40,3135	0,0000
$\Delta E_{i,t-1}$		-31,3134	0,0000
$D\Delta E_{i,t-1}$		-1,4E+15	0,0000
$\Delta E_{i,t-1} * D\Delta E_{i,t-1}$		-68,6071	0,0000
$TA_{i,t-1}$		-28,9915	0,0000
Ab_Prod_{it}		-31,8723	0,0000
Ab_DO_{it}		-48,0632	0,0000
Ab_FCO_{it}		-43,3939	0,0000
T_{it}		-6,4054	0,0000
End_{it}		-636,9130	0,0000
G_{it}		-12,6301	0,0000

Apêndice T – Teste de raiz unitária (estacionariedade): Gerenciamento de Resultados (Modelo Paulo - 2007)
 (...continuação)

País	Variável	Estatística IPS	<i>p-value</i>
Itália	TA_{it}	-17,9083	0,0000
	R_{it}	-7,6057	0,0000
	PPE_{it}	-6,8761	0,0000
	INT_{it}	-4,3617	0,0000
	FCO_{it}	-13,3888	0,0000
	E_{it}	-9,1375	0,0000
	E^2_{it}	-22,0219	0,0000
	$\Delta E_{i,t-1}$	-16,2346	0,0000
	$D\Delta E_{i,t-1}$	-12,0559	0,0000
	$\Delta E_{i,t-1} * D\Delta E_{i,t-1}$	-39,4547	0,0000
	$TA_{i,t-1}$	-14,2408	0,0000
	Ab_Prod_{it}	-26,9624	0,0000
	Ab_DO_{it}	-34,1886	0,0000
	Ab_FCO_{it}	-21,6266	0,0000
	T_{it}	-2,0566	0,0000
	End_{it}	-3,6097	0,0000
	G_{it}	-6,3245	0,0000
	Reino Unido	TA_{it}	-331,0800
R_{it}		-270,2570	0,0000
PPE_{it}		-2,9E+14	0,0000
INT_{it}		-84,3119	0,0000
FCO_{it}		-50,8920	0,0000
E_{it}		-50,1945	0,0000
E^2_{it}		-178,8210	0,0000
$\Delta E_{i,t-1}$		-65,2038	0,0000
$D\Delta E_{i,t-1}$		-3,4E+15	0,0000
$\Delta E_{i,t-1} * D\Delta E_{i,t-1}$		-25,2907	0,0000
$TA_{i,t-1}$		-64,5957	0,0000
Ab_Prod_{it}		-57,7171	0,0000
Ab_DO_{it}		-53,1931	0,0000
Ab_FCO_{it}		-53,4011	0,0000
T_{it}		-24,9423	0,0000
End_{it}		-1789,9900	0,0000
G_{it}		-6,6E+14	0,0000

(...continua)

Apêndice T – Teste de raiz unitária (estacionariedade): Gerenciamento de Resultados (Modelo Paulo - 2007)
 (...continuação)

País	Variável	Estatística IPS	<i>p-value</i>	
África do Sul	TA_{it}	-20,7032	0,0000	
	R_{it}	-6,5231	0,0000	
	PPE_{it}	-9,2739	0,0000	
	INT_{it}	-12,0580	0,0000	
	FCO_{it}	-14,4460	0,0000	
	E_{it}	-7,5361	0,0000	
	E^2_{it}	-16,6885	0,0000	
	$\Delta E_{i,t-1}$	-15,4184	0,0000	
	$D\Delta E_{i,t-1}$	-5,5E+14	0,0000	
	$\Delta E_{i,t-1} * D\Delta E_{i,t-1}$	-5,8437	0,0000	
	$TA_{i,t-1}$	-17,1529	0,0000	
	Ab_Prod_{it}	-13,4803	0,0000	
	Ab_DO_{it}	-13,9156	0,0000	
	Ab_FCO_{it}	-28,8718	0,0000	
	T_{it}	-5,7029	0,0000	
	End_{it}	-12,6478	0,0000	
	G_{it}	-8,6180	0,0000	
	Brasil	TA_{it}	-12,4087	0,0000
		R_{it}	-3,6462	0,0000
PPE_{it}		-3,2132	0,0000	
INT_{it}		-0,7986	0,0000	
FCO_{it}		-13,3993	0,0000	
E_{it}		-7,0486	0,0000	
E^2_{it}		-9,5351	0,0000	
$\Delta E_{i,t-1}$		-18,6996	0,0000	
$D\Delta E_{i,t-1}$		-2,7E+14	0,0000	
$\Delta E_{i,t-1} * D\Delta E_{i,t-1}$		-11,1438	0,0000	
$TA_{i,t-1}$		-9,0180	0,0000	
Ab_Prod_{it}		-51,5052	0,0000	
Ab_DO_{it}		-13,6195	0,0000	
Ab_FCO_{it}		-11,3887	0,0000	
T_{it}		-9,7323	0,0000	
End_{it}		-6,9398	0,0000	
G_{it}		-3,9046	0,0000	

(...continua)

Apêndice T – Teste de raiz unitária (estacionariedade): Gerenciamento de Resultados (Modelo Paulo - 2007)
 (...continuação)

País	Variável	Estatística IPS	<i>p-value</i>
China	TA_{it}	-26,0342	0,0000
	R_{it}	-9,7543	0,0000
	PPE_{it}	-8,2224	0,0000
	INT_{it}	-10,1155	0,0000
	FCO_{it}	-22,3781	0,0000
	E_{it}	-7,7868	0,0000
	E^2_{it}	-22,1514	0,0000
	$\Delta E_{i,t-1}$	-29,9912	0,0000
	$D\Delta E_{i,t-1}$	-8,9E+14	0,0000
	$\Delta E_{i,t-1} * D\Delta E_{i,t-1}$	-29,1100	0,0000
	$TA_{i,t-1}$	-22,3299	0,0000
	Ab_Prod_{it}	-28,0548	0,0000
	Ab_DO_{it}	-21,9740	0,0000
	Ab_FCO_{it}	-32,8965	0,0000
	T_{it}	4,1473	0,0000
	End_{it}	-9,7598	0,0000
	G_{it}	-8,9895	0,0000

Apêndice U – Teste de multicolinearidade (FIV): Gerenciamento de Resultados (Modelo Paulo - 2007)

Dimensão utilizada	Variável	FIV ¹
Alemanha	R_{it}	8,9593
	PPE_{it}	1,5309
	INT_{it}	1,3038
	FCO_{it}	1,7796
	E_{it}	2,5595
	E^2_{it}	1,5310
	$\Delta E_{i,t-1}$	2,8827
	$D\Delta E_{i,t-1}$	1,3378
	$\Delta E_{i,t-1} * D\Delta E_{i,t-1}$	2,6807
	$TA_{i,t-1}$	1,0580
	Ab_Prod_{it}	2,7116
	Ab_DO_{it}	2,3504
	Ab_FCO_{it}	1,0391
	T_{it}	1,1563
	End_{it}	1,2726
	G_{it}	8,3411
França	R_{it}	8,1117
	PPE_{it}	1,5196
	INT_{it}	1,4598
	FCO_{it}	1,7373
	E_{it}	2,1477
	E^2_{it}	1,2402
	$\Delta E_{i,t-1}$	2,6094
	$D\Delta E_{i,t-1}$	1,4013
	$\Delta E_{i,t-1} * D\Delta E_{i,t-1}$	2,4248
	$TA_{i,t-1}$	1,0869
	Ab_Prod_{it}	1,4168
	Ab_DO_{it}	1,6627
	Ab_FCO_{it}	1,0265
	T_{it}	1,3299
	End_{it}	1,3217
	G_{it}	7,7605

(...continua)

Apêndice U – Teste de multicolinearidade (FIV): Gerenciamento de Resultados (Modelo Paulo - 2007)
 (...continuação)

Dimensão utilizada	Variável	FIV ¹
Itália	R_{it}	9,9355
	PPE_{it}	1,6315
	INT_{it}	1,5613
	FCO_{it}	1,8989
	E_{it}	3,8329
	E^2_{it}	2,5269
	$\Delta E_{i,t-1}$	2,6166
	$D\Delta E_{i,t-1}$	1,4120
	$\Delta E_{i,t-1} * D\Delta E_{i,t-1}$	2,3187
	$TA_{i,t-1}$	1,0804
	Ab_Prod_{it}	3,0009
	Ab_DO_{it}	1,5033
	Ab_FCO_{it}	1,0265
	T_{it}	1,3012
	End_{it}	1,2790
	G_{it}	8,5206
	Reino Unido	R_{it}
PPE_{it}		1,4442
INT_{it}		1,3219
FCO_{it}		2,8233
E_{it}		3,3637
E^2_{it}		1,9120
$\Delta E_{i,t-1}$		2,9532
$D\Delta E_{i,t-1}$		1,3665
$\Delta E_{i,t-1} * D\Delta E_{i,t-1}$		2,6473
$TA_{i,t-1}$		1,0221
Ab_Prod_{it}		1,3514
Ab_DO_{it}		1,3522
Ab_FCO_{it}		1,0179
T_{it}		1,3474
End_{it}		1,0405
G_{it}		6,0115

(...continua)

Apêndice U – Teste de multicolinearidade (FIV): Gerenciamento de Resultados (Modelo Paulo - 2007)
 (...continuação)

Dimensão utilizada	Variável	FIV ¹
África do Sul	R_{it}	8,9737
	PPE_{it}	1,6497
	INT_{it}	1,2089
	FCO_{it}	1,9249
	E_{it}	2,2619
	E^2_{it}	1,5836
	$\Delta E_{i,t-1}$	2,9020
	$D\Delta E_{i,t-1}$	1,4615
	$\Delta E_{i,t-1} * D\Delta E_{i,t-1}$	2,6099
	$TA_{i,t-1}$	1,1596
	Ab_Prod_{it}	2,8040
	Ab_DO_{it}	3,3546
	Ab_FCO_{it}	1,0389
	T_{it}	1,2569
	End_{it}	1,1952
	G_{it}	8,7716
	Brasil	R_{it}
PPE_{it}		1,4397
INT_{it}		1,3019
FCO_{it}		1,6545
E_{it}		1,6138
E^2_{it}		1,2493
$\Delta E_{i,t-1}$		3,0757
$D\Delta E_{i,t-1}$		1,4173
$\Delta E_{i,t-1} * D\Delta E_{i,t-1}$		2,8582
$TA_{i,t-1}$		1,3751
Ab_Prod_{it}		2,3629
Ab_DO_{it}		2,8499
Ab_FCO_{it}		1,0274
T_{it}		1,2309
End_{it}		1,0989
G_{it}		5,6908

(...continua)

Apêndice U – Teste de multicolinearidade (FIV): Gerenciamento de Resultados (Modelo Paulo - 2007)
 (...continuação)

Dimensão utilizada	Variável	FIV ¹
China	R_{it}	9,1760
	PPE_{it}	1,4591
	INT_{it}	1,0879
	FCO_{it}	1,6799
	E_{it}	1,7048
	E_{it}^2	1,3087
	$\Delta E_{i,t-1}$	2,8039
	$D\Delta E_{i,t-1}$	1,4015
	$\Delta E_{i,t-1} * D\Delta E_{i,t-1}$	2,6186
	$TA_{i,t-1}$	1,1307
	Ab_Prod_{it}	3,0640
	Ab_DO_{it}	3,5285
	Ab_FCO_{it}	1,0645
	T_{it}	1,2575
	End_{it}	1,4727
	G_{it}	8,1730

⁽¹⁾ FIV = $1/(1-R^2)$, sendo valor superior a 10 indicador de forte colinearidade.

Apêndice V – Estatística descritiva (antes da adoção dos IFRS): *Value Relevance*

País	Variável	Média	Mediana	Máximo	Mínimo	Desvio-padrão	n
Alemanha	VM_{it}	1,1424	0,5718	18,6048	0,0026	1,7964	2305
	PL_{it}	0,4104	0,3770	1,8714	-0,8086	0,2685	2305
	LL_{it}	-0,0453	0,0165	0,8678	-1,9683	0,2341	2305
	T_{it}	12,0490	11,7178	19,1482	6,6399	2,1003	2305
	E_{it}	0,2155	0,1801	1,1652	0,0000	0,2051	2305
	G_{it}	1,2051	1,1153	11,1536	0,0000	0,7849	2305
	FCO_{it}	0,0307	0,0535	1,4809	-1,5579	0,1659	2305
França	VM_{it}	1,0993	0,6198	15,6054	0,0087	1,5069	2065
	PL_{it}	0,3540	0,3547	0,9732	-4,4602	0,2630	2065
	LL_{it}	-0,0015	0,0302	1,2068	-4,9921	0,2250	2065
	T_{it}	12,2415	11,8389	18,8311	6,9217	2,3606	2065
	E_{it}	0,2187	0,2058	1,1024	0,0000	0,1587	2065
	G_{it}	1,1517	1,0887	4,8594	-0,2303	0,5889	2065
	FCO_{it}	0,0555	0,0670	1,3100	-1,9496	0,1430	2065
Itália	VM_{it}	0,7549	0,5332	7,7022	0,0003	0,9041	672
	PL_{it}	0,3917	0,3626	0,9644	-0,1151	0,1947	672
	LL_{it}	-0,0043	0,0176	0,2161	-2,2215	0,1306	672
	T_{it}	12,9911	12,6776	18,4253	7,4748	1,8939	672
	E_{it}	0,2501	0,2571	0,7581	0,0000	0,1520	672
	G_{it}	0,7551	0,7242	4,0951	0,0057	0,4636	672
	FCO_{it}	0,0534	0,0588	1,2286	-0,9533	0,1280	672
Reino Unido	VM_{it}	1,3303	0,8201	19,0675	0,0357	1,6433	1780
	PL_{it}	1,5599	0,1466	19,7598	-10,6472	3,6287	1780
	LL_{it}	-0,0078	0,0404	0,6347	-1,9140	0,2124	1780
	T_{it}	11,6170	11,4613	18,9045	5,1648	2,2835	1780
	E_{it}	0,1955	0,1651	2,3958	0,0000	0,1951	1780
	G_{it}	1,0884	1,0214	5,1842	0,0000	0,8152	1780
	FCO_{it}	0,0547	0,0756	0,9533	-2,1314	0,1648	1780
África do Sul	VM_{it}	0,9041	0,5835	11,3094	0,0228	1,0940	1149
	PL_{it}	0,4811	0,4757	3,6039	-1,3517	0,2518	1149
	LL_{it}	0,0144	0,0674	2,5731	-4,0641	0,3594	1149
	T_{it}	13,1741	13,1892	18,1084	7,0630	2,1559	1149
	E_{it}	0,1846	0,1383	1,8759	0,0000	0,1935	1149
	G_{it}	1,3663	1,3022	6,2591	0,0000	0,9703	1149
	FCO_{it}	0,0806	0,0905	6,6901	-3,8577	0,2905	1149

(...continua)

Apêndice V – Estatística descritiva (antes da adoção dos IFRS): Value Relevance
(continuação)

País	Variável	Média	Mediana	Máximo	Mínimo	Desvio-padrão	n
Brasil	VM_{it}	0,6013	0,2299	7,9553	0,0023	1,0121	505
	PL_{it}	0,2696	0,3855	0,9997	-3,0138	0,5588	505
	LL_{it}	0,0243	0,0444	0,9987	-1,1063	0,1581	505
	T_{it}	13,6373	13,4872	19,2222	7,8164	2,0156	505
	E_{it}	0,2875	0,2386	3,0945	0,0000	0,3315	505
	G_{it}	0,8122	0,7139	3,3195	0,0000	0,5715	505
	FCO_{it}	0,0754	0,0865	0,7778	-1,5605	0,1708	505
China	VM_{it}	1,3900	1,1167	9,7645	0,0410	1,0245	3268
	PL_{it}	0,4602	0,4633	0,9727	-2,8906	0,2357	3268
	LL_{it}	0,0156	0,0248	0,5605	-2,5265	0,1088	3268
	T_{it}	14,3778	14,2469	20,2201	11,3921	1,0022	3268
	E_{it}	0,2867	0,2782	2,0484	0,0000	0,1813	3268
	G_{it}	0,6667	0,5321	9,6548	0,0000	0,5487	3268
	FCO_{it}	0,0533	0,0527	1,0690	-0,4876	0,0857	3268

Apêndice X – Estatística descritiva (depois da adoção dos IFRS): *Value Relevance*

País	Variável	Média	Mediana	Máximo	Mínimo	Desvio-padrão	n
Alemanha	VM_{it}	0,9741	0,6403	16,3742	0,0006	1,1703	3276
	PL_{it}	0,4455	0,4253	1,4888	-1,5031	0,2506	3276
	LL_{it}	-0,0046	0,0295	1,2853	-1,7359	0,1819	3276
	T_{it}	12,0074	11,7415	19,3847	6,4520	2,1885	3276
	E_{it}	0,2195	0,1789	1,3956	0,0000	0,2087	3276
	G_{it}	1,1458	1,0361	17,8948	-0,2040	0,8473	3276
	FCO_{it}	0,0387	0,0591	1,8989	-1,5358	0,1598	3276
França	VM_{it}	0,8983	0,6037	17,2991	0,0022	1,0522	3205
	PL_{it}	0,3963	0,3994	2,6452	-2,8107	0,2666	3205
	LL_{it}	0,0170	0,0329	0,9026	-2,8886	0,1307	3205
	T_{it}	12,3306	11,8921	19,2912	7,0049	2,3152	3205
	E_{it}	0,2161	0,1860	2,5379	0,0000	0,1969	3205
	G_{it}	1,0158	0,9458	6,5620	0,0000	0,6180	3205
	FCO_{it}	0,0585	0,0635	0,8926	-1,1058	0,1086	3205
Itália	VM_{it}	0,6401	0,4695	7,3808	0,0001	0,6881	1279
	PL_{it}	0,3458	0,3371	0,9671	-1,0496	0,2025	1279
	LL_{it}	-0,0017	0,0168	0,2685	-0,9187	0,1015	1279
	T_{it}	13,1319	12,7717	18,9141	8,4319	1,8551	1279
	E_{it}	0,3018	0,2964	1,1617	0,0000	0,1744	1279
	G_{it}	0,7537	0,7179	2,9688	0,0000	0,4495	1279
	FCO_{it}	0,0414	0,0479	0,4852	-0,6592	0,0918	1279
Reino Unido	VM_{it}	1,3043	0,8138	19,0112	0,0000	1,6407	5392
	PL_{it}	1,7366	0,2286	19,9645	-19,7719	3,6242	5392
	LL_{it}	-0,0280	0,0314	1,8300	-1,9901	0,2425	5392
	T_{it}	11,5344	11,2778	24,0242	5,1120	2,3381	5392
	E_{it}	0,1739	0,1219	3,3810	0,0000	0,2097	5392
	G_{it}	0,9344	0,7832	13,8317	-0,0664	0,8966	5392
	FCO_{it}	0,0237	0,0550	2,3168	-3,6270	0,2036	5392
África do Sul	VM_{it}	1,1628	0,8082	19,3012	0,0088	1,4021	1641
	PL_{it}	0,4903	0,5074	8,4252	-8,5129	0,4167	1641
	LL_{it}	0,0558	0,0715	7,5154	-4,1409	0,3315	1641
	T_{it}	13,8415	13,7651	19,0092	5,2364	2,1793	1641
	E_{it}	0,1887	0,1430	7,1059	0,0000	0,2863	1641
	G_{it}	1,2518	1,1322	6,6483	0,0000	0,9624	1641
	FCO_{it}	0,0982	0,0832	19,6585	-4,5503	0,5874	1641

(...continua)

Apêndice X – Estatística descritiva (depois da adoção dos IFRS): Value Relevance
(continuação)

País	Variável	Média	Mediana	Máximo	Mínimo	Desvio-padrão	n
Brasil	VM_{it}	0,7553	0,4649	7,2586	0,0054	0,9254	910
	PL_{it}	0,3000	0,4123	1,0036	-4,6442	0,6038	910
	LL_{it}	0,0273	0,0404	2,0177	-2,5304	0,1805	910
	T_{it}	14,2242	14,3006	20,1975	8,0382	1,8779	910
	E_{it}	0,3187	0,2827	3,7161	0,0000	0,3054	910
	G_{it}	0,7136	0,6322	3,9104	0,0000	0,5469	910
	FCO_{it}	0,0601	0,0628	1,3894	-1,4408	0,1540	910
China	VM_{it}	1,8892	1,5191	9,7916	0,0617	1,3790	3718
	PL_{it}	0,4245	0,4208	0,9983	-2,4105	0,2274	3718
	LL_{it}	0,0326	0,0303	2,8103	-1,1635	0,0934	3718
	T_{it}	15,0882	14,9061	21,3741	11,2950	1,3335	3718
	E_{it}	0,2815	0,2767	2,0373	0,0000	0,1837	3718
	G_{it}	0,7258	0,6015	8,8103	0,0000	0,5846	3718
	FCO_{it}	0,0467	0,0465	0,8924	-1,0207	0,0943	3718

Apêndice W – Teste de raiz unitária (estacionariedade) antes da adoção dos IFRS: *Value Relevance*

País	Variável	Estatística IPS	<i>p-value</i>
Alemanha	VM_{it}	-96,4852	0,0000
	PL_{it}	-11,9271	0,0000
	LL_{it}	-6,6552	0,0000
	T_{it}	-14,2994	0,0000
	E_{it}	-13,2636	0,0000
	G_{it}	-18,0008	0,0000
	FCO_{it}	-13,5996	0,0000
França	VM_{it}	-35,8303	0,0000
	PL_{it}	-3,6261	0,0001
	LL_{it}	-4,9692	0,0000
	T_{it}	-6,8099	0,0000
	E_{it}	-3,6488	0,0001
	G_{it}	-5,6131	0,0000
	FCO_{it}	-13,4427	0,0000
Itália	VM_{it}	-25,3161	0,0000
	PL_{it}	-6,5568	0,0000
	LL_{it}	-1,9795	0,0000
	T_{it}	-5,3516	0,0000
	E_{it}	-2,3585	0,0000
	G_{it}	-5,8675	0,0000
	FCO_{it}	-10,7895	0,0000
Reino Unido	VM_{it}	-11,6202	0,0000
	PL_{it}	-10,7256	0,0000
	LL_{it}	-13,8687	0,0000
	T_{it}	-21,3320	0,0000
	E_{it}	-57,9847	0,0000
	G_{it}	-12,8672	0,0000
	FCO_{it}	-25,6943	0,0000
África do Sul	VM_{it}	-19,2127	0,0000
	PL_{it}	-11,0798	0,0000
	LL_{it}	-2,9188	0,0018
	T_{it}	-1,8795	0,0301
	E_{it}	-16,7723	0,0000
	G_{it}	-2,4840	0,0065
	FCO_{it}	-9,1652	0,0000

(...continua)

Apêndice W – Teste de raiz unitária (estacionariedade) antes da adoção dos IFRS: *Value Relevance*
(continuação)

País	Variável	Estatística IPS	<i>p-value</i>
Brasil (*)	VM_{it}	n/a	n/a
	PL_{it}	n/a	n/a
	LL_{it}	n/a	n/a
	T_{it}	n/a	n/a
	E_{it}	n/a	n/a
	G_{it}	n/a	n/a
	FCO_{it}	n/a	n/a
China	VM_{it}	-44,3979	0,0000
	PL_{it}	-9,9156	0,0000
	LL_{it}	-17,2742	0,0000
	T_{it}	-11,8946	0,0000
	E_{it}	-15,5816	0,0000
	G_{it}	-8,3643	0,0000
	FCO_{it}	-24,3087	0,0000

(*) Série curta para o cálculo da estatística IPS

Apêndice Y – Teste de raiz unitária (estacionariedade) depois da adoção dos IFRS: *Value Relevance*

País	Variável	Estatística IPS	<i>p-value</i>
Alemanha	VM_{it}	-19,4302	0,0000
	PL_{it}	-10,8237	0,0000
	LL_{it}	-10,6036	0,0000
	T_{it}	-17,9098	0,0000
	E_{it}	-25,5339	0,0000
	G_{it}	-19,4970	0,0000
	FCO_{it}	-13,4894	0,0000
França	VM_{it}	-7,4699	0,0000
	PL_{it}	-8,1952	0,0000
	LL_{it}	-8,3684	0,0000
	T_{it}	-5,8284	0,0000
	E_{it}	-497,0840	0,0000
	G_{it}	-8,6364	0,0000
	FCO_{it}	-11,6462	0,0000
Itália	VM_{it}	-104,0020	0,0000
	PL_{it}	-0,4418	0,0000
	LL_{it}	-2,7358	0,0031
	T_{it}	-2,9988	0,0014
	E_{it}	-6,9867	0,0000
	G_{it}	-11,0041	0,0000
	FCO_{it}	-7,6496	0,0000
Reino Unido	VM_{it}	-15,0795	0,0000
	PL_{it}	-15,6070	0,0000
	LL_{it}	-22,2572	0,0000
	T_{it}	-25,4021	0,0000
	E_{it}	-147,5960	0,0000
	G_{it}	-14,9807	0,0000
	FCO_{it}	-18,7750	0,0000
África do Sul	VM_{it}	-39,1285	0,0000
	PL_{it}	-3,3827	0,0004
	LL_{it}	-47,2703	0,0000
	T_{it}	-6,8692	0,0000
	E_{it}	-163,5030	0,0000
	G_{it}	-9,4721	0,0000
	FCO_{it}	-7,5873	0,0000

(...continua)

Apêndice Y – Teste de raiz unitária (estacionariedade) depois da adoção dos IFRS: *Value Relevance*
(continuação)

País	Variável	Estatística IPS	<i>p-value</i>
Brasil	VM_{it}	n/a	n/a
	PL_{it}	n/a	n/a
	LL_{it}	n/a	n/a
	T_{it}	n/a	n/a
	E_{it}	n/a	n/a
	G_{it}	n/a	n/a
	FCO_{it}	n/a	n/a
China	VM_{it}	-37,8423	0,0000
	PL_{it}	-16,3541	0,0000
	LL_{it}	-57,9104	0,0000
	T_{it}	-6,6967	0,0000
	E_{it}	-27,6074	0,0000
	G_{it}	-12,5619	0,0000
	FCO_{it}	-20,3666	0,0000

(*) Série curta para o cálculo da estatística IPS

Apêndice Z – Teste de multicolinearidade (FIV) antes da adoção dos IFRS: Value Relevance

País	Variável	FIV ¹
Alemanha	PL_{it}	1,9058
	LL_{it}	1,5619
	T_{it}	1,1848
	E_{it}	1,7167
	G_{it}	1,1890
	FCO_{it}	1,5945
França	PL_{it}	1,7222
	LL_{it}	2,0371
	T_{it}	1,2158
	E_{it}	1,5139
	G_{it}	1,3467
	FCO_{it}	1,7118
Itália	PL_{it}	2,1781
	LL_{it}	1,5186
	T_{it}	1,2036
	E_{it}	1,9382
	G_{it}	1,2486
	FCO_{it}	1,4537
Reino Unido	PL_{it}	1,1272
	LL_{it}	1,8162
	T_{it}	1,2893
	E_{it}	1,0810
	G_{it}	1,0975
	FCO_{it}	1,9337
África do Sul	PL_{it}	1,8454
	LL_{it}	1,1961
	T_{it}	1,1297
	E_{it}	1,6492
	G_{it}	1,3458
	FCO_{it}	1,0972
Brasil	PL_{it}	2,4521
	LL_{it}	2,0918
	T_{it}	1,2322
	E_{it}	1,7048
	G_{it}	1,1123
	FCO_{it}	1,3785

(...continua)

Apêndice Z – Teste de multicolinearidade (FIV) antes da adoção dos IFRS: Value Relevance (continuação)

País	Variável	FIV ¹
China	PL_{it}	2,3535
	LL_{it}	1,3754
	T_{it}	1,0779
	E_{it}	2,1507
	G_{it}	1,0945
	FCO_{it}	1,1441

(1) $FIV = 1/(1-R^2)$, sendo valor superior a 10 indicador de forte colinearidade.

Apêndice AA – Teste de multicolinearidade (FIV) depois da adoção dos IFRS: Value Relevance

País	Variável	FIV ¹
Alemanha	PL_{it}	2,2048
	LL_{it}	1,5071
	T_{it}	1,2215
	E_{it}	2,0596
	G_{it}	1,1796
	FCO_{it}	1,4694
França	PL_{it}	2,0548
	LL_{it}	1,6012
	T_{it}	1,1500
	E_{it}	2,0040
	G_{it}	1,2598
	FCO_{it}	1,5358
Itália	PL_{it}	2,0497
	LL_{it}	1,8518
	T_{it}	1,2304
	E_{it}	1,8609
	G_{it}	1,2865
	FCO_{it}	1,5442
Reino Unido	PL_{it}	1,1547
	LL_{it}	2,1316
	T_{it}	1,4102
	E_{it}	1,0980
	G_{it}	1,0731
	FCO_{it}	2,2236
África do Sul	PL_{it}	2,8862
	LL_{it}	1,8491
	T_{it}	1,0790
	E_{it}	2,0630
	G_{it}	1,2025
	FCO_{it}	1,1134
Brasil	PL_{it}	2,8958
	LL_{it}	1,3259
	T_{it}	1,2104
	E_{it}	2,4625
	G_{it}	1,0282
	FCO_{it}	1,1934

(...continua)

Apêndice AA – Teste de multicolinearidade (FIV) depois da adoção dos IFRS: <i>Value Relevance</i> (continuação)		
País	Variável	FIV ¹
China	PL_{it}	1,4024
	LL_{it}	1,1023
	T_{it}	1,0754
	E_{it}	1,4640
	G_{it}	1,0318
	FCO_{it}	1,0778

(1) $FIV = 1/(1-R^2)$, sendo valor superior a 10 indicador de forte colinearidade.